

Edição especial
Special edition

FUTURO DO PRETERITO

SET. 2020 • VOL.2 • NÚM. 3

SEPTEMBER. 2020 • VOL.2 •

FEUSP

EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA

ENTREVISTAS ESPECIAIS
COM DOCENTES,
PROFISSIONAIS DA
SAÚDE E EDUCADORAS
DA REDE PÚBLICA

CONEXÃO SUL-SUL

Estudantes da FEUSP
trocam cartas com
estudantes da Faculdade
de Educação da
Universidade de
Kwazulu-Natal, na África
do Sul

Cartas relatando as experiências,
reflexões e desafios pessoais
diante deste novo momento

EDUCATION IN TIME OF PANDEMIC

Special interviews with
professors, health
professionals and public
school educators

CONNEXION SOUTH-SOUTH

FEUSP students exchange
letters with students from the
School of Education at the
University of Kwazulu-Natal,
South Africa

Letters and/on pieces
describing experiences,
reflections and personal
challenges in the face of this
new moment

ISSN 0026-7546



9 770026 754553

Revista Futuro do Pretérito | Magazine

ISSN: 2675-455X

Núm. 3 - Vol.2- Set. 2020 | N. 3 - Vol.2- Sep., 2020

Publicação eletrônica (divulgação) | *Electronic publishing (disclosure)*

Quadrimestral (edição especial) | *Quarterly (Special Edition)*

Imagem da capa | *Cover photo*

Ione Messias, estudante da Pedagogia, e seu filho olhando para o horizonte
(Créditos: arquivo pessoal da Ione Messias)

Ione Messias, student at School of Education, and his son looking at the horizon
(Credits: Ione Messias personal archive)

Direção editorial | *Editorial direction:*

Millena Miranda Franco (FEUSP)

Vice-direção editorial | *Editorial vice-direction:*

Giulianna Ramalho Osteti (FEUSP)

Conselho Editorial/Redação | *Editorial Board / Editorial Staff:*

Nathália Pinheiro (FEUSP)

Revisão | *Revision:*

Thays Fernandes (FEUSP)

Fabiana do Amaral Godioso (FEUSP)

Assessoria de Imprensa e Divulgação | *Press office and publicity:*

Beatriz Hitos (FEUSP)

Revisora convidada | *Guest reviewer:*

Marcela Inácio da Silva (Pedagogia)

Colaboração | *Collaboration:*

Creative Network Magazine™

Prof. Dr. (PhD) Agnaldo Arroio

Comissão de Cooperação Nacional e Internacional

(*Intenational Office - CCInt*)

Comunicação e Mídia FEUSP

Universidade de São Paulo | *University of Sao Paulo*

Reitor (*University Dean*): Prof. Dr. (*PhD*) Vahan Agopyan

Vice-reitor (*vice-Dean*): Antonio Carlos Hernandes

Faculdade de Educação | *School of Education*

Diretor (*Principal*): Prof. Dr. (*PhD*) Marcos Garcia Neira

Vice-diretor (*vice-Principal*): Prof. Dr. (*PhD*) Vinicio de Macedo Santos

Avenida da Universidade, 308 | *University Avenue, 308*

Cidade Universitária - Butatã

05508-040 - São Paulo - Brasil (*Brazil*)

Escreva para a revista Futuro do Pretérito | *Write to us:*

revista.futuro.pretérito@gmail.com

Conheça nosso site (*visite our website*):

revistafpfeusp.wixsite.com/site

Fone (*Phone*): +55 11 9 7240-1450

Revista

**FUTURO DO
PRETÉRITO**

FEUSP

ISSN 0026-7546



9 770026 754553

SUMÁRIO

Contents

APRESENTAÇÃO

Saiba mais sobre os projetos que deram origem a esta edição especial.

EDITOR'S WORDS

Find out more about the projects that gave rise to this special edition.

04

06

CONEXÃO SUL-SUL

Troca de relatos de experiência entre estudantes da FEUSP e Faculdade de Educação da Universidade de KwaZulu-Natal.

CONNEXION SOUTH-SOUTH

Interchange of reports between students of the School of Education of USP and students of the School of Education of UKZN.

EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA

Entrevistas a profissionais da saúde, docentes e estudantes da FEUSP e professoras da rede pública municipal de educação,

EDUCATION IN PANDEMIC TIMES

Interviews with health professionals, FEUSP professors and students and public school teachers.

62

137

HORA DA DESPEDIDA

Seu apoio sempre foi muito importante para nós

FAREWELL TIME

Your support has always been very important to us

APRESENTAÇÃO

A "FUTURO DO PRETÉRITO" CONTINUA EM 3,2,1...

Olá!

A Futuro do Pretérito é uma revista eletrônica de divulgação, feita em tributo à ciência e à história produzidas na Faculdade de Educação da USP, de modo que estas se tornem mais acessíveis ao maior número possível de pessoas (estudantes, funcionários/as, docentes e comunidade externa). Seu nome faz referência ao tempo verbal que expressa imaginação, questionamento e remete à tentativa de valorização do passado em tempos presentes e como essa sintonia pode formular perspectivas e aspirações mais conscientes para o futuro.

Construída por muitas mãos e olhares pautados nesses ideais, a revista busca subverter a lógica do esquecimento, lançando luzes para que sujeitos e tempos não sejam apenas verbais, mas históricos. Nossa revista é a primeira na história da Faculdade de Educação a ser feita por estudantes. Temos muito orgulho deste fato, mas também estamos cientes da responsabilidade assumida e, por isto, nos esforçaremos ao máximo para oferecer um trabalho de boa qualidade e sempre questionador.

Em abril, as estudantes feuspianas que integram a Revista Futuro do Pretérito tiveram contato com estudantes editoras da revista estudantil sul-africana Creative Network, produzida na Faculdade de Educação da Universidade de KwaZulu-Natal. De modo a fortalecer a conexão sul-sul, as duas equipes decidiram promover o engajamento comunitário ao fazer troca de cartas/textos/produções criativas entre as duas comunidades.

Somos muito gratas pela ponte iniciada pelo Prof. Dr. Agnaldo Arroio, pelo apoio, receptividade e entusiasmo da Profa. Dra. Angela James e demais colegas e também pelo incentivo da CCint (Comissão de Cooperação Nacional e Internacional da FEUSP).

Concomitantemente, iniciamos um ciclo de entrevistas a profissionais da saúde, docentes e estudantes da FEUSP e professoras da rede pública municipal de educação, perguntado-lhes sobre suas vivências, reflexões e experiências frente a pandemia.

A partir da rica produção gerada por estes dois projetos, decidimos organizar esta edição especial, na esperança de que os relatos e reflexões possam te inspirar e auxiliar a atravessar este momento.

Estejam em segurança e boa leitura!

EDITOR'S WORDS

THE "FUTURO DO PRETÉRITO" STARTS IN 3,2,1...

Hi!

Futuro do Pretérito magazine is an divulgative electronic journal, made in tribute to science and history produced at the School of Education of USP, so that they become more accessible to the largest possible number of people (students, employees, teachers and external community). Its name refers to a Portuguese verbal tense that expresses imagination, questioning and refers to the attempt to value the past in present times and how this harmony can form more conscious perspectives and aspirations for the future.

Built by many hands and looks based on these ideals, the magazine aims to subvert the logic of forgetfulness, shedding light so that subjects (people) and times are not only verbal, but historical. Our magazine is the first in the history of the School of Education (FEUSP) to be made by students. We are very proud of this fact, but we are also aware of the responsibility assumed and, therefore, we will do our utmost to offer good quality and always questioning work.

In April, students of School of Education of USP, who are editors of the Futuro do Pretérito Magazine had contact with student editors of the South African student magazine, the Creative Network, produced at the School of Education at the University of KwaZulu-Natal. In order to strengthen the south-south connection, the two teams decided to promote community engagement by exchanging letters/texts/creative pieces between the two communities.

We are very grateful for the connexion started by PhD. Agnaldo Arroio, for the support, receptivity and enthusiasm of PhD. Angela James and other colleagues and also for the encouragement of CCint (National and International Cooperation Commission of FEUSP).

At the same time, we started a cycle of interviews with health professionals, professors and students from FEUSP and teachers from public schools, asking them about their experiences and reflections in the face of the pandemic.

Based on the rich production generated by these two projects, we decided to organize this special edition, in the hope that the reports and reflections can inspire you and help you through this moment.

Stay safe and good reading!

Conexão Sul-Sul

***Creative Network Magazine e
revista Futuro do Pretérito***

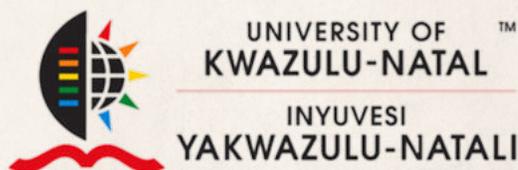
Em abril, as estudantes feuspianas que integram a Revista Futuro do Pretérito tiveram contato com estudantes editoras da revista estudantil sul-africana Creative Network, produzida na Faculdade de Educação da Universidade de KwaZulu-Natal. De modo a fortalecer a conexão sul-sul, as duas equipes decidiram fazer troca de relatos acerca de experiências estudantis, diante destes novos tempos e espaços educativos.

Somos muito gratas pela ponte iniciada pelo Prof. Dr. Agnaldo Arroio, pelo apoio, receptividade e entusiasmo da Profa. Dra. Angela James e demais colegas e também pelo incentivo da CCint (Comissão de Cooperação Nacional e Internacional da FEUSP).

A troca de relatos contou com a participação de estudantes e docentes da University of KwaZulu-Natal.

Agradecemos a inestimável contribuição oferecida pela Creative Network Magazine, que publicou para sua comunidade todas as cartas produzidas por estudantes da FEUSP.

Manifestamos nossa imensa estima e honra por esta cooperação internacional e por todas as pessoas que participaram da proposta direta e indiretamente. Esperamos que os relatos criativos/cartas possam ajudar nossos/as leitores/as, tanto quanto nos ajudou.



Connexion South-South

Creative Network Magazine and Futuro do Pretérito (magazine)

In April, students from School of Education of University of Sao Paulo who are editors of the Futuro do Pretérito Magazine had contact with student editors of the South African student magazine, Creative Network, produced at the School of Education at the University of KwaZulu-Natal. In order to strengthen the South-South connection, the two teams decided to exchange reports about student experiences, given these new times and educational spaces.

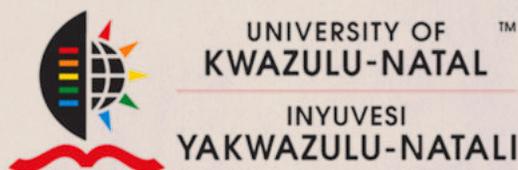
We are very grateful for the connexion started by PhD. Agnaldo Arroio, for the receptivity and enthusiasm of PhD. Angela James and other colleagues editors and also for the encouragement of CCint (International Office - FEUSP).

The exchange of reports was attended by students and professors from the University of KwaZulu-Natal.

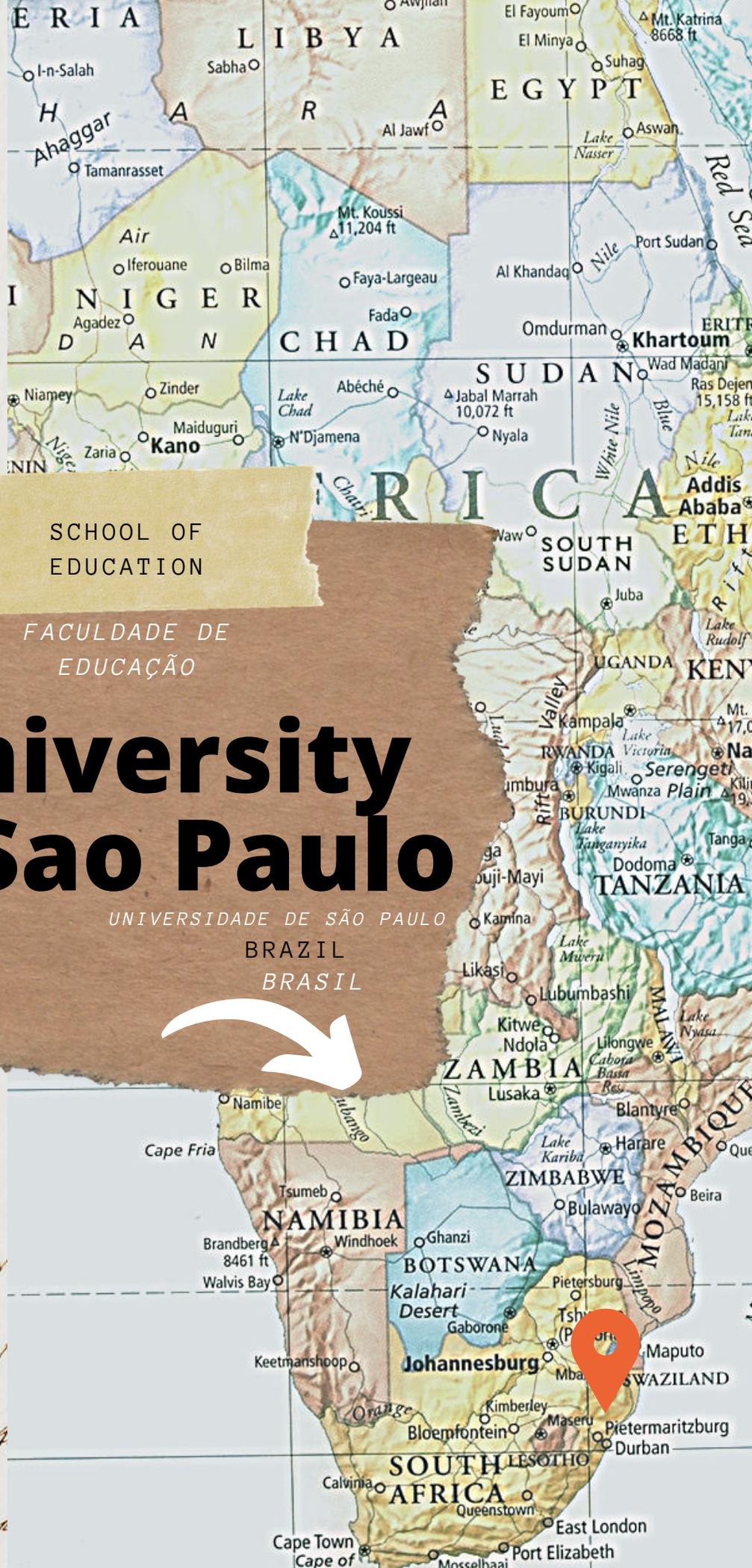
We are grateful for the invaluable contribution offered by Creative Network Magazine, which published all letters and pieces produced by FEUSP students to its community.

We express our immense esteem and honor for this international cooperation and for all the people who participated in the proposal directly and indirectly.

We hope that the reports/texts/creative pieces can help our readers as much as it helped us.



Handwritten text in cursive script, partially visible at the top left of the page.



SCHOOL OF
EDUCATION

FACULDADE DE
EDUCAÇÃO

University of Sao Paulo

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
BRAZIL
BRASIL

Handwritten text in cursive script, partially visible at the bottom left of the page.



Brenda de Araujo Pereira dos Anjos **Universidade de São Paulo - Faculdade de Educação**

COVID-19: um novo tempo

No final de 2019, foi detectado um vírus desconhecido na China com um alto nível de contágio. Em fevereiro de 2020, ele chegou ao Brasil. Tudo aconteceu tão rápido! Em março deste ano, os brasileiros começaram a quarentena e aqueles que não podiam ficar em casa adotaram novos equipamentos e medidas para seus empregos. Portanto, mudamos nossas rotinas: trabalhar em casa, malhar em casa, e até compras você pode fazer em casa.

Quase tudo sobre nossas vidas, a partir de agora, teria de ser feito em casa. E, como todas as coisas, com os estudos não foi diferente: também mudou. Agora, precisamos ver o professor na tela do computador, não podemos procurá-lo depois da aula para perguntar sobre alguma dúvida ou compartilhar com outros o que você entendeu sobre a próxima aula ou o próximo trabalho, a menos que seja usando um aplicativo de e-mail ou chat. Isso se você tiver acesso à internet. O contato com ele e com nossos colegas não é mais o mesmo. Não podemos acessar a biblioteca para encontrar um livro ou participar de cursos extras oferecidos pela faculdade.

Além disso, as diferentes condições das pessoas tornam-se ainda mais claras. Nem todos têm um computador ou um local calmo para estudar; nem todos têm condições mentais ou familiares para enfrentar esta situação com tranquilidade. Agora devemos lidar com nossos empregos, estudos, crianças, saúde física e saúde mental enquanto todos os dias vemos milhares de pessoas morrendo. É um novo momento, um momento difícil. Um novo mundo onde teremos que aprender a viver novamente.

Brenda de Araujo Pereira dos Anjos **University of Sao Paulo – School of Education**

COVID-19: A new time

At the end of 2019 was detected a virus unknowledge on China with a high level of contagion. Since then, this virus has gone around the world and in February 2020, it has arrived on Brazil. Everything happened so fast, that in March from this year the Brazilians have started the quarantine and those who that couldn't stay in home has had adopted new equipment and measures to their jobs. Therefore, we had our routines changed: work in home, workout in home and even shopping you can do in home. Almost all about our lives from now would have to be done at home.

And as all things, the studies aren't different, it changed as well. Now we need see the teacher from computer screen, we can't look for the him after class to asking about some doubt or share to other what you understood about next ork, unless it be using an e-mail or chat app, all these if you have an easy internet access. The contact with he and our colleagues isn't the same. You can't access the library to find a book or participate of extras courses that college offers.

Beyond, the different people conditions become even clearer. Not all have a computer, not all have a calm place to study, not all have mental or family condition to facing this situation with tranquility. Now we must deal with our jobs, studies, children, physical health and mental health while all days we see thousands of people dying. It's a new time, a hard time. A new world where we will have to learn live again.



Erica Sayuri Ito - estudante de Pedagogia Universidade de São Paulo - Faculdade de Educação (FEUSP)

Caros alunos da UKZN,

Meu nome é Erica e estou cursando o último semestre da graduação em Pedagogia. Trabalho com Inovação e Tecnologia no Ensino Superior.

Sou pesquisadora do Laboratório de Aprendizagem da USP (Universidade de São Paulo) na Unidade de Saúde Pública.

Estou criando mecanismos para auxiliar professores e alunos da unidade, mapeando suas experiências com educação durante a emergência Covid-19.

Eu sinto que todos estão ajudando uns aos outros da maneira que podem. Na FEUSP (Faculdade de Educação da USP), a direção e os professores estão sendo compreensíveis e mantendo os alunos informados, enviando mensagens semanais sobre a situação da faculdade e sendo flexíveis na entrega de trabalhos.

No entanto, desde que entrei em quarentena devido ao Covid-19, sinto como se estivesse em um aquário, onde perco a noção de se o mundo ainda está girando. Sinto-me impotente e desolada com o agravamento da doença em meu país. Sinto falta da minha família, amigos e do ambiente cotidiano; e tudo isso me fez escrever este pequeno texto:

"Uma das últimas etapas do colégio foi assim: descalço no chão de gelo, mas aquecido pelos movimentos. Em você dancei ... estudei, chorei, amei. Nossa despedida foi repentina. Fiz de você uma segunda casa nesses cinco anos, construída com pisos quentes e cheios de alma e tetos ilimitados. Um dia voltarei a sentir novamente os solos que, por um tempo, não foram meus".

Embora meu coração esteja apertado, acredito e espero que tudo fique bem.

Tudo de bom,

Fiquem fortes e seguros, Erica Sayuri Ito.

Erica Sayuri Ito- Student at School of Education Universidade de São Paulo – Faculdade de Educação (FEUSP)

Dear students of UKZN,

My name is Erica and I am in the last semester of the degree in Pedagogy. I work with Innovation and Technology in Higher Education.

I am a researcher at the Learning Laboratory of the USP (University of São Paulo) at the Public Health Unit. I am creating mechanisms to assist teachers and students of the unit by mapping their experience with education during the Covid-19 emergency.

I feel like everyone is helping each other the way they can. On FEUSP (USP's Education College) the direction and teachers are being understandable and are keeping the students informed by sending weekly messages about the college situation and being flexible with the deliveries of jobs.

However, since I went into quarantine due to Covid-19, I feel like being in an aquarium, where I lose the notion of whether the world is still spinning. I feel powerless and desolate about the worsening of the disease in my country. I miss my family, friends and the everyday environments; and it makes me write this little text:

“One of the last steps at the college was like this: barefoot on an icy floor, but heated by the movements. In you I danced... I studied, I cried, I loved. Our farewell was sudden. I've made of you a second home in these five years, built with warm soulful floors and boundless ceilings. One day I will return to feel again the soils that for a time were not mine.”

Although my heart is tight, I believe and hope that everything will be fine.

All the best,

Stay strong and safe,

Erica Sayuri Ito.



Giulianna R. Osteti - estudante de Pedagogia Universidade de São Paulo - Faculdade de Educação (FEUSP)

São Paulo, Brasil, 29 de maio de 2020,

Oii

Espero que todos estejam bem e tenham sido apoiados durante esta crise mundial.

Eu sou Giulianna, uma estudante brasileira de 21 anos. Nesta carta, gostaria de falar sobre meu ponto de vista sobre a situação atual de nosso país. O país em que vivo é socialmente desigual, desde que era território português. Temos a maior parte de nossa riqueza pertencente a poucas pessoas, enquanto a maioria de nossa população enfrenta problemas socioeconômicos. Portanto, nossa atual crise de saúde tem sido enfrentada de várias maneiras pelos brasileiros.

Quem pode estudar ou trabalhar em casa está fazendo, mas algumas pessoas ainda trabalham fora de casa, ficando expostas a uma possibilidade maior de se infectar com o Coronavírus; algumas até foram demitidas devido ao aumento de nossas crises econômicas, e estão passando fome neste momento. O governo, por causa disso, está fornecendo uma ajuda financeira de emergência para essas pessoas. Ainda assim, o sistema usado é problemático e alguns dos que mais precisam não estão recebendo ajuda.

Aqui, temos a saúde pública gratuita como um direito. Há também a opção de saúde privada, considerada melhor, paga por quem pode optar por isso. Ambos estão em risco de colapso: de acordo com as estatísticas do Google atualizadas ontem, temos 469.959 casos de COVID-19 e 28.055 mortes devido a esta doença.

Eu faço parte do grupo que está mais seguro, é privilegiado e pode estudar em casa. Tenho saúde mental e física, tenho ótimo acesso à internet, então, posso fazer as tarefas que a Universidade me pede para continuar nossos estudos. Essa não é a condição que todos os alunos estão enfrentando. Pensando nesses múltiplos casos, os professores que atuam na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo estão experimentando diferentes métodos de ensino e atendendo os alunos online para ouvir suas necessidades ou ideias a fim de melhorar a capacidade de abrigar seus alunos.

O futuro dos brasileiros é incerto. Nossas crises políticas pioram a cada dia, assim como nossa saúde e economia e elas se agravam mutuamente. Não temos certeza de nada neste momento e as perdas que tivemos podem nunca ser recuperadas. A única coisa que a maioria de nós pode fazer é aguardar, com esperança por dias melhores enquanto tentamos manter a nós mesmos, e aqueles que amamos, seguros, tentando ajudar as pessoas das diferentes maneiras que pudermos.

Espero que melhore logo,

Atenciosamente, Giu

Giulianna Ramalho Osteti - Student at School of Education Universidade de São Paulo – Faculdade de Educação (FEUSP)

São Paulo, Brazil, May 29th, 2020,

Hi! I hope you all doing well and been supported during this world crisis.

I'm Giulianna, a brazilian 21 years old, student. In this letter, I would like to tell you about my point of view concerning our country's current situation. The country I live is socially uneven since it was a portuguese territory. We have the most of our wealth belonging to just a few people while the most of our population faces economic problems. Therefore, our actual health crisis has been faced in many different ways by brazilians.

Those who can study or work at home are doing it, but some people still work out of their home, getting exposed to a bigger possibility of getting infected with Coronavirus, some even got fired because of the increase in our economic crises and are facing starvation at this moment. The government, because of it, is providing an emergency finance assistance for those people. Yet, the system used is problematic and some of those who most need aren't getting any help.

Here, we have public free healthcare as a right and particular, considered better, paid for those who can afford the choice of it. They are both at risk to collapse: according to yesterday updated google statistics, we have 469.959 COVID-19 cases and 28.055 deaths because of this disease.

I am one of those who are safer, privileged and can study at home. I have mental and physical health, I have great internet access, so I can do the tasks that my College asks me to do in order to continue our studies. That isn't the condition all of the students are facing. Thinking in this multiple cases, the teachers that works in School of Education of University of São Paulo (Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo) are trying different teaching methods and meeting the students online to listen their needs or ideas in order to improve the capacity of harbor their students.

Brazilians' future is uncertain, our political crises are getting worse every day, as our health and economy and they aggravate each other. We aren't sure about nothing at this point and the losts we had may never be recovered. The only thing most of us can do is to wait hopefully for better days while trying to keep ourselves and those who we love safe, trying to help the people with different ways we can.

I hope it gets better soon,
sincerely,
Giu



Karina Costa Affonso- estudante da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP)

Caros alunos de KwaZulu-Natal,

Como vão vocês?

Eu sei que todo dia é cheio de incertezas. Nossas rotinas estão de "cabeça para baixo" e ter que lidar com essa nova realidade, às vezes, é assustador e opressor. No entanto, não estamos tão sozinhos quanto podemos pensar. Todos nós estamos passando por situações difíceis e podemos ter algo semelhante para compartilhar.

Como estudante de uma faculdade de educação no último ano, tive planos que foram adiados. Enfrentar a morte de tantas pessoas me faz pensar na minha própria vida, nas minhas escolhas e no significado de tudo isso. Ainda não sei as respostas, mas essas perguntas foram capazes de me mudar profundamente. Não tenho pressa o tempo todo, e também não vou a muitos lugares diferentes. Na verdade, agora tenho tempo, mas meu espaço é limitado. Esse cenário teve um grande impacto na minha vida e me fez perceber que nunca estava "aqui e agora": estava sempre em outro lugar.

Minhas paredes se transformaram em espelhos e fui convidada a ver minha realidade interior de uma forma única. Abracei esta oportunidade e contei com o apoio da minha família e amigos para lidar com algumas coisas antigas e indesejadas, em vez de apenas mergulhar nas redes sociais e esperar até que a realidade exterior volte ... ou não! Do ponto de vista sociológico, é importante ressaltar que esse convite só ocorre para quem tem necessidades básicas atendidas, não é a realidade da maioria das pessoas em meu país.

Gostaria de encerrar esta carta convidando você a ouvir Forró, gênero da música popular no Brasil, principalmente neste mês em que se celebra uma festa chamada Festa Junina, algo parecido com a festa junina. Dançamos forró, jogamos jogos tradicionais, comemos e bebemos comida tradicional e ficamos perto do fogo a noite toda. Minha sugestão é uma música chamada "Xote das meninas", de Luiz Gonzaga, espero que gostem!

Fique seguro e dance forró!
Muitas felicidades,

Karina Costa Affonso.

Karina Costa Affonso- Student at School of Education Universidade de São Paulo – Faculdade de Educação (FEUSP)

Dear KwaZulu-Natal students,

How are you doing?

I know that every day is filled with uncertainty. Our routines are upside down and having to deal with this new reality is sometimes scary and overwhelming. However, we are not as alone as we may think. We are all going through tough situations and may have something similar to share.

As an Education college's student in senior year I had plans that were postponed. Facing the death of so many people makes me think about my own life, my choices and the meaning of all of this. I still don't know the answers, but these questions were able to change me in a profound way. I am not in a hurry all the time and I don't go to many different places, too. Actually, now I have time, but my space is limited. This scenario had a big impact in my life and made me realize that I was never "here and now", I was always somewhere else.

My walls have turned into mirrors and I was invited to see my inner reality in a unique fashion. I embraced this opportunity and counted on my family and friends support to deal with some old and unwanted stuff, instead of just dive into social media and wait until outer reality returns...or not! From a sociological point of view, it is important to point out that this invitation only occurs for the ones that have basic needs fulfilled, not the reality for most of people in my country.

I would like to end this letter inviting you to listen to Forró, a popular music genre in Brazil, especially this month when it is celebrated a party called Festa Junina, something similar to June's party. We dance forró, play traditional games, eat and drink traditional food and stay close to the fire all night long. My suggestion is a song called "Xote das meninas" by Luiz Gonzaga,

I hope you like it!

Keep safe and dance forró!

Best wishes,
Karina Costa Affonso.



Mariana Rocha - estudante de Pedagogia Universidade de São Paulo - Faculdade de Educação (FEUSP)

A pandemia COVID-19 trouxe impacto mundial nos níveis de saúde, econômico e social. Este contexto tornou as pessoas em situação de pobreza, idosos e refugiados ainda mais vulneráveis, e as pessoas em todo o mundo enfrentam o desemprego e a falta de leitos hospitalares, à medida que aumentam as desigualdades. As restrições de viagem e toques de recolher agora se mostraram mais vitais do que nunca como medida de segurança para conter os surtos, mas, mesmo levando em consideração as abordagens específicas de cada nação em resposta à pandemia, pode-se dizer que nenhuma vida seguiu seu curso normalmente.

Enquanto as indústrias operam com capacidade de produção reduzida e alguns setores da economia suspenderam totalmente suas atividades por recomendação de organismos internacionais de saúde, é seguro dizer que a Educação é um dos setores que mais evoluiu para continuar operando à distância.

Alunos e professores têm enfrentado inúmeras mudanças e seus subsequentes desafios no que diz respeito aos métodos de entrega, com o fechamento em massa de escolas e o correspondente ensino a distância adotado como política estadual na maioria dos estados do Brasil, pelos dados atuais do Ministério da Educação (MEC) [1]. No entanto, em que termos essas atividades foram mantidas? A terceira categoria mostrada acima são os dados coletados pela Unesco sobre o acesso dos alunos da educação básica à merenda escolar, e mostra que 12 dos 27 estados brasileiros mantêm a oferta de merenda escolar apenas para os alunos mais vulneráveis economicamente, enquanto 13 não estão fornecendo nenhum alimento até o momento da publicação.

Porém, pela falta de estruturas estaduais e domésticas que garantam o gozo das necessidades básicas das crianças, ou pela falta de recursos excedentes das famílias quase sempre acompanhadas para terem Internet em casa, isso também toca a questão do acesso a essas classes remotas em implantação em larga escala, já que levantamento de dados de assiduidade de alunos disponibilizado voluntariamente por professores de escolas estaduais de um município da região metropolitana de São Paulo mostra que o índice de adesão às aulas online em maio foi muito baixo, o que não deveria ocorrer surpresa, pois 66% dos brasileiros entre 9 e 17 anos não acessam internet em casa[2]. Na capital, maior cidade do país, professores relatam o estresse do período e denunciam a falta de estrutura para o planejamento e produção dessas aulas, sendo que menos da metade dos alunos das escolas estaduais conseguiram se conectar na primeira semana de aulas remotas.

De certa forma, os desafios impostos à educação básica e superior são semelhantes no sentido de que as políticas públicas não estão alinhadas com a experiência real da maioria dos alunos e professores, uma vez que se apresentam inúmeras dificuldades em acompanhar os cursos de graduação a distância.

Uma das instituições de ensino superior mais antigas do país, a Universidade de São Paulo (USP), há décadas falha em fornecer cobertura wi-fi para os alunos que moram no complexo de apartamentos da USP, o CRUSP. As acomodações foram construídas para hospedar os atletas nos Jogos Pan-americanos de 1963, e as reformas foram escassas desde então. Após ocupações de edifícios por alunos da época, com forte alegação de que este espaço deveria ser servido exclusivamente como alojamento estudantil, a reitoria demoliu blocos inteiros de apartamentos e até hoje ocupa dois deles como edifícios administrativos.

Além disso, os ataques à comunidade estudantil são uma constante, e, à medida que a crise do COVID-19 se apresenta, é interessante ressaltar que os alunos residentes estão isolados desde o início de 2019, quando não é só o passe livre para ônibus e metrô que foi retirado, mas também o meio passe, que deveria ser garantido a todos os alunos do estado de São Paulo, foi cortado. Pode ser visto como uma ofensiva à permanência do aluno, uma vez que a grande maioria dos residentes é de baixa renda, ao contrário dos alunos possivelmente de classe alta que moram perto da Universidade e não usam os passes, mas ainda têm direito a eles, não obstante.

Com a medida, foi negado aos alunos residentes um dos três pilares da Universidade que é a extensão, não podendo sair do campus sem pagar altas passagens de ônibus, sem falar no caso específico de alunos de cursos de licenciatura que são influenciados diretamente desde as escolas de dentro do campus não poderiam acolher para a realização todos os estágios desses cursos, e a esses alunos também foi negada a possibilidade de fazê-los em outra instituição pública que exigisse transporte público para ter acesso.

No alojamento dos alunos, as lutas diárias consistem não só em problemas de infraestrutura interior dos apartamentos, como mofo e deterioração dos fios elétricos, mas também os espaços públicos ficam comprometidos com a falta de manutenção, visto que já faz dois anos que não existem as lavanderias coletivas e, por um vazamento de gás no ano passado, a maioria das cozinhas coletivas também foram desativadas.

Em questões sociais, os casos atuais e negligenciados de saúde mental e violência doméstica continuaram e pioraram durante o período de quarentena. A realidade de muitos alunos não está longe da dos residentes, principalmente aqueles que vêm de outros estados e / ou também são economicamente vulneráveis. e por um critério não tão claro não tinha o direito de permanência garantido.

Pela pressão de algumas manchetes que saíram em veículos de grande porte como The Intercept - que mostrava o descaso com as alunas que também são mães e residentes do CRUSP - e um boletim de saúde da TV Gazeta sobre a situação dos apartamentos, o maior órgão da cidade de representação de alunos economicamente vulneráveis, o SAS (Serviço de Assistência Social), finalmente decidiu tomar algumas medidas sobre algumas questões já conhecidas. A resposta veio tardia, quando houve distribuição de kits de limpeza para cada apartamento, divididos em duas partes, e instalação de displays de álcool gel próximo aos elevadores com abastecimento insuficiente de recarga.

No plano institucional, a postura atual da USP em relação aos trabalhadores também se mostra ociosa, visto que faltam equipamentos de proteção individual (EPIs) adequados para todos os que mantiveram o plantão e a reitoria recusou-se a garantir o isolamento dos trabalhadores que pertençam ao maior risco do grupo COVID-19. Essa postura resultou na morte de dois trabalhadores de empresas terceirizadas, que eram vigilantes do MAC-USP (Museu de Arte Contemporânea).

Conforme a pandemia avança, o contexto deixa tudo mais incerto para os alunos, visto que não houve consenso entre os docentes quanto à continuação ou suspensão do horário das aulas.

Uma medida paliativa para endossar a adesão de todos os institutos ao ensino à distância consistiu na distribuição de alguns modems individuais de Internet, mas com capacidade insuficiente de bytes para assistir regularmente a todas as aulas em cursos que permaneceram ativos desde o início da quarentena, como Politécnico, por exemplo. O critério inicial para a distribuição desses modems era que os kits passassem a ser entregues aos moradores que também se alimentavam diariamente no restaurante do campus, na tentativa de reduzir a demanda de mais de 1300 alunos para pouco mais de 200 que tome regularmente as refeições.

A distribuição foi estendida a alunos não residentes por um curto período de tempo, e um acordo comum feito nas duas assembleias online dos alunos da Faculdade de Educação da USP (FEUSP), à tarde e à noite, foi que essa medida não contemplou todos os estudantes e, portanto, é insuficiente.

O mesmo instituto, que inicialmente se opunha ao ensino a distância, cedeu recentemente à pressão da Reitoria em recente reunião do Conselho Consultivo, e foi decidido que o semestre letivo continuaria com atividades remotas, embora ainda seja uma forte reivindicação por parte dos alunos de que o semestre deve ser cancelado, ou que deve ser garantido que não haverá penalizações, visto que a maioria dos alunos que também são trabalhadores da Educação não seriam capazes de dar conta de todos os recursos da plataforma online e atividades necessárias.

Diante desses pontos, a crítica recai sobre o que está surgindo da remodelação do semestre letivo já em andamento, e não sobre a educação a distância como uma modalidade bem estruturada em si. Há falta de uma rede ampla de internet acessível no Brasil e algumas medidas tomadas em todo o mundo nem sempre se aplicam, dada esta realidade. As múltiplas formas de educação e as mudanças nas formas de ensinar acompanham as mudanças do mundo e também o influenciam, mas, para perseverar nesta crise, os esforços devem se concentrar em medidas contextualizadas e significativas para quem a vive, acolhendo e considerando as particularidades de suas demandas, e não possivelmente aumentando as desigualdades.

Mariana R.,
(aluna do 8º semestre de Pedagogia da FEUSP)

Notas:

[1] Disponível em: <https://en.unesco.org/fieldoffice/brasil/expertise/covid-19>. Acesso em 6 de junho de 2020.

[2] Disponível em: <https://www.visaoeste.com.br/apenas-7-dos-alunos-da-rede-estadual-em-osasco-conseguem-se-conectar-ao-ensino-a-distancia-aponta-apeosp/>. Acesso em 6 de junho de 2020.

Mariana Rocha- Student at School of Education Universidade de São Paulo – Faculdade de Educação (FEUSP)

The COVID-19 pandemic has brought worldwide impact on health, economic and social levels. This context has made people in poverty, older persons and refugees even more vulnerable, and people all over the world have faced unemployment and lack of hospital beds, as the inequalities increase. The travel restrictions and curfews have now proved more vital than ever as a safety measure to contain outbreaks, but even taking into account the particular approaches of each nation in response to the pandemic, it can be said that no life has run its course normally.

While industries operate with reduced production capacity and some sectors of the economy have completely suspended their activities by recommendation of international health organizations, it's safe to say that Education is one of the sectors that has developed the most changes to continue operating at distance.

Students and teachers have faced countless changes and their subsequent challenges regarding delivery methods, as the massive school closure and corresponding distance learning was adopted as a state policy in most states of Brazil, by current Ministry of Education's (MEC) data[1].

However, in what terms have these activities been maintained? The third category shown above is data collected by Unesco regarding basic education students' access to school meals, and it's shown that 12 of the 27 states in Brazil have maintained the supply of school lunches only for most economically vulnerable students, while 13 are not providing any food at all, as of the time of publication. However, due to the lack of statal and domestic structures that should guarantee the enjoyment of children's basic needs, or the almost always accompanied families' lack of surplus resources to have Internet at home, this also touches on the issue of access to these remote classes in large-scale implementation, as a survey on student attendance data provided voluntarily by teachers from state schools in a city in the metropolitan region of São Paulo show that the rate of adherence to classes online in May was very low, which shouldn't come as a surprise since 66% of Brazilians between 9 and 17 years old don't access internet at home[2]. In the capital, the biggest city in the country, teachers report the stress of the period and denounce the lack of structure for planning and producing these classes, and less than half of the students of state schools managed to connect in the first week of distance classes.[3]

In a manner, the challenges imposed on basic and higher education are similar in the sense that public policies are not aligned with the real experience of the majority of students and teachers, since numerous difficulties in keeping up with the distance graduation courses have been presented. One of the oldest higher education institutions in the country, University of São Paulo (USP), has failed for decades to provide Wi-fi coverage for the students who live at USP's apartment complex, CRUSP. The accommodations were built to host the athletes in 1963's Pan American Games, and renovations have been scarce since then. After occupations of the buildings by students at the time, strongly claiming that this space should be served exclusively as student housing, the rectory demolished entire blocks of apartments and to this day occupies two of those as administrative buildings. Furthermore, attacks on the student community are a constant, and as

the COVID-19 crisis presents itself, it's interesting to point out that the resident students have been in isolation since the beginning of 2019, when not only the free pass for buses and subway was withdrawn, but also the half pass that should be guaranteed to every student in the state of São Paulo was cut, as well. It can be read as an offensive on student permanence since the vast majority of residents are low-income, in contrast with the possibly upper-class students who live near the University and don't use the passes but still have the right to them, nonetheless.

With this measure, the resident students have been denied one of the three pillars of the University that is extension, unable to leave campus without paying high bus fares, not to mention the specific case of teaching degrees courses' students who are directly influenced since the inside the campus' schools wouldn't be able to carry out all the internships from these courses, and to these students it was also denied the possibility to do them in another public institution that demanded public transportation to access.

At the student's accommodations, the daily struggles consist of not only infrastructure problems inside the apartments such as mold and electrical wire deterioration, but also the public spaces are compromised with the lack of maintenance, seeing that it's been two years since there aren't any collective laundries working anymore, and by a gas leaking last year, most of the collective kitchens were deactivated, as well. As of social matters, the current and neglected cases on mental health and domestic abuse continued and worsened during the quarantine period.

The reality of many students isn't far from the residents', specially those who come from other states and/or are also economically vulnerable. and by a not so clear criteria didn't have the right of permanence guaranteed.

By the pressure of some headlines that came out in big vehicles as The Intercept - that showed the neglect regarding the students who are also mothers and residents at CRUSP - and a TV health bulletin in Gazeta about the situation of the apartments, the biggest organ of representation of economically vulnerable students, SAS (Social Assistance Service) finally decided to take some measures on some issues past known. Their response came late, when there was a distribution of cleaning kits for each apartment, divided in two parts, and installed alcohol gel displays near the lifts with insufficient refill supply.

On an institutional level, USP's current posture on workers has also proven to be idle, since there's lack of adequate personal protective equipments (PPE) for all of those who kept on duty, and the rectory refused to guarantee isolation of workers who belong in the higher risk from COVID-19 group. This stance resulted in the deaths of two third-party companies' workers, who were security guards at MAC-USP (Museum of Contemporary Arts).

As the pandemic progresses, the context leaves everything more uncertain for students. since there was no consensus among the faculties regarding the continuation or suspension of the class schedule.

A palliative measure to endorse the adherence of all institutes to distance learning consisted of the distribution of some individual Internet modems but with insufficient capacity of bytes for regularly watching all the classes in courses that remained active since the beginning of the quarantine, such as Polytechnic, for example. The initial criteria for these modems distribution was that those kits would begin to be given for those residents who were also taking food at the

restaurant on campus daily, in an attempt to reduce the demand of more than 1300 students to a little more than 200 who regularly take the meals.

The distribution was extended to non-resident students for a short period of time, and a common agreement made in both online assemblies from students at USP's Faculty of Education (FEUSP), in the afternoon and in the evening, was that this measure didn't contemplate all the students, and therefore it's insufficient.

The same institute, which had initially opposed distance learning, recently gave in to pressure from the Rector at a recent meeting of the Advisory Council (Conselho Consultivo), and it was decided that the school semester would continue with remote activities, even though it's still a strong reivindicação by the students that the semester must be cancelled, or that it should be guaranteed that there are no penalties, as the majority of students who are also Education workers wouldn't be able to keep up with all the online platform resources and activities required.

Given these points, the criticism lies on what's coming out of remodeling the already ongoing school semester, and not on distance education as a well-structured modality itself. There's lack of wide accessible internet network in Brazil, and some measures taken worldwide not always apply, given this reality. The many forms of education and the changes in the ways of teaching accompany the changes in the world and influence it, too, but to persevere through this crisis, efforts must be focused on contextualized and significant measures for those who are living it, taking in consideration the particularities of their demands, and not possibly increasing inequalities.

Notes:

[1] Available on: <https://en.unesco.org/fieldoffice/brasil/expertise/covid-19>. Accessed on June 6, 2020.

[2] Available on: <https://www.visaoeste.com.br/apenas-7-dos-alunos-da-rede-estadual-em-osasco-conseguem-se-conectar-ao-ensino-a-distancia-aponta-apeoesp/>. Accessed on June 6, 2020.



Marilia de Moraes Benini, estudante da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FE/USP)

Bem no meio da jornada
Com o novo gás para iniciar minha
segunda metade
É um desafiador caminho (de
teoricamente) 4 anos
Uma jornada transformadora a ser
trilhada na FEUSP
Eis que somos surpreendidos por algo
invisível
Que deixou todos com olhares
entrecortados
O que está acontecendo?
Aulas canceladas?
Mas até quando?
O que vamos fazer?
Vamos perder o semestre?
E as aulas nas escolas?
Muitas dúvidas e incertezas

Fomos empurrados para essa nova
rotina
Que alguns chamam de "novo normal"
Eis nossa infatigável necessidade de
normalizar as coisas
É mais uma forma de dizer: "Trate de se
acostumar com isso"
Dentre as tantas coisas que temos que
nos acostumar na vida
É como se desta vida, que nos rodeia com
surpresas e "anormalidades"

Chamamos de normal aquilo que
justamente nos assusta, nos dá medo
Como se fosse um tranquilizante

(Talvez precisemos deles)
Aos poucos tentamos nos reencaixar
Angústias, (in) decisões
Trancar ou não esta disciplina?
Poxa, queria fazer este estágio presencial,
"normal"..
Estudos remotos, planos refeitos
E lá se foram quase 5 meses
Sem andar pelos corredores e gramados
da FEUSP
Sem ver de perto as crianças da EA, onde
sou bolsista
Sem ver cotidianamente meus colegas
de turma

O que posso dizer para quem está aí,
num outro cantinho tão distante do
mundo
É que daqui da FEUSP sei que a luta não
é vã, nem solitária
Este tem sido meu consolo, minha utopia
em nosso país enfermo
Quero aprender e ensinar a transformar
potência em ação
Enquanto isso, minha rotina tem sido
assim, normal, como de muita gente
Recheada de novas-velhas anormalidades
Vivendo em isolamento e em privilégios
Enquanto muitos seguem a vida
normalmente
Tendo de sair todos os dias para o
invisível

Marilia de Moraes Benini, student at School of Education of University of São Paulo (FE/USP)

Right in the middle of the journey
With the new gas to start my second
half
It's a challenging path (theoretically) 4
years
A transformative journey to be taken at
FEUSP
Behold, we are surprised by something
invisible
That left everyone with broken eyes
What is happening? Lessons
canceled? But until when?
What do we do? Will we miss the
semester? What about school
classes?
Many doubts and uncertainties

We were pushed into this new routine
What some call the "new normal"
This is our indefatigable need to
normalize things
It's another way of saying: "Get used to
it"
Among the many things we have to get
used to in life
It is as if from this life, which surrounds
us with surprises and "abnormalities"
We call normal what just scares us,
gives us fear
As if it were a tranquilizer

(Maybe we need them)

Gradually we try to re-fit
Anguish, (in) decisions
Lock this discipline or not?
Wow, I wanted to do this face-to-face
internship, "normal" ...
Remote studies, redone plans
And there were almost 5 months
Without walking the halls and lawns of
FEUSP
Without seeing up close the children of
EA, where I am a scholarship holder
Without seeing my classmates on a
daily basis

What can I say to whoever is there, in
another corner so far from the world
I know from here at FEUSP that the
fight is not vain, nor lonely
This has been my comfort, my utopia
in our ailing country
I want to learn and teach how to turn
power into action
Meanwhile, my routine has been like
this, normal, like many people
Filled with new-old abnormalities
Living in isolation and privileges
While many follow life normally
Having to go out every day to the
invisible

Matheus Rocha- estudante de Pedagogia na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP)

Olá companheiros!

Aqui quem vos escreve é Matheus Oliveira Rocha, estudante de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, estou muito contente que, por meio desta carta, posso realizar um intercâmbio social com vocês da Universidade de KwaZulu-Natal, na África do Sul.

Meu principal intuito, em compartilhar minhas experiências de estudante latino-americano da FEUSP, é dispor de um lugar de enunciação [1] do qual eu fora historicamente marginalizado, por minha classe, sexualidade e territorialidade, mas que por meio desta escrita, florescem de uma transgressão ao ser sobre o meu sentir e o meu ser. Em tempos de pandemia, a escrita se tornou uma válvula de escape aos meus pensamentos, por muitas vezes quando não vejo mais para onde correr, pois não se pode correr às ruas, eu corro para a escrita, ela me é a atual fuga da barbárie.

Então companheiros, no Brasil, nós seguimos com o ensino remoto, meus professores se mostraram coerentes com a realidade em que estamos vivendo, não estão realizando cobranças absurdas que desrespeitam nossa subjetividade, pelo contrário, eles têm nos ajudado a passar por este momento juntas, principalmente a professora de Psicologia da Educação 1, Ana Karina. Sinto que não estou sozinho e isso me ajuda a continuar meus estudos e a acreditar que dias melhores para todes virão.

Mas, nem sempre, meus estudos na FEUSP foram em tempos de pandemia. Eu ingressei em Pedagogia no ano passado, 2019. No ano que se passou, pude viver momentos e redescobrimientos que mudaram e mudam diariamente meu modo de pensar e agir no mundo. Nós temos uma biblioteca muito bonita, com diversos livros, dos clássicos aos contemporâneos, um gramado famoso onde habitava uma família de quero-queros, e isso me faz pensar se eles ainda estão vivendo por lá ou se já migraram para outro gramado; hoje se faz mais de 3 meses que não os vejo.

Eu quero que acabe de uma vez esse sofrimento que a COVID-19 nos trouxe e que nos levou milhares de vidas... o que um dia chamamos de "normal" não mais existe, nos afeta e paralisa. Essa carta é um ato político de me dar voz, enquanto corpo abjeto[2] e vivo ao meio aos contextos de que somos emergidos, que nossos corpos sejam vínculos de ações e transformações constante, espero poder ler a escrita de vocês, em saber se estão bem e com saúde, isso com certeza me trará um pouco de paz e tranquilidade no momento presente.

Seguimos! Abraços, Matheus.

Notas: [1] ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. Estudos Feministas. Ano 8. 1º semestre de 2000. [2] SIGNS, Baukje; PRINS, Irene Costera Meijer. Como os corpos se tornam matéria: entrevista com Judith Butler. In: Ponto de Vista - Estudos Feministas. Ano 10 - 1º semestre 2002. (Winter, 1998), pp. 275-286. Available on: <http://links.jstor.org/sici?sici=0097-9740%28199824%2923%3A2%3C275%3AHBCTMA%3E2.0.CO%3B2-8>. Acesso em 17 julho de 2020.

Matheus Rocha- Student at School of Education Universidade de São Paulo – Faculdade de Educação (FEUSP)

Hi, fellows!

Here who writes is Matheus Oliveira Rocha, a pedagogy Latin-American student at Faculdade de Educação of Universidade de São Paulo (FEUSP), in Brazil. I'm very happy that, through this letter, I can exchange experiences with you from the School of Education of University of KwaZulu-Natal, in South Africa.

My main purpose, by sharing my experience as a Latino student at FEUSP, is to afford a place of enunciation 1 in which I was historically marginalized because of my socioeconomic status, my sexuality and territoriality, but, through this writing, the bloom of a transgression by being about my feelings and my being. In pandemic times, writing has been an escape valve to my thoughts, for many times, when I can't see where to run, because we can't run in the streets, I run to write, it's my current escape from barbarism.

So, fellows, in Brazil, we are having remote education, my professors showed themselves befitting the reality that we are living, they aren't making any absurd charging, contrariwise, they are helping us to pass this moment together, mainly the professor of Education Psychology I, Ana Karina. I feel that I'm not alone and this helps me to continue my studies and to believe that better days will come for everyone.

But, not always my studies at FEUSP had been in pandemic times. I joined Pedagogy last year, 2019. The past year, I could live moments and rediscoveries that changed and that, daily, keep changing my way of thinking and acting in the world. We have a very pretty library, with several books, ranging from classic to contemporary, a famous lawn where a bird's family used to live, that makes me think if they are still living there or had already gone to another lawn. Today completes more than 3 months that I haven't seen them.

I want that all this suffering that COVID-19 brought us and took thousands of lives ends...what someday we used to call "normal" doesn't exist anymore, because it is affecting and paralyzing us. This letter is a political act of giving me voice, while an abject body 2 who lives by the contexts that we have emerged, where our bodies are action ties and constant transformations. I hope that I can read your letters, to know if you are great and healthy, this for sure will give me a little peace and tranquility in the present moment.

We keep on

Hugs,

Matheus

Notes: [1] ANZALDÚA, Gloria. Falandando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. *Estudos Feministas*. Ano 8. Summer, 2000. [2] SIGNS, Baukje; PRINS, Irene Costera Meijer. How Bodies Come to Matter: An Interview with Judith Butler. In: *JStor*. Vol. 23, No. 2. (Winter, 1998), pp. 275-286. Available on: <http://links.jstor.org/sici?sici=0097-9740%28199824%2923%3A2%3C275%3AHBCTMA%3E2.0.CO%3B2-8>. Access on July, 17th, 2020.

Millena Miranda Franco- estudante de Pedagogia na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP).

São Paulo, Brasil, 29 de maio de 2020,

Meu nome é Millena, tenho 21 anos e moro em São Paulo, Brasil. Atualmente estou cursando Pedagogia na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo - FEUSP (Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo). Mas, devido ao contexto de pandemia, estamos tendo aulas remotas. Antes de tudo, gostaria de esclarecer que vou explicar o contexto do meu ponto de vista e não representa necessariamente todo o cenário.

Gosto muito da Faculdade de Educação! Tenho notado na FEUSP que muitos docentes não gostam/concordam em manter as aulas online porque, essencialmente, precisam da presença para manter o seu propósito pedagógico: algumas aulas precisam do contato pessoal para acontecer. Paralelamente, todos os docentes da FEUSP procuram adaptar as suas aulas face a esta nova realidade, criando metodologias de avaliação, recorrendo aos mais diversos recursos tecnológicos, de forma a atingir, ao máximo, aos/às estudantes e para mantê-los/as engajados/as no acompanhamento das aulas. Alguns dos docentes imaginam que a qualidade do ensino tende a decair e, por isso, novos métodos avaliativos devem ser pensados e que o contexto não mais permite pensar em métodos únicos (fórmulas mágicas), nem mesmo permite o excesso de criatividade, posto que há grandes chances de acabar sobrecarregando estudantes com uma quantidade excessiva de atividades e ferramentas. As/os docentes estão tentando pensar em maneiras para equilibrar as tarefas. Por exemplo, para desistir de métodos antigos é preciso desistir da lista de chamada, tendo em conta obstáculos que agora existem no acesso (dificuldade de acesso à internet, saúde mental, doenças, incluindo o risco de contágio por Covid-19). Alguns desses novos métodos são: docentes podem gravar vídeos, criar podcasts, usar aplicativos online, fazer roteiros de estudo, selecionar vídeos na web, promover a intercomunicação entre alunos em aplicativos de bate-papo como forma de apoiar o acesso às aulas, e assim por diante ... Em suma, esses novos entraves não podem significar desigualdade de acesso aos estudos. A Faculdade de Educação está considerando tudo!

Todos os professores da FEUSP se reúnem para discutir novas diretrizes de planejamento, ensino, pesquisa, avaliação e aprendizagem. Para nós, estudantes, está sendo realmente impressionante e importantes os resultados originados das discussões. A atual administração da nossa Faculdade é realmente aberta e democrática para nos ouvir. Pessoalmente, tenho orgulho de estudar na FEUSP.

Eles consideram nossas diferenças e procuram nos atender da melhor maneira possível. Normalmente mantenho contato com alguns colegas e tentamos ajudar uns aos outros para acessar as aulas de maneira adequada. Acho que a sabedoria mais importante que estamos aprendendo nestes tempos é sobre o poder da união. O Brasil vive um momento político complexo e é triste ver que estamos perdendo muitos direitos, gradativamente e principalmente na área da Educação. Além disso, infelizmente, somos o segundo país do mundo com o maior número de mortes em consequência da Covid-19. Além dele, há muitas outras questões que eu poderia gastar muitas páginas para explicar. O fato é que todas as desigualdades sociais, desde sempre, agora são mais visíveis para todos. Nós nos perguntamos quando vamos deixar a pandemia e como.

Acreditamos que nossa vida cotidiana não será mais a mesma...

Millena Miranda Franco- Student at School of Education of Universidade de São Paulo – Faculdade de Educação (FEUSP)

São Paulo, Brazil, May 29th, 2020,

My name is Millena, I'm 21 years old and live in Sao Paulo, Brazil. Currently, I am studying at the Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo - FEUSP (School of Education at the University of São Paulo). But, because of the pandemic context, we are not having classes in-person at the moment. Before all, I would like to clarify that I'm going to explain the context from my point of view and it does not necessarily represent the whole scenario.

I like the School of Education so much! I've noticed at FEUSP that professors don't like/agree with keeping online classes because they essentially need the presence to maintain their pedagogical purpose: some classes need person-person contact to happen. Beside, all the FEUSP's professors are trying to adapt their classes in front of this new reality by creating methodologies of evaluation, by using a range of different technological resources, in order to achieve the most students as possible by maintaining them accessing the knowledge and studying. Some of the professors admit that the quality of teaching will decrease and their old evaluation methods should be forgotten, but they must give up choosing an unique method or creating so much and overloading students lives with a lot of activities. They are trying to think manners to equilibrate tasks. For instance, in order to give up old methods, it is not being fair to consider the presence of the students just by considering their presence in live classes, considering a bunch of obstacles that now exist in student lives (difficult having access to the internet, mental health, diseases, including the risk of contagious by Covid-19). Some of these new methods are: they can record videos, create podcasts, use online apps, make study scripts, select videos on the web, promote intercommunication among students on chat apps as a way to support accessing classes, and so on... In short, these new obstacles can not mean inequality of accessing the studies. They are considering it all!

All the professors at FEUSP are meeting to discuss new guidelines of planning, teaching, researching, evaluation and learning. For us students it is being really impressive and important results originated from discussions. The current administration of our School is really open and democratic to listen to us. Personally, I'm proud of studying at FEUSP. They consider our differences and try to attend us as best as possible. I'm usually maintaining contact with some classmates and we try to help each other to access the classes properly. I guess that the most important wisdom that we are learning in these times is about the power of the union.

Brazil is living a complex political moment of its history and it's sad to see that we are losing a lot of rights, gradually and especially in the Education field. Furthermore unfortunately we are the second country in the world with the most number of deaths in consequence of Covid-19. Beyond it there are a lot of vectors which I could spend too many pages to explain. The fact is, all social inequalities since ever existants now are more visible for all. We wonder when we are going to leave the pandemic and how. We believe that our daily lives are not going to be the same anymore...

Handwritten text in cursive script, partially visible on the left side of the image.

Handwritten text in cursive script, partially visible at the bottom left of the image.



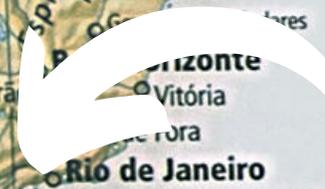
SCHOOL OF
EDUCATION

FACULDADE DE
EDUCAÇÃO

University of KwaZulu- Natal

UNIVERSIDADE DE KWAZULU-NATAL

SOUTH AFRICA
ÁFRICA DO SUL



Luthando Molefe- estudante de pós-graduação (Estudos de Desenvolvimento de Professores) na Escola de Educação de KwaZulu-Natal, Faculdade de Humanidades.

Desafios, possibilidades e enfrentamento da pandemia por COVID-19: um autoestudo de alunos de pós-graduação.

Neste artigo, pretendo fazer uma autorreflexão de minha jornada, apresentando desafios, possibilidades e enfrentando, como um estudante de pós-graduação na Escola de Universidade de KwaZulu-Natal (UKZN) Educação na Faculdade de Ciências Humanas, uma solução para a atual pandemia da COVID-19. Na discussão, também ofereço algumas recomendações sobre como um estudante (pós-graduado) em uma instituição de ensino superior (IES) de aprendizagem pode lidar com a ansiedade, estresse e confusão causados pela pandemia COVID-19, e as incertezas em torno disto.

Quando a África do Sul relatou e confirmou a notícia do seu primeiro caso de surto de COVID-19, eu estava passando meus últimos dois dias do Programa de Desenvolvimento de Liderança para o Setor de Educação da Universidade, do Centro de Liderança Regional da Iniciativa de Jovens Líderes Africanos, da Escola de Graduação em Liderança Empresarial da África do Sul, em Midrand, Gauteng, representando a província de KwaZulu-Natal e África do Sul, história: UKZN Alumnus voa UKZN Flag High, antes de voltar para continuar com meus estudos de pós-graduação na Escola de Educação da UKZN na Faculdade das Humanidades.

Era 15 de março quando o presidente Cyril Matamela Ramaphosa anunciou que as escolas fechariam na semana seguinte, dia 18 de março, devido ao surto de COVID-19 em nosso país. Depois de tal anúncio, eu tinha certeza de que as IES de aprendizagem seguiriam a mesma recomendação, após consulta com o Departamento de Educação Superior, Ciência e Inovação; e Universidades da África do Sul (USAf).

Por mais que eu estivesse feliz com as precauções tomadas para evitar a propagação e controle da pandemia COVID-19, academicamente, meu coração estava cheio de tristeza, confusão e dor, ao mesmo tempo em que todos os meus planos acadêmicos para 2020 estavam "indo pelo ralo". Uma coisa que estava me preocupando mais é que eu sabia que tinha potencial para conduzir e continuar com meus estudos sobre módulos "selecionados"; e habilitadores, usando uma abordagem de autoestudo em meio à pandemia COVID-19, mas a conectividade com a Internet seria minha maior inimiga para continuar com meu trabalho acadêmico, incluindo pesquisa, redação e registro de dados, sendo um estudante rural.

Devo dizer que, como um aluno dedicado e trabalhador, depois que o bloqueio de 21 dias no país foi inicialmente anunciado, senti como se estivesse perdendo as esperanças de várias maneiras. Eu me sentia tão vazio e sem saber que direção minha vida estava tomando. Eu me senti tão deprimido e vulnerável. Não porque eu estivesse negando a realidade da pandemia, mas o raciocínio por trás disso era que a pessoa em mim tinha sido conectada e habituada a

um papel e uma caneta, uma escrivaninha e uma cadeira em sua vida cotidiana na exploração do espaço acadêmico, e envolvimento da comunidade no meu trabalho.

Ocorreu uma mudança de paradigma, de lutar contra a ansiedade, estresse e confusão causados pela presença da pandemia da COVID-19 e as incertezas em torno dela, para recuperar minha vida "normal". Como eu procurei por sites no Google e em algumas outras plataformas de mídia social por dicas e recomendações que me ajudariam a lidar e escapar das incertezas causadas pela pandemia de COVID-19, sendo colocado em isolamento e não sendo capaz de viver a vida "normal" que se costumava viver antes. Sites e organizações, como o Grupo de Depressão e Ansiedade da África do Sul, a Organização Mundial da Saúde, o Departamento de Saúde e a psicologia, entre outros, foram os únicos sites que me ajudaram a escapar dos dilemas da pandemia da COVID-19, de estar em isolamento e recuperando e atualizando minha vida "normal".

Fazer um autoestudo, uma autorreflexão, e aceitar que se está lutando com um problema específico ou que mudou a sua vida e as rotinas "normais" e cotidianas é uma maneira de permitir que alguém investigue o mais possível soluções que provavelmente resolverão o problema. Apresento, então, algumas recomendações a outros alunos de IES da aprendizagem, e a indivíduos em geral, para que se autoexaminem e busquem ajuda, quando necessário, de entidades relevantes quando experimentam algumas dificuldades ou problemas no que diz respeito ao enfrentamento e à continuação dos seus estudos, e a vida em geral nestes tempos incertos.

Mr Luthando Molefe- postgraduate student (Teacher Development Studies) at the KwaZulu-Natal's School of Education, College of Humanities.

Challenges, Possibilities and Coping with COVID-19 pandemic: A postgraduate students' Self-Study.

In this piece of writing, I intend to do a self-reflection of my journey by presenting challenges, possibilities and coping as a solution with the current COVID-19 pandemic as a postgraduate student at the University of KwaZulu-Natal's (UKZN's) School of Education in the College of Humanities. In the discussion of the above, I also offer some recommendations on how one as a (postgraduate) student at the higher education institution (HEI) of learning can cope with the anxiety, stress and confusion caused by the COVID-19 pandemic and uncertainties around it.

When South Africa reported and confirmed the news of its first case of COVID-19 outbreak, I was currently spending my last two days of the four-weeks Young African Leaders Initiative Regional Leadership Centre Southern Africa's Leadership Development Programme for the Education Sector at the University of South Africa's Graduate School of Business Leadership in Midrand, Gauteng, representing the province of KwaZulu-Natal and South Africa, story: UKZN Alumnus flies UKZN Flag High, before coming back to continue with my postgraduate studies at UKZN's School of Education in the College of Humanities.

It was March 15 when President Cyril Matamela Ramaphosa announced that schools will be closing the following week on March 18 due to the COVID-19 outbreak in our country. After such an announcement, I was certainly sure that HEI's of learning will follow suite after consultation with the Department of Higher Education, Science and Innovation; and Universities South Africa (USAf).

As much as I was happy with the precautions being taken to prevent the spread and flatten the COVID-19 pandemic, deep down on the academic side, my heart was filled with sadness, confusion and hurt all in once that all my plans for the 2020 academic year were going down the drain. One thing that was worrying me the most, I argue, is that as much as I knew that I had potential to lead myself and continue with my studies on 'selected' and enabling modules using a self-study approach amid the COVID-19 pandemic, network and internet connectivity were going to be my biggest enemies as a deep rural student to continue with my academic work, including researching, writing and recording data.

I must say, as a dedicated and a hardworking student, after the country 21-day lockdown was initially announced, I felt like I was losing hope in many ways. I felt so empty and not knowing what turn/direction my life was embarking to. I felt so depressed and vulnerable. Not because I was denying the reality of the pandemic but the rationale behind this was that the person in me had been attached/used to a paper and a pen, a desk and a chair in his everyday life in the exploration of the academic space and community engagement/outreach work.

In this piece of writing, I intend to do a self-reflection of my journey by presenting challenges, possibilities and coping as a solution with the current COVID-19 pandemic as a postgraduate student at the University of KwaZulu-Natal's (UKZN's) School of Education in the College of Humanities. In the discussion of the above, I also offer some recommendations on how one as a (postgraduate) student at the higher education institution (HEI) of learning can cope with the anxiety, stress and confusion caused by the COVID-19 pandemic and uncertainties around it.

A paradigm shift from battling with the anxiety, stress and confusion caused by the presence of the COVID-19 pandemic and the uncertainties around it, to re-gaining my 'normal' life occurred. As I searched for sites on Google and few other social media platforms for tips/recommendations that would help me to cope and escape the uncertainties caused/around the COVID-19 pandemic, being placed on lockdown and not being able to live the 'normal' life one used to live before. Sites and organisations such as the South African Depression and Anxiety Group, The World Health Organisation, Department of Health and the psychology today, among others, are the one sites that helped me to escape the dilemmas of COVID-19 pandemic and being on lockdown and re-gaining my 'normal' life up to date.

Doing a self-study/self-reflection and accepting that one is battling with a particular problem or they have shifted from their everyday 'normal' life/routines of doing things, I argue, is the core in allowing one to probe for more possible solutions that is likely to tackle the problem. I then, therefore, offer some recommendations to other students at HEI's of learning and individuals in general to examine themselves and seek for help, where necessary, on relevant entities when they are experiencing some difficulties/problems with regards to coping and continuing with their studies and life in general in these uncertain times.



Zonke Aura Ngema- estudante de doutorado (Universidade de KwaZulu-Natal; Edgewood Campus)

Lockdown no meu país - África do Sul

Quando o lockdown foi anunciado, presumi que seria por um curto período. Os níveis/estágios (5,4,3,2,1) nos deram esperança de que tudo acabaria em breve. No nível 5, fiquei encantada, pois minhas expectativas eram muito otimistas. Achei que, quando terminássemos, o vírus desapareceria e tudo voltaria ao normal. Comprar todos itens básicos era minha prioridade, bem como verificar se todos os membros da minha família que dependiam de mim também eram atendidos. No início foi uma sensação prazerosa ter férias não planejadas: a vida era comer, assistir televisão, conversar com os amigos e dormir sem me preocupar com nada. Com o passar da semana, comecei a sentir falta do meu trabalho, dos meus amigos, da minha família, do meu serviço religioso e de minha rotina normal. Minha filha me aconselhou a malhar todos os dias. Como você descobre se sua mente está correndo e tentando descobrir o que está acontecendo no mundo? A mídia começou a trazer notícias petrificantes a cada hora. Ouvimos falar de novos casos em nosso país. O número de novos casos identificados aumentou e a taxa de mortalidade cresceu. As informações fornecidas especificavam que as pessoas com doenças crônicas eram vulneráveis; adoeci e toda a história da Covid-19 me afetou física, emocional e psicologicamente. Éramos proibidos de ir a hospitais; por isso, comunicava frequentemente ao meu médico sobre minha saúde. A tensão no país estava aumentando e isso aumentou minha glicemia para 278 mg/dL. Meu médico recomendou que eu fosse internada. A internação não era a rotina normal que eu conhecia: primeiro, passei pela triagem, depois fui isolada para esperar o resultado do teste para Covid-19, depois fui transferida para a internação. As refeições eram servidas em vasilhames descartáveis, enquanto se aguardava o resultado. As enfermarias foram divididas em duas seções, uma para os que deram positivo e outra para os que deram negativo. Graças a Deus, meus resultados foram negativos, mas o estresse sobre a pandemia foi demais. Na enfermaria, os principais cuidados foram tomados, orei para voltar para casa logo. No terceiro dia de alta, fui direto para casa, continuar no isolamento. Como meus hábitos alimentares aumentaram, fiquei sem comida e minha filha recomendou que ela comprasse online para evitar ir ao supermercado. A entrega foi feita no prazo, mas tive um choque da minha vida quando li quanto a comida estava custando agora. O preço da comida dobrou, pensei em muitas famílias que não podem pagar uma refeição decente durante este tempo. Como eles iriam enfrentar esse período, se era difícil para as pessoas que estavam trabalhando? Eu verifiquei minha família para ver como eu poderia ajudar com o essencial. Alcançá-los foi um desafio, por isso tive de transferir dinheiro para que comprassem comida. Eles disseram que levaram um dia para comprá-la, pois as filas nos supermercados eram muito longas. Alguns disseram que era o fim do mundo, porque a pandemia estava afetando o continente. Ainda acredito que isso passará, desde que façamos coletivamente o que é exigido de nós para permanecermos seguros; esse vírus desaparecerá. Isso me mudou de muitas maneiras. Agora eu sei que estar vivo é a graça que precisa ser valorizada a cada minuto.

Esse período também nos lembrou de que outras pessoas também são importantes. Se você tem mais para compartilhar com outras pessoas, faça-o, pois o amanhã não está prometido. A mídia indica número de mortes e novos casos, que aumentam a cada dia. Ninguém tem certeza do que o amanhã reserva! Vou levar um dia de cada vez, orando sem parar para que esta pandemia passe. Que todos os que partiram neste período descansem em paz !!!

Zonke Aura Ngema- PhD Student (University of KwaZulu-Natal; Edgewood Campus) Personal Experience Facing Covid19 In South Africa

Lockdown in my country - South Africa

When lockdown was announced, I assumed it would be for a short period. The Levels (5,4,3,2,1) gave us hope that it will be over soon. In Level 5, I was enthralled as my expectations were very optimistic. I thought that when we are done, the virus would be gone and everything would be normal again. Purchasing all the necessities was my top priority and checked if all my family members who depended on me were also provided. At first it was a pleasurable feeling having unplanned holidays, life was about eating, watching television, chatting with friends and sleeping without worrying about anything. As the week passed, I began to miss my work, my friends, my family, my church service and my normal routines. My daughter advised that I must work out every day. How do you work out if your mind is racing and trying to figure out what is happening in the world? The Media began to bring petrifying news every hour. We heard about new cases in our country. The number of new cases identified increased and the death rate escalated. The information provided specified that people with chronic diseases are vulnerable, I got sick and the whole thing about Covid19 affected me physically, emotionally and psychologically. We were prohibited to go to hospitals so I communicated with my doctor frequently about my health. The tension in the country was rising and that escalated my sugar level up to 278 mg/dL, my doctor recommended that I be admitted. Admission was not the usual routine I knew, first it had to be screening, then be admitted to the isolation ward to wait for Covi19 result, then be moved to the ward. The meals were served with disposable containers, while waiting for results. The Wards were divided into two sections, one for those who tested positive and the other for those who tested negative. Thanks God, my results negative but the stress about the pandemic was too much. In the ward, major precautions were taken, I prayed that I return home soon. On the third day I was discharged, I went straight home to continue with isolation. Since my eating habits have changed, I ran out of food and my daughter recommended that she will buy online to avoid going to the grocery store. Delivery was done on time but I got a shock of my life when I read how much was the food costing now. The food price had doubled, I thought of many families who cannot afford a decent meal during this time. How were they going to cope with this period, if it was tough for people who were working? I checked on my family to see where I could assist regarding the essentials needed. Again reaching to them was a challenge, so I had to transfer money to buy food. They said it took them a day to buy food as the lines in grocery stores were very long. Some said it was the end of the world as this pandemic is affecting the continent. I still believe that it would pass as long as we collectively do what is required from us to stay safe, this virus would vanish. It had changed me in many ways, now I know that being alive is the Grace that need to be valued every minute. This period also reminded us that other people are also important, if you have more to share with other, please do so, as tomorrow is not promised. The media indicated number of deaths and new cases which increase every day. No one is sure of what tomorrow hold? I will take one day at a time, praying endlessly for this pandemic to pass. May all those who have passes during this period rest in peace!!!!

Zonke Aura Ngema- estudante de doutorado (Universidade de KwaZulu-Natal; Edgewood Campus)

Experiência pessoal enfrentada com a Covid-19 na África do Sul

Esta pandemia declarou uma guerra global a toda a humanidade. Na África do Sul, pensamos que fomos poupados, pois havia rumores de que não afeta as pessoas de cor negra. Quando foi revelado que essas alegações não eram verdadeiras, quase morri. As pessoas diziam que havia palavras proféticas sobre o vírus na Bíblia. Eu questionei minha fé uma e outra vez. Tive medo desse vírus, pois a mídia destacou que as pessoas com diabetes são as mais vulneráveis. Fui afetado psicologicamente, pois não sabia desse vírus e tantas coisas foram ditas. Fiquei exultante quando as escolas foram fechadas, pois isso me deu tempo para saber mais sobre essa infecção. Dou aulas há 31 anos, e nunca na minha vida tive medo de ir à escola. Previa-se que as escolas seriam fechadas por um ano, mas isso não aconteceu. Os EPIs (equipamentos de proteção individual) foram entregues, embora fossem de baixa qualidade. Cada aluno recebeu duas máscaras, cujos elásticos ficaram muito frouxo. Os professores se viram na linha de frente dessa pandemia, pois os alunos vêm da comunidade que acreditam não haver vírus. Na comunidade escolar onde trabalho, havia um grupo de meninos compartilhando a bebida ou o cigarro sem máscaras. A triagem é feita todas as manhãs antes de ir para a aula, mas o teste propriamente dito não foi feito. Eu ensino o 7º ano que foi autorizado a voltar à escola. A maioria deles veio para a escola sem máscara, e foi mandada de volta. No segundo dia, o diretor recebeu a circular do Departamento declarando que qualquer professor que mandar o aluno de volta para casa poderá ser acusado no caso de um aluno na Província ter sido estuprado no caminho de volta para casa. Novamente, como professor, fui encarregado de encorajar os alunos a usar máscaras e praticar o distanciamento social o tempo todo. Os alunos manipulam os professores porque sabem que os castigos corporais foram eliminados. Na sala de aula, os alunos recebem sabão para lavar as mãos e alguns o fazem, e outros não. Mais tarde, descobrimos que os alunos que ensinamos têm casos positivos em casa e continuam a frequentar a escola. Eles não revelaram essa situação ao professor; às vezes um membro ligava para a escola para saber por que o aluno tem permissão para ir à escola sem fazer o teste. O diretor respondia que ninguém notificou a escola. Os alunos deverão ficar sozinhos na classe até o término da aula. A profissão docente é como uma guerra nuclear. Posso ser negativo e voltar para casa positivo. Ninguém sabe, isso está além da nossa compreensão agora. Não sei se nosso país está fazendo o possível para proteger seus cidadãos.

Zonke Aura Ngema- PhD Student (University of KwaZulu-Natal; Edgewood Campus) Personal Experience Facing Covid19 In South Africa

Personal experince facing Covid-19 in South Africa

This pandemic has declared a global war to all humankind. In South Africa, we thought we were spared since there were rumours that it does not affect people of black colour. When it was revealed that those were allegations were not true, I nearly died. People were saying that there were prophetic words about the virus is in the Bible. I questioned my Faith over and over again. I was afraid of this virus since the media highlighted that people with diabetic are the most vulnerable. I was affected psychologically, as I did not know about this virus and so many things were said. I was exultant when the schools were closed, as it gave me time to know more about this infection. I have been teaching for 31 years, never in my life bene terrified of going to school. I was anticipated that schools would be closed for a year but it did not. The PPE (personal protective equipment) were delivered although there were of poor quality. Each learner got two masks of which the elastic that hold the mask is now too loose. Teachers found themselves in the frontline of this pandemic as learners are coming from the community who believe there is no virus. The school community where I work, one would find group of boys sharing the drink or cigarette with no masks. Screening is done every morning before going to class but the actual testing has not been done. I teach the Grade 7 which were allowed back to school, most of them came to school with no masks and were sent back. One the second day, the principal received the Departmental circular stating that any teacher who send the learner back home will be charged as one learner in the Province was raped on her way back home. Again as a teacher I was conquered as we encourage learners to wear masks and practise social distancing all the time. Learners manipulate teachers because they know that corporal punishment was obliterated. In the class room, learners are given soap to wash hands and some do and some don't. Later we discovered that the learners we are teaching have positive cases at home and they continue coming to school. They did not disclose that situation to the teacher, sometimes one member would call school to find out why the learner is permitted to school without testing. The principal would respond that no one notified the school. The learners will be asked to stay alone in the class until the school is over. Teaching profession is like a nuclear warfare. I can be negative and go home positive. No one knows, this is beyond our understanding now. I don't know If our country is doing its best to protect its citizen.

Zonke Aura Ngema- estudante de doutorado (Universidade de KwaZulu-Natal; Edgewood Campus)

Mudando do nível 5 para o nível 3 na África do Sul

As vicissitudes do mundo e as restrições de bloqueio aplicadas em nosso país transformaram as relações que temos uns com os outros em minha comunidade. Todo mundo sabe que nas áreas suburbanas ninguém se preocupa ou tem tempo com os vizinhos. As pessoas estão muito absortas em suas vidas exigentes. Sempre nos encontramos na estrada, buzinando ou passando. O bloqueio nos fez ficar apreensivos com o bem-estar das outras pessoas. Sim, temos os números uns dos outros, caso haja roubo ou algo assim, mesmo havendo menos crimes na área. Com o bloqueio, as rodas giraram, ninguém foi visto do lado de fora. Comecei a me preocupar com minha família, meus vizinhos, meus colegas, meus amigos e também com a congregação. Contamos com a conversa por telefone celular para verificar um ao outro. O nível 5 paralisou o país, o governo chegou a posicionar soldados em áreas onde as pessoas pareciam ignorar as restrições de bloqueio. Assisti ao noticiário e vi que o país está realmente em guerra contra um inimigo invisível. O uso de máscaras agora é obrigatório e os higienizadores estavam em todos os pontos de entrada das lojas. No nível 3, a maioria das pessoas voltou a trabalhar e ainda havia incertezas sobre o que era permitido ou não. Foi um alívio para a maioria de nós que os serviços de piscina e jardim estavam voltando, corrida e caminhada também foram legalizados, e estávamos orgulhosos disso. Escolas também foram abertas, mas não para todas as séries, pois o distanciamento social era a principal prioridade. A maioria dos cidadãos ficava satisfeita com a facilidade do bloqueio e dependíamos da mídia para atualização sobre novos casos, taxas de mortalidade, reuniões sociais, prisões quando as pessoas infringiam os regulamentos do bloqueio, e o que estava acontecendo no mundo. O que mais me interessou foi a proibição do cigarro, mas o que mais me confundiu foram as pessoas que continuaram a fumar. Gostaria de saber onde eles compraram o cigarro, e minha pergunta foi respondida quando eu fui abastecer o carro. Fui o primeiro a chegar e o frentista perguntou quanto eu estava colocando. Ele foi abastecer, mas se incomodou com o carro que chegou e estacionou ao lado do meu. Enquanto eu estava intrigada com este carro, o frentista deixou meu carro e correu para o outro carro. Isso me deixou mais curioso do que antes: ele estava vendendo cigarro. O cara, então, encheu meu tanque de gasolina e veio buscar o cartão de gasolina. Eu disse a ele que vi tudo. A forma como respondeu foi tão arrogante, ele disse que nunca vão deixar de fumar nem de comprar pela "porta dos fundos", o governo não os vai impedir. Fiquei muito desapontada, pois o cara com quem eu estava conversando tem idade suficiente para ser um homem de família. Senti falta da minha igreja e esperava que no nível 2 elas fossem abertas. A maioria das igrejas concordou em não abrir para salvar sua congregação de pegar o vírus. Agora ouvimos os serviços online, um pouco anômalos, mas agora estou bem. Também senti falta de receber a comunhão, como ser espiritual, é como se Deus não estivesse mais conosco. O anúncio da abertura das escolas veio com diferentes visões, pois tínhamos a certeza de que este vírus se move mais rápido quando está frio. Nas redes sociais, discutimos sobre o parlamento não ter aberto, mas as escolas estão!

A mídia também disse que junho será o mês de pico para a Covid19, mas algumas pessoas ainda dizem que a Covid19 não existe. Ainda hoje alguns cidadãos não usam máscaras. Essa época me ensinou a ter mais cuidado ao tocar nas coisas nas lojas. Eu carrego meu próprio desinfetante Dettol e foi descoberto que muitas lojas estão fazendo seus próprios desinfetantes sem álcool. Ainda assim, foi afirmado que o desinfetante deve ter pelo menos 70% de álcool para ser eficaz. Esta pandemia me desanima.

Zonke Aura Ngema- PhD Student (University of KwaZulu-Natal; Edgewood Campus) Personal Experience Facing Covid19 In South Africa

Moving from level 5 to level 3 in South Africa

The vicissitudes in the world and the lockdown restrictions applied in our country, transformed the relationships we have with each other in my community. Everyone knows that in the suburban areas, no one cares or have the time about the neighbours. People are so much engrossed in their demanding lives. We always meet on the road, hoot or pass. The lockdown prompted us to be apprehensive about other people 's wellbeing. Yes, we do have each other's numbers should there be burglary or so, of which there is less crime in the area. With lockdown, the wheels have turned, no one was seen outside. I began to worry about my family, my neighbours, my colleagues, my friends and also the congregation. We relied on cell phone chatting to check each other. Level 5 brought the country on stand still, the government even deployed soldiers in areas where people seemed to ignore lockdown restrictions. I watched the news and saw that the country is really at war with an unseen enemy. Wearing of masks was now obligatory and the sanitisers were in every entry point of the shops. In level 3, most people returned to work and there was still uncertainty on what was permitted or not. It was a relief for most of us that the pool and garden services were returning to work, jogging and walking were also legalized as residents were taking pride in that. Schools were also opened but not all Grades as social distancing was the top priority. Most citizens were comforted at the ease of lockdown and we depended on on the media for update on new cases, death rates, social gatherings, arrests when people broke the lockdown regulations and what was happening in the world. What interested me more, was the ban of cigarette but what confused me more, were the people who continued to smoke. I wondered where they bought the cigarette and my question was answered when I was in the garage to fill the gas. I was the first one to arrive and the petrol attendant asked how much was I putting, he went to fill the gas but was bothered by the car that arrived and park next to mine. While I was puzzled by this car, the petrol attendant left my car and rushed to this car. That made me more inquisitive than before, they traded few boxes of cigarettes with the money. The guy then filled my petrol tank and came for the petrol card, I told him I saw everything. The way he responded was so arrogant, he said they will never stop smoking nor buying from the back door, the government will not stop them. I was so disappointed as the guy I was talking to, is old enough to be a family man. I missed my church and I hoped in Level 2 they will be opened. Most churches agreed on not opening to save its congregation from getting this virus. So we now listen to the services online, a lit bit anomalous but now I am fine. I also missed receiving the communion, as a spiritual being it's like God is not with us anymore. The announcement on opening of schools came with different views as we were certain that this virus moving faster when it is cold. On social media we argued about the parliament not opened yet schools are! The media also said June will be the peak month for Covid19, yet other people are still saying there is no Covid19. Even today some citizens are still not wearing masks, this era has taught me to be more cautions when touching things in the stores. I carry my own Dettol sanitiser and it was discovered that many stores are doing their own sanitizers which has no alcohol. Yet, it was stated that the sanitiser must have at least 70 % of alcohol to be effective. This pandemic humbles me.

Profa. Dra. Betty Goviden (Universidade de KwaZulu Natal)

PREÂMBULO

Eu estava ansiosa para assistir à Noite de Abertura da Peça da Paixão de Durban em 25 de março de 2020. Eu tinha visto a peça pela primeira vez quando era uma jovem adolescente na década de 1950, com David Horner no papel principal, e isso causou uma profunda admiração em mim. Fora de Oberammergau, uma cidade dos Alpes Bávaros - que produz a peça a cada dez anos - Durban é a única cidade do mundo que tem a honra de produzir a mesma Peça da Paixão. Então, o impensável aconteceu! Chegou um aviso de que a Peça da Paixão foi cancelada. Logo, outros cancelamentos, para eventos muito esperados, chegaram ... Eu estava planejando especialmente participar do Festival TIME OF THE WRITER na semana seguinte. Este Festival é um destaque no calendário das Artes de Durban. Muitas pessoas interessantes estavam na programação, e eu estava ansiosa para conhecer a professora Tiffany Willoughby-Herard em Durban, e esperava convidá-la para minha casa. Ela me disse uma vez que seus alunos da University of California-Irvine usam meu livro, *Sister Outsiders*, como sua "Bíblia". Quando percebi que eram principalmente estudantes latinos e afro-americanos de pesquisa [elas mesmas "irmãs de fora"], fez todo o sentido! O cancelamento do Festival deixou um vazio profundo ... Logo fiquei sabendo de outros cancelamentos mais distantes. O Festival Literário de Franschoek. O Festival de Cinema de Cannes. A Feira do Livro de Londres. Feira do Livro de Paris. E a lista ficou cada vez mais longa. O impacto do Coronavírus foi múltiplo no mundo em geral, e no mundo das artes em particular. Nesta peça reflexiva, considerarei a pandemia de COVID-19 e as artes de vários ângulos e perspectivas. A variedade de respostas que reuni aqui estão em grande parte do mundo das artes e apontam para alguns dos desafios que enfrentamos de diferentes maneiras. A criatividade dos artistas, de fato, vem à tona, em face da desolação dos tempos atuais. Ismail Mohamed, o diretor da The Market Theatre Foundation em Joanesburgo, encorajou o desenvolvimento de novas formas de envolvimento nas artes.

"Acreditamos firmemente no ditado teatral de que "o show deve continuar"; e as circunstâncias extraordinárias criadas pela pandemia do Coronavírus nos obrigam a repensar as maneiras pelas quais podemos continuar a envolver nosso público enquanto nossos cinemas permanecem fechados no interesse da segurança de nossos artistas, públicos, funcionários e demais interessados. Este é o momento de pensar em como podemos levar o teatro para o espaço digital."
[Site do The Market Theatre]

JUNTOS AFASTADOS ... ESPERANÇA FLORESCE PARA SEMPRE...

Houve muitos eventos espetaculares, onde criatividade e generosidade foram oferecidas gratuitamente para alimentar e sustentar a ESPERANÇA neste tempo de crise. Em todo o mundo, tem havido vários exemplos de pessoas conectadas ao mundo das artes - músicos/as, cantores/as

dançarinos/as, atores/atrizes, pintores/as, escritores/as, diretores/as, produtores/as - vindo à tona, para responder de maneiras criativas para levantar o ânimo e compartilhar a esperança no meio da escuridão da pandemia do Coronavírus. Na África do Sul, a produção Coral Virtual da Roedean School em Joanesburgo é particularmente notável. Sua versão terrena e apaixonada de "Sing Hallelujah", de Leonard Cohen, liderada pelo diretor do coral, Ralf Schmitt, tem sido para mim, pessoalmente, uma experiência muito edificante durante este período de confinamento. O lema coletivo do coro, #Together Apart - "separados em tempos incertos, mas juntos no espírito e na música"; - era comovente em um momento em que a escola, como milhões em todo o mundo, está oficialmente fechada. Além de animar, os esforços das meninas foram direcionados para angariar apoio financeiro para o Fundo de Solidariedade para o Coronavírus. E enquanto eu olhava para o nosso mundo, de tantas maneiras diferentes, a frase sonora de Cohen - "hallelujah"; - assumiu um significado profundamente ressonante ... Em nível internacional, tivemos a música comovente de Andrea Bocelli, transmitida ao vivo da Catedral Duomo, em Milão. Cantando em um cenário surreal - o grande e imponente edifício estava assustadoramente vazio, em uma cidade que também estava deserta - a voz de Bocelli trovejou do cofre histórico, para alcançar milhões em todo o mundo no domingo de Páscoa. As palavras que Bocelli usou para apresentar seu programa Music for Hope foram realmente comoventes:

"Eu acredito na força de orarmos juntos; Eu acredito na Páscoa cristã, um símbolo universal de renascimento que todos - sejam crentes ou não - realmente precisam agora. Graças à música, transmitida ao vivo, reunindo milhões de mãos postas em todo o mundo, abraçaremos o coração pulsante desta Terra ferida... A generosa, corajosa e pró-ativa Milão e toda a Itália serão novamente, e muito em breve, um modelo vencedor, motor de um renascimento que todos esperamos. Será uma alegria testemunhá-lo, no Duomo, durante a celebração da Páscoa que evoca o mistério do nascimento e do renascimento". Com quase 20.000 mortes apenas na Itália, essas foram palavras cheias de esperança, de fato, e demonstraram o poder e a promessa das Artes. E estes são apenas dois exemplos de artistas e músicos, que estão todos em quarentena, tocando e cantando através dos abismos de medo que separam as pessoas em nosso amado planeta ... Líderes de diferentes tradições religiosas também encorajaram o mundo com mensagens de ESPERANÇA, em várias formas. O reverendo Errol Narain, um padre anglicano sul-africano, agora radicado em Chicago, compôs o poema "Este mundo é meu lar - Emmanuel, Deus está conosco", encorajando-nos a não nos sentirmos abandonados, a ver Deus na face do outro. Esta é uma exortação oportuna e verdadeira para todas as nossas tradições de fé.

AS ARTES EM TEMPOS DE PANDEMIA

Qual é o papel das Artes, então, durante esta ou qualquer pandemia? Nirode Bramdaw, diretor administrativo da editora African Sun, uma editora, ex-membro do Círculo de Críticos de Durban e administrador do Bat Center, fez uma observação interessante e, sem dúvida, válida de que há muito chauvinismo nas plataformas de mídia social sobre o que é considerado "serviços essenciais". Ele argumenta que, na verdade, muitas das atividades que as pessoas realizam durante a quaren-

tena estão relacionadas às artes, como ler um livro, ouvir música ou assistir um filme. Ele ressalta que as Artes são necessárias para o bem-estar emocional:

"Durante esses tempos de crise e estresse, são as Artes que ajudam cada um de nós a se envolver com suas próprias realidades e a se curar, com o meio que for mais adequado para nós. Eu gostaria que mais pessoas apreciassem a criatividade como parte integrante da compostura social." [Correspondência por e-mail, 9 de abril de 2020]

Na verdade, o argumento de Bramdaw de que as Artes são "serviços essenciais"; não deve ser rejeitado tão rapidamente. O trabalho de uma cidade remota no Iraque é instrutivo aqui. Você sabia que Slemani, no Iraque, cidade da literatura da UNESCO desde 2019, e um movimentado centro de literatura e criação literária, lançou uma iniciativa intitulada "Literatura e Artes como Ajudante e Terapeuta", para ajudar as pessoas, praticando "distanciamento social" e confinamento durante a pandemia, para permanecer resiliente e unido? A iniciativa visa apoiar os pacientes do COVID-19, em particular, fornecendo-lhes obras e materiais literários criativos e inspiradores. Escritores, autores, artistas e jornalistas de outras Cidades Criativas da Literatura, incluindo Durban, foram convidados a compartilhar suas criações e visões otimistas, bem como experiências de vida positivas para ajudar as pessoas a enfrentar e se recuperar durante esta crise. Este não é claramente um caso de "arte pela arte";, mas pelo papel de melhoria que a arte pode desempenhar neste momento. É bom ver uma iniciativa criativa e prática semelhante em Durban, chamada de Programa de Bloqueio Ethekwini, recém-lançado, que inclui contação de histórias, da autora de renome internacional, Gcina Mhlophe, Book Talks [que inclui informações práticas] de Zanele Dlamini [o vencedor do concurso One City, One Book de Durban em 2019], Nelly [Nelisile] Shozana, Ayanda Borotho e Scelo Mncube. Em Durban, também temos realizado os shows semanais do Centro de Jazz e Música Popular do UKZN, apropriadamente chamado de "Music Unlocked". Um apelo importante foi recentemente lançado por autores e acadêmicos sul-africanos, para encorajar o acesso aos livros. Uma Carta Aberta de mais de 300 signatários foi enviada ao Presidente da África do Sul, solicitando que os livros sejam disponibilizados para compra online ou por telefone, e que os livreiros tenham permissão para entregar os livros. E o Dennis Hurley Center em Durban - já criando empregos por meio do comércio de livros de segunda mão e aliviando a vida dos que vivem na pobreza - tornou os livros disponíveis gratuitamente para aqueles em abrigos temporários.

Esses esforços diversos, sem dúvida, terão uma influência importante em nossa economia do conhecimento em geral, tanto formal quanto informal.

A POESIA É O ANTÍDOTO PARA AS DOENÇAS DO MUNDO

A escritora e ativista jurídica Kathleen Ebersohn, radicada em Johannesburgo, ressalta que "A arte oferece consolo, esperança e inspiração, ainda mais em períodos de complexidade. Mapeamos a trajetória de nossas vidas por meio da arte. Voltamos e voltamos, para a música, a página, filmes, imagens, tecidos e objetos inanimados para compreender o mundo em que vivemos - e nós mesmos dentro desse mundo." Ben Okri, o vencedor do Prêmio Booker, também enfatizou a im-

portância crucial das Artes durante as crises.

Ele afirma:

"Ocorreu-me que este é um momento em que precisamos de arte mais do que nunca. Precisamos da arte para nos lembrar por que vale a pena viver. Precisamos da arte para despertar nosso senso da maravilha do ser, para nos lembrar de nossa liberdade e para destacar as coisas em nossas culturas que nos permitem suportar o rosto temido da morte."

De fato, no romance *The Ministry of Ultimate Happiness* [2017], de Arundathi Roy, o médico prescreve poesia em vez de pílulas! Roy, outro vencedor do Booker e ativista social, está sugerindo que a poesia pode ser vista como o antídoto para os males do mundo! Em todo o mundo, poesia relacionada ao Coronavírus está sendo escrita e compartilhada. Foi anunciado que as obras literárias coletadas serão integradas e digitalizadas em uma coleção internacional intitulada "Cuidar uns dos outros é um direito humano". Nos EUA, Alice Quinn, da Poetry Society of America, compilou um livro de poemas, *Together in a Sudden Strangeness: America's Poets Responds to the Pandemic*, que será publicado como um e-book em junho deste ano. Houve várias ligações de poesia, em diferentes formas, que também foram iniciadas. Um exemplo interessante são as sessões de Poesia ao vivo por um coletivo de romancistas indianos, com leituras diárias de poesia, e com curadoria do poeta inglês indiano Ashwani Kumar, com sede em Mumbai. Simon Armitage, o poeta laureado no Reino Unido, escreveu um poema para abordar o Coronavírus e um confinamento que nos encoraja a desacelerar e nos tornar contemplativos. Armitage intitulou seu poema "Lockdown" e, tendo como pano de fundo uma longa história, analisa a situação presente. Ele ressalta que, durante esse período, estamos aprendendo a valorizar nossas experiências vividas e que há algo de sacramental nas descrições comuns da vida cotidiana. Na África do Sul, o *Daily Maverick* tem publicado um recurso, "Unlocked: Poems for Critical Times", dirigido pela famosa poetisa sul-africana Ingrid de Kok. Vários poetas interessantes de nosso rico depósito foram apresentados. Os poetas sul-africanos há muito tempo produzem poesia em face dos "tempos críticos" durante a era do apartheid. Um poema encantador foi escrito por Siddharthiya Pillay, para crianças, sobre COVID-19. O poema mostra as lições valiosas que podem ser aprendidas com a experiência atual e que "cuidar uns dos outros" pode ser praticado de diferentes maneiras e contextos.

Sheepy e o C.D.C *

Nuvens de tempestade pairavam sobre as árvores
zumbindo como enxames de abelhas furiosas
estático, mas eletrizante
sinistro e assustador
Baldes, eles esvaziaram a chuva
mas tão rapidamente quanto eles vieram, foram embora novamente
o céu voltou com um sol alegre
que tentou secar todo mundo

Alguns tiveram sorte, seguros em suas moradias
de árvores e tocas e cavernas e bombardeios

mas outros estavam encharcados até os ossos -
todos aqueles que não tinham casa
_ Achoo! Achoo! - Espirrou uma dessas criaturas,
uma senhora alta chamada Anita
_ Cuidado, embaixo! _ Disse ela do alto
para qualquer infeliz transeunte
_ É chuva de novo? _ Sheepy gritou
_ Minha lã ainda está molhada - não secou!
_ Não, não, meu amigo, por favor, desculpe meus espirros,
e tenha cuidado com os meus acessos de respiração ofegante!
Acho que posso ter pegado um resfriado -
acontece com frequência agora que estou velho.
Eu também não consigo ver as coisas de longe.
Um pouco difícil para uma girafa, eu diria!

Sheepy parou de olhar para frente,
e procurou através das copas das árvores ao invés
Ele apertou os olhos até fechar os olhos,
avistando uma girafa com nariz vermelho brilhante
_ Você deve ser de uma estação distante! _
_ Sim, eu viajei aqui nas minhas férias.
Mas agora tudo está arruinado e estou muito triste
com esse resfriado que está ficando muito forte.
Sheepy não queria ficar doente
mas sabia que seu novo amigo precisava de ajuda bem rápido
Com a cabeça em um chapéu quente e uma meia em cada trotador
os dois amigos saem em busca de um bom médico
Mas na viagem, Anita espirrou,
incapaz de cobrir a boca, ela ofegou,
borrifando gotas nas folhas e no chão
até que sua garganta loooonga estivesse doendo e dolorida
E em seu rastro, as criaturas da floresta
tem testas que pareciam aquecedores de inverno
as defesas dos animais caíram ainda mais
Sim, até as tartarugas se moviam um pouco mais devagar
Os grilos se encolheram com seus joelhos rangentes
Macacos nebulosos balançaram nas árvores
Os pica-paus tinham cabeças latejantes
E os coelhos ficavam na cama!
Morcegos de cabeça para baixo pareciam tontos
e gargalhadas de hienas pareciam envelhecidas

enquanto uma cacofonia subia pelo ar
de windbags sibilantes em todos os lugares
_Pare aí mesmol _ Veio um guincho sério
Sheepy olhou para baixo para encontrar duas bochechas grandes
'Cory the Chipmunk é o nome,
"Chipmunk: Disease Control" * é o jogol";
_ Por favor, ajude-nos, Cory, meu amigo está doente.
Seu remédio esquilo resolveria!";
_ Senhor, eu sei que você tem boas intenções,
mas seus movimentos causaram um feitiço doentio!
Como atendemos seu amigo com medicação sólida,
você terá que ficar aqui isolado";
Sheepy concordou, feliz em seu coração
que ele poderia ajudar os outros fazendo sua parte
E os corajosos defensores da boa saúde da floresta
atendeu a enfermidade com rapidez e furtividade
Eles espalham a notícia (mas não a doença)
que todos devam ficar em casa, obrigado e por favor
Sim, todo mundo foi um herói naquela época,
não apenas os esquilos na linha de frente
mas as águias patrulhando, distribuindo comida
e os pássaros cantando para iluminar o clima
As corujas ainda ensinam, e os ursos movendo as caixas

e as menores formigas carregando mais do que seu peso
Aqueles que buscaram ajuda e aqueles que se mantiveram limpos
(e aqueles que comeram com sabedoria e ficaram um pouco magros!)
Todos aqueles que provaram que nunca saiu de moda,
como Sheepy, para mostrar todo o cuidado e compaixão.

MAIS DO QUE "ARTE PELA ARTE"

Shabbir Banoobhai, poeta sul-africano publicado, residente na Cidade do Cabo, havia escrito anteriormente que o "objetivo da arte é gerar consciência/criatividade". Consequentemente, ele emitiu uma nota de advertência recentemente, lembrando-nos de que, embora a arte de todo tipo seja certamente importante neste momento, e "continue gratificante e edificante";, devemos permanecer preocupados com aqueles que foram devastados pela pandemia [Correspondência por e-mail, 29 de abril, 2020]. A professora Mala Singh afirmou de forma semelhante que para "aqueles que estão lutando contra a violência doméstica e pública debilitante, demolições de barracos, etc., dar expressão à imaginação pode ser um luxo inimaginável" [Email Correspondence 18 May 2020]. São lembretes salutares. Na verdade, um foco nas Artes (e a partir delas) não deve ser para desviar a

atenção das devastações de nosso tempo, mas para realmente nos fazer prestar mais atenção a elas. Os artistas não estão apenas "entretendo" o mundo, para passar o tempo, mas estão profundamente preocupados em aumentar a consciência e a consciência crítica e em contribuir de maneiras tangíveis para fazer a diferença na vida das pessoas. Um bom exemplo aqui é o programa comovente, Multi-Kulti em Makhanda, de Esther Ramani e Michael Joseph. Seu programa oferece interpretações emocionantes de música e poesia, reflexões comoventes sobre esse tempo de quarentena e, ao mesmo tempo, eles têm usado seus esforços poéticos e musicais para arrecadar fundos para o Programa de Alimentação Makhanda.

É claro que as respostas à pandemia COVID-19 são diversas. O mundo das artes constitui apenas um setor. Devemos também estar atentos às vozes críticas de outros nós de pensamento e ativismo, que estão oferecendo uma crítica incisiva de uma série de fatores, como as realidades do mercado, o capitalismo global, o aumento da xenofobia e da vigilância. Aqui, as declarações e escritos recentes de intelectuais como Noam Chomsky e Slavoj Žižek, entre outros, que são profetas destemidos de nosso tempo, valem a pena refletir. Em um artigo penetrante, "Patriots Against the Virus - Uma praga global, epidemiologia política e histórias nacionais", o Professor Vinay Lal, da UCLA, enfatizou a "epidemiologia social que agora está nos ajudando a mapear os efeitos desproporcionalmente prejudiciais do COVID - 19 enquanto atravessa populações carcerárias, chawls, guetos, favelas, banlieues, bairros de imigrantes e enclaves da classe trabalhadora". O professor Lal afirma que, à medida que tentamos encontrar "o lugar redentor das artes e da poesia em particular";, ao mesmo tempo precisamos "reunir todos os nossos recursos culturais, sociais, intelectuais, éticos e filosóficos para nos ajudar a pensar através da situação presente..." [Email Mensagem no E-mail do dia 5 de maio de 2020].

MATÉRIA DE VIDAS NEGRAS

É particularmente importante apreciar a maneira como a pandemia expôs as falhas em nosso mundo. Precisamos destacar o impacto sobre os pobres, os marginalizados e as vidas das mulheres durante esse bloqueio. A crítica às mulheres, particularmente do Sul, e a maneira como a pandemia nos lembrou novamente do estado do mundo, é uma verificação distinta da realidade. Tornou-se cada vez mais evidente que no Reino Unido, por exemplo, uma proporção maior de minorias étnicas está morrendo de Coronavírus. Afla Hirsch, uma conhecida colunista do Guardian, chamou a atenção para os estudos onde negros, asiáticos e outras minorias étnicas constituem uma proporção maior das vítimas no Reino Unido. Isso também se aplica aos profissionais de saúde. Como Hirsch aponta: "As disparidades raciais têm uma história, e não é surpresa ver uma mentalidade colonial em ação em grande parte da resposta do Coronavírus ... Dizer que o Coronavírus é uma doença que não discrimina é ilusório. Se você é pobre, teve uma vida de ansiedade de renda, saúde precária, vive em moradias inadequadas e não pode pagar uma alimentação saudável, espaço e descanso, você é vulnerável." Em seu artigo, "A Pandemia é um Portal", Arundathi Roy falou incisivamente sobre o estado do mundo inteiro, mesmo quando se concentra na Índia. Ela argumenta que, em última análise, o Coronavirus nos oferece uma oportunidade e um desafio - um "portal" - para mudar o mundo. Não é como se não soubéssemos,

mas a pandemia é um lembrete gritante de tudo o que está errado, desigual e injusto no mundo: "E o que dizer do meu país, meu país rico e pobre, a Índia, suspenso em algum lugar entre o feudalismo e o fundamentalismo religioso, a casta e o capitalismo, governado por nacionalistas hindus de extrema direita? ... O bloqueio funcionou como um experimento químico que de repente iluminou coisas ocultas. À medida que lojas, restaurantes, fábricas e a indústria da construção fechavam, enquanto a classe média e terrena se fechavam em colônias fechadas, nossas cidades e megacidades começaram a expulsar seus cidadãos da classe trabalhadora - seus trabalhadores migrantes - como tantos acréscimos indesejados ... Eles sabiam que estavam indo para casa potencialmente para diminuir a fome. Talvez eles até pudessem estar carregando o vírus com eles e infectassem suas famílias, seus pais e avós em casa, mas eles precisavam desesperadamente de um fiapo de familiaridade, abrigo e dignidade, bem como comida, se não amor ... Seja o que for, o Coronavírus fez o poderoso se ajoelhar e fez o mundo parar como nada mais poderia. Nossas mentes ainda estão correndo para frente e para trás, ansiando por um retorno à "normalidade"; tentando costurar nosso futuro ao nosso passado e recusando-se a reconhecer a ruptura. Mas a ruptura existe. E em meio a esse terrível desespero, ele nos oferece a chance de repensar a máquina do juízo final que construímos para nós mesmos. Nada poderia ser pior do que um retorno à normalidade. Historicamente, as pandemias forçaram os humanos a romper com o passado e imaginar seu mundo novo. Esta não é diferente. É um portal, uma passagem entre um mundo e o outro. Podemos escolher caminhar por ele, arrastando as carcaças de nosso preconceito e ódio, nossa avareza, nossos bancos de dados e ideias mortas, nossos rios mortos e céus de fumaça atrás de nós. Ou podemos caminhar com leveza, com pouca bagagem, prontos para imaginar outro mundo. E pronto para lutar por isso." Este é um desafio intransigente e inequívoco de uma escritora feminista do Sul em mudar a forma como vivemos no mundo.

A VIDA DOS ARTISTAS NEGROS É IMPORTANTE

Em um programa de TV digital com transmissão ao vivo especial, "One World: Together At Home", em 18 de abril de 2020, que apresentava Lady Gaga, Paul McCartney, John Elton, Stevie Wonder e outros, para apoiar os profissionais de saúde da linha de frente e a Organização Mundial da Saúde, Beyoncé chamou a atenção para o impacto desproporcional do Coronavírus nas comunidades negras. Um estudo mostrou que, em Chicago, os negros representam metade de todos os casos atingidos pelo vírus e 70% das mortes, embora a cidade seja apenas um terço de negros.

Em seu artigo no New York Times, em 7 de abril de 2020, "The Pandemic Missing Data", Aletha Maybank, que é diretor de ações de saúde da American Medical Association, afirma que "as comunidades negras experimentaram as consequências das desigualdades estruturais em riqueza, habitação e educação, só para citar algumas áreas". Frank M Snowden, em seu livro "Epidemias e Sociedade: da Peste Negra ao Presente", argumenta que "cada sociedade produz suas próprias vulnerabilidades específicas".

Crucialmente, precisamos também reconhecer que muitos artistas, especialmente artistas negros, estão enfrentando grande estresse econômico devido a cancelamentos e perda de contratos,

redução de pessoal, entre outros "inconvenientes". Tem havido apelos para ajudar de várias maneiras. A Professora Debbie Lutge, Chefe do Departamento de Estudos de Drama e Produção da Universidade de Tecnologia de Durban, enfatizou a "gravidade" da atual "crise de proporções incomparáveis": "Artistas de alta performance ao vivo"; no ambiente KwaZulu-natalense já vulnerável estão sofrendo com o confinamento nacional, já que o pacote prometido pelo Ministro Mthethwa de R150- cento e cinquenta bilhões de Rand (moeda sul-africana)- não consegue chegar aos artistas performáticos KwaZulu-natalenses ... O medo é que esta frágil comunidade artística KZN se dobrará completamente e não sobreviverá aos encerramentos do COVID-19 " [Correspondência por e-mail, 28 de abril de 2020].

Uma plataforma de mídia digital com foco na cultura, música e política africana, recentemente relatou o impacto do vírus em artistas africanos no continente e na diáspora africana. Lady Donli, musicista nigeriana, afirmou que o surto do vírus "colocou uma sombra de incerteza em sua vida", já que seus shows eram sua principal fonte de renda. Outros artistas africanos, como Lucille Slade, também lamentaram as implicações financeiras do vírus. Só nos Estados Unidos, uma pesquisa realizada pela Americans for the Arts mostrou que o prejuízo foi de 4,5 bilhões de dólares. As muitas iniciativas estabelecidas na África do Sul para ajudar os artistas durante esse período são louváveis e devem ser expandidas. Entre eles estão o Artist Relief Project [dirigido pela Artly World Nonprofit], o Business and Arts South African Artist Relief Grant e o The Vulnerable Artist Fund. Infelizmente, houve muitas mortes de artistas diretamente devido à pandemia. Na África, por exemplo, houve a morte de Manu Dibango, a lenda do afro-jazz camaronês devido ao COVID-19.

RUMO A UMA NOVA HUMANIDADE

Os artistas estão desafiando o mundo profundamente durante esta época da pandemia do Coronavírus para imaginar um admirável mundo novo. Em seu artigo, "Catástrofe da Humanidade: Seguindo Sylvia Wynter na Era do Coronavírus", Anamika Misra condena o tratamento racialmente preferencial que tem sido praticado na atualidade:

"Em um mundo ordenado por uma mecânica racista e capitalista, as forças da desigualdade estão se informando e sendo reinscritas ciclicamente pelas medidas que estão sendo tomadas. Ousar dar à humanidade um futuro diferente, além da pandemia do coronavírus e do racismo, requer uma reformulação radical da humanidade e da ética de ser humano no mundo."

Misra critica a narrativa de uma noção seletiva de "humanidade" que controlou o mundo global, e especialmente o Ocidente. Ela clama por uma reformulação radical do que significa ser humano no mundo.

Citando Sylvia Wynter, a conhecida feminista descolonial do Sul, Misra pede uma "reforma há muito esperada"... a luta do nosso novo milênio será uma luta entre o imperativo contínuo de garantir o bem-estar de nossa presente concepção etnoclassista (isto é, burguesa ocidental) do homem, o Homem, que se super-representa como se fosse o próprio humano, e de garantir o

bem-estar e, portanto, a plena autonomia cognitiva e comportamental da própria espécie humana / nós mesmos. "

Da mesma forma, a Professora Nyna Amin, da Universidade de Kwazulu-Natal, enfatizou a necessidade de focar "as classes mais pobres em suas várias manifestações, diversidades e multiplicidades" [Mensagem de email, 5 May 2020].

O que a pandemia certamente destacou é a necessidade de todos nós nos engajarmos na introspecção crítica. O Rev. Dr. Jeremy Jacobs, Capelão Sênior do St John's College, Joanesburgo, afirmou de forma semelhante:

"Nosso divisor de águas atual não vai nos moldar em quem devemos nos tornar, mas está nos despojando de nossas facetas e nos desafiando a nos autoexaminar. O que nós vemos? Muita cooperação global, generosidade, mutualidade e cuidado, mas também medo, egoísmo, ignorância e ganância. A humanidade no que há de melhor e de pior ... Temos, portanto, uma oportunidade, na verdade um dever, de construir novos andaimes éticos para as maneiras como vivemos individual e comunitariamente. "

No final, este desafio inclui crucialmente todas as formas de vida em nosso amado planeta. A Dra. Deena Padayachee, autora e poetisa sul-africana radicada em Durban, compôs um poema COVID-19, no qual chama a atenção para o papel que os humanos desempenharam na subjugação do planeta.

Agora, durante esta pandemia, ele observa:

"O ruído humano foi finalmente silenciado
As vozes de outras espécies encontram vida. "

CONCLUSÃO: ESPERANÇA FLORESCE PARA SEMPRE

Concluo por agora com as palavras irreprimíveis de Nancy Richards, uma conhecida personalidade do rádio sul-africana, que convocou muitos programas literários. Eu planejava encontrar Nancy no Time of the Writer Festival em Durban, e esperávamos ir ao Luthuli Center em Groutville e à North Coast Literary Trail durante a semana, se a logística do programa permitisse. Nancy escreveu aqui sobre o papel incalculável das Artes durante a época da pandemia do Coronavírus. Ela disse que a poesia é "tão vital para o nosso bem-estar quanto respirar"; [Email Correspondence, 29 April, 2020.]

O CURSO DA CRISE

Por Nancy Richards

Veio quase do nada como uma faca viral no coração das Artes.

E enquanto o sangue se acumulava em torno dos cinemas fechados, produções e apresentações adiadas, shows e festivais cancelados caíam um a um como dominós, as lágrimas corriam. Eles fluíram por todo o trabalho duro, toda a paixão, tempo e energia desperdiçados, apagados como tantas chamas de velas.

Mas, mesmo enquanto as lágrimas secavam em rios salgados, novas faíscas se acenderam. Surpreendentemente - dentro de dias, até horas - ideias e WhatsApps começaram a circular, 'E quanto a ... talvez pudéssemos ... vamos tentar ...' e todos os tipos de lampejos criativos cresceram e se transformaram em um campo virtual de chamas.

Entrevistas e shows solo começaram a acontecer no YouTube, Facebook e Twitter. O zoom e o Skype abriram as opções de comunicação. Vídeos coletivos e minifilmes feitos à distância se juntaram, histórias online foram contadas, livros publicados na velocidade da luz, podcasts ressuscitaram ou nasceram - e todos com potencial para o público em todo o mundo. Fenômenos extraordinários nos catapultaram para uma arena digital que alguns só tinham visto em uma bola de cristal.

Com uma semana ainda pela frente para o Lockdown, 21, a Fase 2 até a 3 poderia estar por vir. Então, as chamas criativas irão se espatifar e queimar conforme emergimos, eventualmente, dos casulos, soprando a poeira dos assentos do teatro e abrindo as portas do estúdio? Quem sabe? Será que as novas soluções virtuais inventivas eclipsarão a nova ordem futura? Quem sabe?

O que é certo, as coisas nunca mais serão as mesmas, nas artes - ou em qualquer outra indústria ou empreendimento humano. O melhor que podemos fazer é ter esperança, ser atenciosos, estar completamente abertos a novas ideias e sugestões - e acima de tudo, não ter medo, mas ser corajoso.

EPÍGRAFE

Os esforços de tantos nas artes para tornar este momento especialmente significativo são verdadeiramente inspiradores e louváveis. Houve conferências de artes on-line, convites de "temporada aberta"; para os melhores museus e galerias de arte do mundo, shows de balé e teatro, e poetas e escritores criando laços de imaginação de diferentes maneiras. Artistas em todas as esferas contribuíram para gerar uma resposta criativa, investigativa e instrutiva à pandemia.

Shubnum Khan, artista e autor radicado em Durban, pergunta de maneira pungente:
"Como será o novo mundo? Eu subo no meu telhado. Eu olho para a vastidão do deserto ... Eu olho para o outro lado do mundo à frente. Eu examino os céus. Eu apertei os olhos. Há algo ali, um esboço tênue. Eu fecho meus olhos e imagino."

Dr. Betty Goviden [1] (University of KwaZulu-Natal)

THE ARTS IN THE TIME OF PANDEMIC

PREAMBLE

I was looking forward to attending the Opening Night of the Durban Passion Play on 25 March 2020. I had first seen the play as a young teenager in the 1950's, with David Horner in the leading role, and it made a deep impression on me. Outside Oberammergau, a town in the Bavarian Alps - which produces the play every ten years - Durban is the only city in the world that has the honour of producing the same Passion Play. Then, the unthinkable happened! A notice arrived that the Passion Play was cancelled.[2] Soon, other cancellations, to much-anticipated events, came streaming in...I was especially planning to attend the TIME OF THE WRITER Festival the following week. This Festival is a highlight on the Durban Arts calendar. Many interesting persons were on the programme, and I was keen to meet Professor Tiffany Willoughby-Herard in Durban, and had hoped to invite her to my home. She told me once that her students at the University of California-Irvine use my book, *Sister Outsiders*, as their "Bible". When I realised they were mainly Latino and African-American research students [themselves "sister-outsiders"], it made perfect sense! The Festival's cancellation left a deep void...I soon became aware of other cancellations further afield. The Franschoek Literary Festival. The Cannes Film Festival. The London Book Fair. Paris Book Fair. And the list just got longer and longer. The impact of the Coronavirus has been manifold in the world at large, and on the Arts world in particular. In this reflective piece I shall consider the COVID-19 pandemic and the Arts from various angles and perspectives. The variety of responses, that I have collated here, are largely from the Arts world, and they point to some of the challenges we face in different ways.[3] The creativity of artists has, indeed, come to the fore, in the face of the bleakness of the current times. Ismail Mohamed, the Director of The Market Theatre Foundation in Johannesburg, has encouraged the development of new ways of engaging in the Arts. "We are firm believers in the theatre adage that 'the show must go on' and the extraordinary circumstances created by the Coronavirus pandemic forces us to re-image the ways we can continue to engage our audiences while our theatres remain closed in the interest of the safety of our artists, audiences, employees and various stakeholders. This is the moment to think of how we can take theatre into the digital space." [The Market Theatre Website]

TOGETHER APART... HOPE SPRINGS ETERNAL...

There have been many spectacular events, where creativity and generosity have been freely offered to nurture and sustain HOPE in this time of crisis. All over the world there have been numerous examples of those connected to the Arts world - musicians, singers, dancers, actors,

dancers, actors, painters, writers, directors, producers - coming to the fore, to respond in creative ways to lift spirits and share Hope in the midst of the gloom of the Coronavirus pandemic. In South Africa, the virtual choral production by Roedeian School in Johannesburg is particularly noteworthy. Their earthy and impassioned rendition of Leonard Cohen's "Sing Hallelujah", led by the choir director, Ralf Schmitt, has been for me, personally, a most uplifting experience during this period of lockdown. The choir's collective motto, #Together Apart - "apart in uncertain times, but together in spirit and song" - was poignant at a time when the school, like millions across the world, is officially closed. Alongside raising spirits, the girls' efforts were directed at raising financial support towards the Solidarity Fund for the Coronavirus. And as I looked at our world, in so many different ways, Cohen's ringing phrase - "broken hallelujah" - took on a deeply resonant meaning... At an international level, we have had the soul-stirring singing of Andrea Bocelli, live-streamed from the Duomo Cathedral in Milan. Singing from a surreal setting - the grand and imposing edifice was eerily empty, in a City that was also deserted - Bocelli's voice thundered forth from the historic vault, to reach millions across the globe on Easter Sunday. The words that Bocelli used to introduce his Music for Hope Programme were very moving indeed:

"I believe in the strength of praying together; I believe in the Christian Easter, a universal symbol of rebirth that everyone - whether they are believers or not - truly needs right now. Thanks to music, streamed live, bringing together millions of clasped hands everywhere in the world, we will hug this wounded Earth's pulsing heart...The generous, courageous, proactive Milan and the whole of Italy will be again, and very soon, a winning model, engine of a renaissance that we all hope for. It will be a joy to witness it, in the Duomo, during the Easter celebration which evokes the mystery of birth and rebirth." With nearly 20,000 deaths in Italy alone, these were hope-filled words, indeed, and demonstrated the power and the promise of the Arts. And these are just two examples of artists and musicians, who are all in quarantine, playing and singing across the chasms of fear that separate people on our beloved planet... Leaders from different faith traditions have also encouraged the world with messages of HOPE, in various forms. The Revd Errol Narain, a South African Anglican priest, now based in Chicago, has composed a poem, "This World is My Home - Emmanuel, God is with us", encouraging us not to feel abandoned, to see God in the face of the Other. This is a timely exhortation, and true for all our faith traditions.

THE ARTS IN THE TIME OF PANDEMIC

What is the role of the Arts, then, during this, or any, pandemic? Nirode Bramdaw, Managing Director of African Sun Media, a publishing company, and past member of the Durban Critics' Circle and Trustee of the Bat Centre, has made an interesting and, arguably, valid observation that there is much chauvinism on social media platforms, on what is considered "essential services". He argues that, in fact, many of the activities that people engage in during the lockdown are related to the Arts, like reading a book, listening to music, or watching a movie. He points out that the Arts are necessary to emotional well-being:

“During these times of crises and stress, it is the Arts that helps us each engage with our own realities and heal, with whichever medium is most appropriate to us. I wish more people would appreciate creativity as an integral part of societal composure.” [Email Correspondence, 9 April 2020]

Indeed, Bramdaw’s argument that the Arts are “essential services” should not be dismissed too quickly. The work of a remote city in Iraq is instructive here. Did you know that Slemani, in Iraq, which is a UNESCO City of Literature since 2019, and a bustling centre for literature and literary creation, has launched an initiative entitled “Literature and Arts as Helpmate and Therapist”, to help people, practising “social distancing” and confinement during the pandemic, to stay resilient and united? The initiative aims to support COVID-19 patients in particular by providing them with creative and inspirational literary works and materials. Writers, authors, artists and journalists from other Creative Cities of Literature, including Durban,[4] have been invited to share their optimistic creations and visions, as well as positive life experiences to help people cope and recover during this crisis.[5] This is clearly not a case of “art for art’s sake”, but for the ameliorative role that Art can play at this time. It is good to see a similar creative and practical initiative in Durban, called the Ethekeeni Lockdown Programme, just launched, which includes story-telling, by the internationally renowned author, Gcina Mhlophe, Book Talks [which includes practical information] by Zanele Dlamini [the winner of Durban’s One City, One Book competition in 2019], Nelly [Nelisile] Shozana, Ayanda Borothe and Scelo Mncube. In Durban, we have also been having the weekly concerts from the Centre for Jazz and Popular Music at UKZN, appropriately named “Music Unlocked”. An important appeal has been recently mounted by South African authors and academics, to encourage access to books. An Open Letter from over 300 signatories has been sent to the President of South Africa, to request that books are made available for purchase online or over the telephone, and that booksellers be permitted to engage in book delivery.[6] And the Dennis Hurley Centre in Durban - already creating employment through the second-hand book trade, and alleviating the lives of the poverty-stricken - has made books freely available to those in temporary shelters.

These diverse endeavours will undoubtedly have an important influence on our knowledge economy all round, both formal and informal.

POETRY IS THE ANTIDOTE TO THE WORLD’S ILLS

Writer and legal activist, Kathleen Ebersohn, based in Johannesburg, stresses that “Art offers solace, hope and inspiration, even more so during periods of complexity. We map the trajectory of our lives through art. We turn and return, to music, the page, films, images, textiles and inanimate objects to understand the world we live in – and ourselves within that world.”[7] Ben Okri, the Booker Prize winner, has also emphasised the crucial importance of the Arts during crises. He states:

“It struck me that this is a time when we need art more than ever. We need art to remind us

why life is worth living. We need art to reawaken our sense of the wonder of being, to remind us of our freedom, and to highlight the things in our cultures that enable us withstand the dreaded visage of death.”

Indeed, in the novel, *The Ministry of Utmost Happiness* [2017],[8] by Arundathi Roy, the doctor prescribes poetry rather than pills! Roy, another Booker winner and social activist, is suggesting that poetry may be seen as the antidote to the world’s ills!

All over the world, poetry related to the Coronavirus is being written and shared. It has been announced that collected literary works will be integrated and digitalized into an international collection entitled “Caring for Each Other is A Human Right”. In the USA, Alice Quinn, of the Poetry Society of America, has compiled a book of poems, *Together in a Sudden Strangeness: America’s Poets Responds to the Pandemic*, will be published as an e-book in June this year. There have been several poetry link-ups, in different forms, that have been initiated as well. An interesting example is Poetry Live sessions by an Indian Novelists’ Collective, with daily poetry readings, and curated by Indian English poet, Ashwani Kumar, based in Mumbai. Simon Armitage, the poet laureate in the United Kingdom, has written a poem to address the Coronavirus and a lockdown that encourages us to slow down and to become contemplative. Armitage entitled his poem “Lockdown” and, against a long history as background, looks at the present situation. He makes the interesting point that during this time we are learning to appreciate our lived experiences, and that there is something sacramental in the ordinary descriptions of everyday life. In South Africa, the *Daily Maverick* has been running a feature, “Unlocked: Poems for Critical Times”, led by famous South African poet, Ingrid de Kok. Several interesting poets from our rich storehouse have been featured. South African poets have long produced poetry in the face of “critical times” during the apartheid era. A delightful poem has been written by Siddharthiya Pillay,[9] for children, about COVID-19. The poem shows the valuable lessons that could be learnt from the present experience, and that “caring for each other” can be practised in different ways and contexts.

Sheepy and the C.D.C*

Storm clouds hovered above the trees
buzzing like swarms of angry bees
static, yet electrifying
ominous and terrifying
Bucketfuls, they emptied rain
but as quickly as they came, were gone again
the sky returned with a cheerful sun
which tried to dry up everyone

Some were lucky, safe in their dwellings
of trees and dens and caves and shellings
but others were soaked to the bone —

all those who did not have a home

'Achoo! Achoo!' sneezed one such creature,
a tall lady named Anita
'Watch out, below!' she said from up high
to any unfortunate passers-by
'Is that rain again?' Sheepy cried
'My wool is still wet — it hasn't dried!
'No, no, my friend, please excuse my sneezing,
and be wary of my fits of wheezing!
I think I may have caught a cold —
it happens often now that I'm old.
I also can't see things far away.
Bit hard for a giraffe, I would say!

Sheepy stopped looking straight ahead,
and searched through the treetops instead
He squinted until his eyes near closed,
spotting a giraffe with a bright red nose
'You must be from a far off station!
'Yes, I've travelled here for my vacation.
But now all's ruined and I'm quite sad
with this cold that's getting really bad.'
Sheepy did not want to get sick
but knew his new friend needed help quite quick
With a head in a warm hat, and a sock on each trotter
the two friends set off to find a good doctor
But on the journey, Anita sneezed,
unable to cover her mouth, she wheezed,
spraying droplets on the leaves and floor
until her loooong throat was achy and sore

And in her wake, the forest creatures
got foreheads that felt like winter heaters
the animals' defences dropped even lower
Yes, even the tortoises moved a bit slower
Crickets cringed with their creaky knees
Muzzy monkeys swung into trees
Woodpeckers had throbbing heads
And rabbits kept themselves in bed!
Upside-down bats felt light-headed

and hyenas' cackles sounded weathered
as a cacophony rose through the air
of wheezing windbags everywhere

'Stop right there!' came a serious squeak
Sheepy looked down to find two large cheeks
'Cory the Chipmunk is the name,
"Chipmunk: Disease Control"* is the game!
'Please help us, Cory, my friend is sick.
Your chipmunk medicine would do the trick!
'Sir, I know that you mean well,
but your movements have caused a sickly spell!
As we tend to you friend with sound medication,
you'll have to stay here in isolation.'
Sheepy agreed, glad in his heart
that he could help others by playing his part
And the courageous defenders of the forest's good health
attended the ailing with speed and with stealth
They spread the news (but not the disease)
that all should stay home, thank you and please
Yes, everyone was a hero that time,
not just the chipmunks at the front line
but the eagles patrolling, giving out food
and the songbirds singing to lighten the mood
The owls still teaching, and the bears moving crates,
and the tiniest ants carrying more than their weight
Those who sought help, and those who kept clean
(and those who ate wisely and got a bit lean!)
All those who proved it was never out of fashion,
like Sheepy, to show all care and compassion.

MORE THAN "ART FOR ART'S SAKE"

Shabbir Banoobhai, a published South African poet, based in Cape Town, had earlier written that the "object of art is to generate insight"[10]. Accordingly, he has issued a cautionary note recently, reminding us that while art of every kind is certainly important at this time, and "remains rewarding and uplifting", we should remain concerned for those devastated by the pandemic" [Email Correspondence, April 29, 2020]. And Professor Mala Singh[11] has similarly stated that for "those who are struggling with debilitating domestic and public violence, shack demolitions, etc., giving expression to the imagination may itself be an unimaginable luxury" [Email Correspondence 18

May 2020]. These are salutary reminders.

Indeed, a focus on the Arts, and from the Arts, should not be to divert attention from the ravages of our time, but to actually make us pay more attention to them. Artists are not merely “entertaining” the world, to pass the time away, but are deeply concerned about raising critical awareness and consciousness, and of contributing in tangible ways to making a difference to the lives of people. A good example here is the poignant programme, Multi-Kulti in Makhanda, by Esther Ramani and Michael Joseph.[12] Their programme offers moving renditions in music and poetry, poignant reflections on this time of lockdown and, at the same time, they have used their poetic and musical efforts to raise funds for the Makhanda[13] Feeding Programme.

It is clear that the responses to the COVID-19 pandemic are diverse. The Arts world constitutes only one sector. We should also be attuned to critical voices from other nodes of thought and activism, which are offering trenchant critique of a host of factors, such as market realities, global capitalism, the increase in xenophobia and of surveillance. Here the recent utterances and writings of intellectuals such as Noam Chomsky and Slavoj Zizek,[14] among others, who are fearless prophets of our time, are worth pondering over.

In a penetrating article, “Patriots Against the Virus – A global plague, political epidemiology and national histories”, Professor Vinay Lal, from UCLA, has emphasised the “social epidemiology that is now helping us to chart the disproportionately detrimental effects of COVID–19 as it makes its way across prison populations, slums, chawls, ghettos, favelas, banlieues, shantytowns, immigrant neighbourhoods and working-class enclaves”.[15] Professor Lal states that as we try to find “the redemptive place of the arts and poetry in particular”, at the same time we need to “marshall all our cultural, social, intellectual, ethical, and philosophical resources to help us think through the present predicament...” [Email Correspondence, 5 May 2020].

BLACK LIVES MATTER

It is particularly important to appreciate the way the pandemic has exposed the fault-lines in our world. We need to foreground the impact on the poor, the marginalised, and on the lives of women during this lockdown. The critique of women, particularly from the South, and the way the pandemic has reminded us again of the state of the world, is a distinct reality check. It has become increasingly evident that in the United Kingdom, for example, a larger proportion of ethnic minorities are dying of the Coronavirus. Afua Hirsch, a well-known Guardian columnist, has drawn attention to studies where Black, Asian and other ethnic minorities constitute a larger proportion of victims in the UK. This is also true of health-care professionals.

As Hirsch points out:

“Racial disparities have a history, and it is no surprise to see a colonial mindset at work in much of the Coronavirus response...To say Coronavirus is a disease that does not discriminate is wishful thinking. If you are poor, have had a life of income anxiety, poor healthcare, live in inadequate housing and can't afford healthy food, space and rest, you are vulnerable.”[16]

In her piece, "The Pandemic is a Portal", [17] Arundathi Roy, has spoken trenchantly on the state of the whole world, even as she focuses on India. She argues that, in the final analysis, the Coronavirus offers us an opportunity and challenge - a "portal" - to change the world. It is not as if we didn't know, but the pandemic is a stark reminder of all that is wrong, unequal and unjust in the world:

"And what of my country, my poor-rich country, India, suspended somewhere between feudalism and religious fundamentalism, caste and capitalism, ruled by far-right Hindu nationalists?... The lockdown worked like a chemical experiment that suddenly illuminated hidden things. As shops, restaurants, factories and the construction industry shut down, as the earthy and the middle class enclosed themselves in gated colonies, our towns and megacities began to extrude their working-class citizens - their migrant workers - like so much unwanted accrual...

They knew they were going home potentially to slow starvation. Perhaps they even could be carrying the virus with them, and would infect their families, their parents and grandparents back home, but they desperately needed a shred of familiarity, shelter and dignity, as well as food, if not love... Whatever it is, Coronavirus has made the mighty kneel and brought the world to a halt like nothing else could. Our minds are still racing back and forth, longing for a return to 'normality', trying to stitch our future to our past and refusing to acknowledge the rupture. But the rupture exists. And in the midst of this terrible despair, it offers us a chance to rethink the doomsday machine we have built for ourselves. Nothing could be worse than a return to normality.

Historically, pandemics have forced humans to break with the past and imagine their world anew. This one is no different. It is a portal, a gateway between one world and the next.

We can choose to walk through it, dragging the carcasses of our prejudice and hatred, our avarice, our data banks and dead ideas, our dead rivers and smoke skies behind us. Or we can walk though lightly, with little luggage, ready to imagine another world. And ready to fight for it."

This is an uncompromising and unequivocal challenge from a feminist writer from the South on changing how we live in the world.

BLACK ARTISTS' LIVES MATTER

In a special digital livestream TV programme, "One World: Together At Home", on Saturday 18 April 2020, which featured Lady Gaga, Paul McCartney, John Elton, Stevie Wonder, and others, to support frontline health workers and the World Health Organisation, Beyoncé drew attention to the disproportionate impact of the Coronavirus on Black communities. One study showed that in Chicago, Blacks make up half of all the cases hit by the virus, and 70% of the deaths, even though the city is only one-third Black. In her article in the New York Times, on April 7th, 2020, "The Pandemic's Missing Data", Aletha Maybank, who is Chief Health Equity officer at the American Medical Association, states that "Black communities have experienced the consequences of structural inequities in wealth, housing and education, to name a few areas". Frank M Snowden, in his book, "Epidemics and Society: from the Black Death to the Present," argues that "every society produces its own specific vulnerabilities".

Crucially, we need to also appreciate that many artists, particularly Black artists, are facing great economic stress due to cancellations and the loss of contracts, staff reductions, among other “inconveniences”.

There has been appeals to assist in various ways. Professor Debbie Lutge, Head of Department of Drama and Production Studies at the Durban University of Technology has stressed the “severity” of the present “crisis of unparalleled proportions”:

“Live performance’ artists in an already vulnerable KZN environment are reeling under national lockdown as Minister Mthethwa’s promised R150 billion Rand bale out fails to reach out to KZN performance artists...The fear is that this fragile KZN arts community will fold altogether and will not survive the COVID-19 closures” [Email Correspondence, 28 April 2020].

A digital media platform focussing on African culture, music and politics, has recently reported on the impact of the virus on African artists on the continent and in the African diaspora.[18] Lady Donli, a Nigerian musician, has stated that the outbreak of the virus has “put a shadow of uncertainty around her life”, as her shows were her “primary source of income”. Other African artists, such as Lucille Slade, have also bemoaned the financial implications of the virus. In the US alone, a survey conducted by Americans for the Arts, showed that the loss was 4.5 billion US dollars. The many initiatives set up in South Africa to assist artists during this time are commendable and should be expanded. Among them are the Artist Relief Project [run by Artly World Nonprofit], Business and Arts South African Artist Relief Grant, and The Vulnerable Artist Fund.

Sadly, there have been many deaths of artists directly due to the pandemic. In Africa, for example, there has been the death of Manu Dibango, the Cameroonian Afro-jazz legend due to COVID-19.

TOWARDS A NEW HUMANITY

Artists are challenging the world profoundly during this time of the Coronavirus pandemic to imagine a brave new world. In her article, “Humanity’s Catastrophe: Following Sylvia Wynter In The Age of Coronavirus”, Anamika Misra,[19] condemns the racially preferential treatment that has been practised in the present time:

“In a world ordered by racist and capitalist mechanics, forces of inequality are informing and being re-inscribed cyclically by the measures being taken. Daring to give humanity a different future beyond the pandemic of coronavirus and racism requires a radical re-imagining of humanness and the ethics of being-human-in-the-world.”

Misra criticises the narrative of a selective notion of “humanity” that has controlled the global world, and especially the West. She calls for a radical reimagining of what it means to be human in the world.

Quoting Sylvia Wynter, the well-known decolonial feminist from the South, Misra calls for a “long-overdue makeover” :

“...the struggle of our new millennium will be one between the ongoing imperative of securing the well-being of our present ethno-class [i.e Western bourgeois) conception of the human, Man, which over represents itself as if it were the human itself, and that of securing the well-being, and therefore the full cognitive and behavioural autonomy of the human species itself/ourselves.”

Similarly, Professor Nyna Amin, from the University of Kwazulu-Natal, has emphasised the need to focus on “the poorer classes in their various manifestations, diversities and multiplicities” [Email Correspondence, 5 May 2020].

What the pandemic has certainly highlighted is the need for all of us to engage in critical introspection. The Revd Dr Jeremy Jacobs, Senior Chaplain at St John’s College, Johannesburg, has similarly stated:

“Our current watershed will not fashion us into who we ought to become, but it is stripping us of our veneers and challenging us to self-examine. What do we see? A great deal of global co-operation, generosity, mutuality, and care, but also fear, selfishness, ignorance, and greed. Humanity at its best and worst... We, therefore, have an opportunity, indeed a duty, to construct new ethical scaffolds for the ways in which we live individually and communally.”[20]

In the end, this challenge crucially includes all forms of life on our beloved planet. Dr Deena Padayachee, a South African author and poet, based in Durban, has composed a poem COVID -19, in which he tellingly draws attention to the role that humans have played in subduing the planet. Now, during this pandemic, he observes: “Human noise is at last quieted The voices of other species find life.”[21]

CONCLUSION: HOPE SPRINGS ETERNAL...

I conclude for now with the irrepressible words of Nancy Richards, a well-known South African radio personality, who has convened many literary programmes. I was planning to meet Nancy at the Time of the Writer Festival in Durban, and we had hoped to go to the Luthuli Centre in Groutville, and on the North Coast Literary Trail during the week, if the programme logistics allowed this.

Nancy has written here of the incalculable role of the Arts during this time of the Coronavirus pandemic. She has said that poetry is “as vital to our well being as breathing itself” [Email Correspondence, 29 April,2020.]

CRISIS CRASH COURSE!

By Nancy Richards[22]

It came almost out of the blue like a viral knife into the heart of the Arts. And as the blood pooled around closed theatres, postponed productions and performances, cancelled concerts and festivals fell one by one like dominos, tears flowed. They flowed for all the hard work, all the passion, time and energy wasted, snuffed out like so many candle flames.

But even as the tears dried in salty streams, new sparks ignited. Amazingly –within days, even hours - ideas and WhatsApps started to circulate, ‘What about...maybe we could...let’s try...’ and all sorts of creative flickers grew and turned into a virtual field of flames.

Interviews and solo concerts started happening on YouTube, Facebook and Twitter. Zoom and Skype flung open options for communication.

Distance-made collective videos and mini-movies came together, online stories were told, books published at the speed of light, podcasts were resurrected or birthed – and all with the potential for audiences worldwide.

Extraordinary phenomena catapulted us all into a digital arena some had only seen in a crystal ball. With a week still to go on Lockdown 21, Phase 2 even 3 could well be still to come. So will the creative flames crash and burn as we emerge, eventually, from cocoons, blowing the dust off theatre seats and creaking open studio doors? Who knows? Will the new inventive virtual solutions eclipse ‘in-the-whole new future order? Who knows? What is for sure, things will never be the same again, in the Arts – or any other industry or human endeavour. The best we can do is be hopeful, be caring, be completely open to new ideas and suggestions – and above all, not be afraid, but brave.

EPIGRAPH

The efforts of so many in the Arts to make this time especially meaningful is truly inspiring and commendable. There have been online Arts conferences, “open season” invitations to the world’s great museums and art galleries, ballet and theatre shows, and poets and writers creating bonds of the

imagination in different ways. Artists in every sphere have contributed to engendering a creative, searching and instructive response to the pandemic. Durban-based artist and author, Shubnum Khan, asks poignantly:

“What will the new world look like? I climb onto my roof. I look out at the expanse of wilderness...I look out over the edge of the world ahead. I scan the skies. I squint. There is something there, a faint outline. I close my eyes and imagine it.”[23]

Notas:

[1] Betty is on the panel of judges for ONE CITY, ONE BOOK, of eThekweni Municipality; [Durban]; the Co-ordinator of the Minara Aziz Hassim Literary Award; and connected to the project, “Durban as a UNESCO City of Literature”;

[2] The 42nd Oberammergau Passion Play was planned for 16 May 2020, and was also postponed due to the Coronavirus pandemic, and is now scheduled for 2022.

[3] This is one set of responses. It would be salutary, too, to consider the views of intellectuals, academics, activists, and health-care practitioners on the ground.

-
- [4] *The UNESCO Creative Cities Network spans over 72 countries, with 180 cities, including Durban, the only Unesco City of Literature on the African continent.*
- [5] *See "Literature and Arts help Slemani [Iraq] cope with COVID-19 – UNESCO". Available on: <https://en.unesco.org>.*
- [6] *See Daily Maverick, 28 April, 2020.*
- [7] *See Kathleen Ebersohn. "The importance of art now and beyond Covid-19." New Frame. 27 March, 2020. <https://www.newframe.com>*
- [8] *Published by Hamish Hamilton.*
- [9] *Siddharthiya has completed a Masters degree in Medical Law [UKZN], and another in Management of Bioeconomy Innovation and Governance [Univ of Edinburgh].*
- [10] *Shabbir Banoobhai. 2008. "Reflections on Art and Science". An essay in a mountain is an upside down valley. Self-published.*
- [11] *Professor Singh was Head of Department of Philosophy at UDW, and has continued to play a leading role in Higher Education locally and internationally.*
- [12] *Esther and Michael are Professors in Languages and Higher Education at Rhodes University.*
- [13] *Grahamstown.*
- [14] *| See Slavoj Zizek, Pandemic! COVID-19 Shakes the World, published by Polity, 2020.*
- [15] *Published in OPEN magazine, <https://openthemagazine.com/essay/patriots-against-the-virus/>, 24 April, 2020.*
- [16] *Afua Hirsch. "If Coronavirus doesn't discriminate, how come black people are bearing the brunt? Guardian, 8 April 2020.*
- [17] *| Financial Times, 3rd April 2020.*
- [18] *See Rufaro Samanga, "Here's How Artists are Navigating the World of Music Amid the Coronavirus Outbreak." In OkayAfrica, 26 March 2020.*
- [19] *Annamika Misra is an Indian novelist. See Critical Legal Thinking [website], 10 April 2020. See Alison Flood – The Guardian, 21 March 2020.*
- [20] *The Revd Dr Jeremy J Jacobs. "Taking a Deeper Look." Pastoral Letter to the Community, St John's College, Johannesburg. 2 April 2020.*
- [21] *In Glomag, Sunday 25 April, 2020.*
- [22] *Email Correspondence with author.*
- [23] *Shubnum Khan. "Is today a day? But those days are gone..." In Sunday Times Select, 21 April 2020.*
-
- 

Educação em tempos de pandemia **ENTREVISTAS**

No mês de abril iniciamos um projeto de entrevistas a docentes, estudantes, profissionais da saúde e professores/as da rede municipal de educação, para que compartilhassem conosco suas vivências, experiências e impressões acerca da pandemia.

Semanalmente, as produções foram sendo publicadas em nossa página no Instagram, que hoje conta com cerca de 11.500 seguidores.

As entrevistas que serão apresentadas a seguir, foram organizadas cronologicamente- de abril para agosto. Estão redigidas apenas em português. Lamentamos muito a falta de recursos para dar continuidade.

Diante de perguntas, na maioria das vezes idênticas para diferentes entrevistadas e entrevistados, é possível perceber como as percepções vão se modificando a medida que a pandemia vai se intensificando e a vida cotidiana se adaptando ao novo contexto.

Aprendemos muito com esta experiência!

Termos como "educação à distância", "educação remota", "novo normal", "recomendação", dentre outras, vão sendo alocadas em seus devidos lugares e as transformações e elucidações da linguagem nos ajudam a compreender, em alguma medida, os diversos modos enxergar, ser e estar, ao atravessar este momento.

A educação, enquanto elemento central, na maior parte dos textos, é colocada em perspectiva e poderá muito nos ajudar a refletir mais sobre distintas práticas, diante destes novos tempos e espaços educativos.

Manifestamos nossa imensa gratidão a todas/os os/as participantes da proposta e esperamos que os relatos possam ajudar nossos/as leitores/as tanto quanto nos ajudou.



Education in time of pandemic **INTERVIEWS**

In April we started a project of interviews with professors, students, health professionals and teachers from public schools, so that they could share their experiences and impressions about the pandemic. Weekly, the productions were published on our Instagram page, which today has about 11,500 followers.

The interviews that will be presented below, were organized chronologically - from April to August and are written only in Portuguese. [We very much regret the lack of resources to continue the translation].

Faced with questions, most of the time identical for different respondents, it is possible to perceive how perceptions are changing as the pandemic intensifies and everyday life adapts to the new context.

We learned a lot from this experience!

Terms like "distance education", "remote education", "new normal", "recommendation", among others, are being allocated in their proper places and the transformations and elucidations in language help us to understand, to some extent, the different ways to see and to be, when going through this moment.

Education, as a central element in most texts, is placed in perspective and can greatly help us to reflect more on different practices in the face of these new times and educational spaces.

We express our immense gratitude to all the participants in the proposal and we hope that the reports can help our readers as much as they helped us.



[instagram.com/futuropreterito](https://www.instagram.com/futuropreterito)



PRÁTICA HOSPITALAR EM TEMPOS DE COVID-19

ENTREVISTA ESPECIAL COM **LAISMAYRA DA SILVA COSTA**,
ENFERMEIRA INTENSIVISTA E PROFESSORA NO ENSINO MÉDIO DA
ETEC PARQUE JUVENTUDE DO CENTRO DE EDUCAÇÃO
TECNOLÓGICA PAULA SOUZA

Olá, Laismayra! Seja muito bem-vinda à Revista Futuro do Pretérito.

Há quanto tempo você atua na área da enfermagem e quais impactos você tem percebido na sociedade e na rede hospitalar diante do contexto da pandemia?

Atuo na área há 8 anos e meio.

Minha maior preocupação, hoje, além de todos os efeitos da pandemia na população e na economia é com os profissionais da saúde. Tenho visto com frequência colegas ansiosos, preocupados com o risco de contaminar as suas famílias, preocupados em cuidar dos pacientes com qualidade mas ao mesmo tempo amedrontados com o fato de poder ser a próxima vítima.

Quais recomendações você considera essenciais que as pessoas pratiquem neste período?

Lavar as mãos, usar álcool gel e ficar em casa, sem dúvidas.

Você participou ou participa de pesquisa relacionada ao novo coronavírus?

Eu participei de sondagens do Coren (Conselho Regional de Enfermagem de São Paulo), do Sindicato dos Enfermeiros e do Centro Paula Souza.

Você realiza trabalhos externos ao hospital relacionados a área da saúde?

Sim. Sou Coordenadora de curso e professora do curso técnico em enfermagem de uma ETEC Parque Juventude do Centro de Educação Tecnológica Paula Souza.

Para finalizar, você teria mais alguma consideração a respeito da prática hospitalar em tempos de Covid-19?

Só quem está trabalhando contra a doença sabe o que ela realmente é. Sabemos que nós profissionais da saúde iremos nos contaminar, que talvez os Equipamentos de Proteção Individual (EPIs) não serão suficientes, que leitões não serão suficientes, que ficaremos exaustos, mas sabemos o quanto os pacientes precisam da gente. Duro vai ser quando tivermos que auxiliar na intubação dos nossos colegas de trabalho, duro vai ser quando a gente for o paciente. Duro!

Laismayra, muitíssimo obrigada por estar na linha de frente do combate à doença e por compartilhar conosco um pouco do seu trabalho e experiência. Sua atuação é de valor inestimável. Parabéns!



SAÚDE MENTAL EM TEMPOS DE COVID-19

ENTREVISTA ESPECIAL COM **KARINA AFFONSO**,
FORMADA EM PSICOLOGIA, ESTUDANTE DE
PEDAGOGIA E PROFESSORA DA EDUCAÇÃO INFANTIL

RFP: Olá, Karina! Bem-vinda à Revista Futuro do Pretérito!

Para começar, gostaríamos de saber quais suas vivências cotidianas e percepções sobre o impacto que a Covid-19 tem, no campo da saúde mental, atualmente.

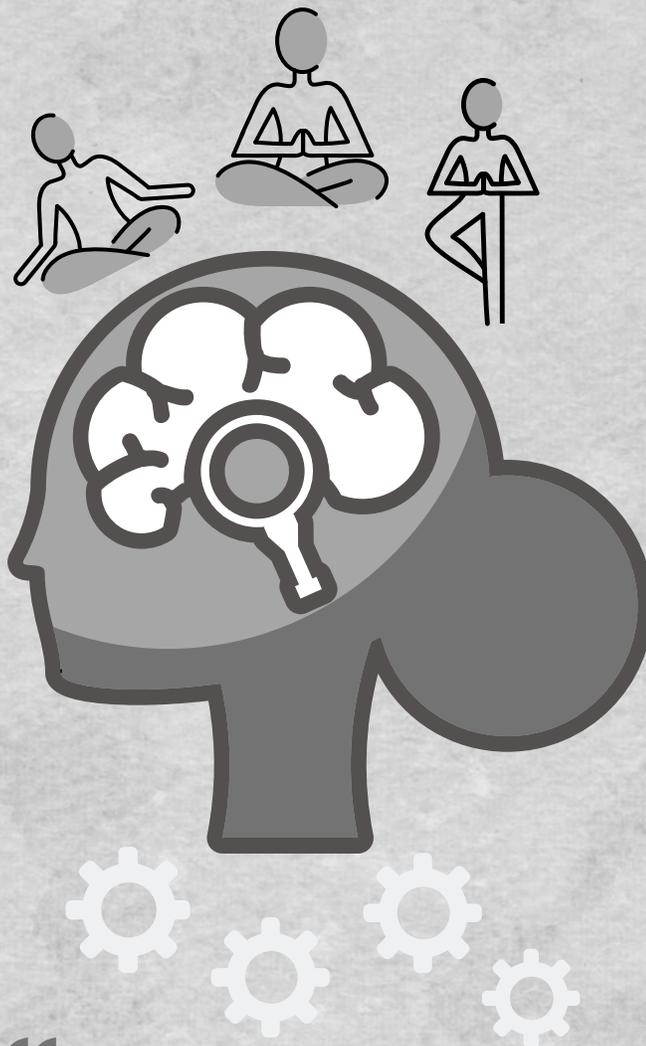
Karina: Acredito que existem dois pontos importantes que emergiram desse cenário, o primeiro é o movimento de conexão entre a população e pessoas ligadas ao campo da saúde, ao vivermos a importância do Sistema Único de Saúde (SUS), um sistema de saúde público, gratuito, universal e integral, como direito e política pública fundamentais, e exemplo para a humanidade. E diante disso, abre-se espaço para a conexão com a experiência cotidiana da importância do papel do Estado em garantir o bem estar da população, a promoção da vida e as escolhas de cada um e sua responsabilidade com o cenário atual. No livro "O oráculo da noite", Sidarta Ribeiro (2019) descreve o princípio da sétima geração que embasa a "Grande Lei da Paz" da confederação iroquesa (constituição oral de suas seis nações) o qual todas as escolhas individuais ou coletivas da tribo, para serem realizadas deveriam levar em conta as consequências poderia ter nas próximas sete gerações. (pg. 376) "Se não imaginarmos o futuro, corremos o risco de comprometê-lo irremediavelmente." Outro aspecto importante diz res-

peito à quebra do modo de ser no mundo que estávamos habituados. O isolamento social sem data certa para terminar daqueles que têm um local para se isolarem e que não fazem parte dos serviços essenciais suspende muitas das distrações cotidianas que nos proporcionavam uma falsa segurança de um mundo previsível. Somos devolvidos, uns mais cedo, outros mais tarde, para a consciência de nossa finitude, a busca pelo sentido de nossa existência e o resultado de nossas escolhas. Apesar de ignorar o fato, não há como negar que a vida é impermanência, movimento, fluxo, mutação, só para quando a gente morre. E tem coisa mais triste do que uma morte em vida? Seja solitário, ou em meio às relações familiares em sua máxima potência com o convívio exclusivo, conflitos aparecerão e é importante entender que o que deixamos para trás e agora retorna, pode ser encarado como possibilidade para ressignificarmos essa memória, tirá-la do baú e convidá-la para fazer parte do show. Viviane Mosé, psicanalista, filósofa, mãe, e uma mulher maravilhosa, em recente entrevista sobre o tema no Nexo Jornal, aponta para isso. "A solidão é condição da dignidade humana. Quem não sabe estar só se prostitui em relações mal arrançadas, forjadas, tóxicas. Ser uma boa companhia para si mesmo é o mínimo que uma pessoa precisa se quiser se relacionar com alguém de modo saudável. Sim, a solidão é dura, mas necessária e muito vigorosa."**

RPF: O que você acha importante considerar a respeito da saúde mental? Qual a importância desse estudo?

Karina: Penso ser importante começar esclarecendo do que se trata essa tal "saúde mental"? Saúde mental refere-se ao campo de estudo, de atuação, de arte, de muita militância, e ao sistema complexo de constituição do sujeito considerando a sua constituição biológica, psicológica e social. Em outras palavras, diz respeito a como lidar com "essa barra de ser quem a gente é, aonde a gente está". Essa ideia é pensada a partir da relação desse sujeito com os diversos aspectos da sua história, sua cultura, seus direitos, das políticas públicas em seu território, e tudo mais que influencia na sua existência. De outra maneira, seria algo parecido com aquela conhecida frase: "toda a pessoa que a gente encontra na nossa vida está enfrentando uma batalha que não sabemos nada a respeito". Essa noção pressupõe a superação de uma visão biologizante e da naturalização da vida social, como a definição ultrapassada e equivocada de que saúde seria um completo bem estar físico, psíquico e social. A loucura, atual sofrimento psíquico ou transtorno mental, também é repensada a partir da luta antimanicomial e da reforma psiquiátrica, ambas modificando o modelo asilar, de isolamento social e internação médica, para um modelo intersetorial de cuidado compartilhado tendo como referência seu território e sua rede de apoio afetiva. Como bem define Paulo Amarante, o campo da saúde mental diz respeito ao (2001, p.9) "(...) movimento de tomada de responsabilidade individual e coletiva que se constitui como meio para a transformação institu-

cional e para o processo de desconstrução [do "doente"]". O trajeto que compreende da saída da condição de sujeitoado, um corpo marcado pelo exame clínico e pelo diagnóstico psiquiátrico, até a transformação em um usuário do sistema de saúde que luta para produzir cidadania para si e seu grupo passa necessariamente pelo aspecto central da autonomia. Ao invés da cura, incitação de focos de autonomia. A cura cede espaço à emancipação, mudando a natureza do ato terapêutico, que agora se centra em outra finalidade: produzir autonomia, cidadania ativa, desconstruindo a relação de tutela e o lugar de objeto que captura a possibilidade de ser sujeito. "No que diz respeito à Política Nacional de Saúde Mental, como bem colocado pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP), essa política compreende as estratégias e diretrizes adotadas pelo país com o objetivo de organizar a assistência às pessoas com necessidades de tratamento e cuidados específicos em Saúde Mental. Dentro das diretrizes do Sistema Único de Saúde (SUS), propõe-se a implantação de uma Rede de serviços aos usuários que seja plural, com diferentes graus de



“**O isolamento social sem data certa para terminar daqueles que têm um local para se isolarem e que não fazem parte dos serviços essenciais suspende muitas das distrações cotidianas que nos proporcionavam uma falsa segurança de um mundo previsível. Somos devolvidos, uns mais cedo, outros mais tarde, para a consciência de nossa finitude, a busca pelo sentido de nossa existência e o resultado de nossas escolhas.**”

complexidade e que promovam assistência integral para diferentes demandas, desde as mais simples às mais complexas/ graves. As abordagens e condutas devem ser baseadas em evidências científicas. Esta Política busca promover uma maior integração social, fortalecer a autonomia, o protagonismo e a participação social do indivíduo que apresenta transtorno mental. Acredito que a educação e a saúde muito se beneficiariam com uma mútua aproximação intersetorial, como se dá com a saúde e a assistência social, por exemplo. Segundo meus estudos atuais, evitando encontrar soluções mágicas e reconhecendo a complexidade do fenômeno, ao saber qual dispositivo é responsável por determinadas demandas, como no caso do suicídio, cutting [automutilação], violência doméstica, benefícios de complemento de renda operacionalizados pelo INSS, entre outras tantas, ao ter representantes das escolas fazendo parte das redes de apoio, como os fóruns da infância, e sabendo quais os profissionais responsáveis por cada questão, esses poderiam contribuir para a diminuição do adoecimento docente e discente tendo as escolas como locus de manifestação, mas não necessariamente causados por ela. O Núcleo de Apoio e Acompanhamento para Aprendizagem (NAAPA) e o Centro de Atenção Psicossocial Infanto-Juvenil (CAPS IJ) são alguns exemplos nessa perspectiva.

RFP: Quais recomendações você daria a outras pessoas, com relação a esse período?

Isso também vai passar! Caso você sinta que não está conseguindo lidar com tudo isso sozinha ou sozinho, que precisa conversar com um profissional, ou esteja sofrendo violência em meio a um relacionamento abusivo, as listas com os dispositivos públicos, privados e da sociedade civil que oferecem atendimento psicológico e também realizam acolhimento, orientações e encaminhamentos de casos de violência contra a mulher para os serviços da rede de atendimento gratuito será disponibilizado pela revista. O Ministério da Mulher, Família e Direitos Humanos anunciou que houve um aumento de 9% do número de ligações para o canal Disque 180, na primeira quinzena de março. O Disque 180, vinculado a Central de Atendimento à Mulher, é um programa nacional que funciona 24 horas e recebe denúncias de assédio e violência contra as mulheres, encaminhando essas denúncias aos órgãos competentes. Também realiza acolhimento, orientações e encaminhamentos para os serviços da rede de atendimento em todo o território nacional. O Núcleo Especializado de Promoção e Defesa dos direitos da Mulher da Defensoria pública do Estado de SP divulgou documento com todos os dispositivos públicos da capital que atendem as vítimas nesse momento, informações atualizadas no dia 17 de abril. O CWV – Centro de Valorização da Vida, ligue 188, realiza apoio emocional e prevenção do suicídio, atendendo voluntária e gratuitamente todas as pessoas que querem e precisam conversar, sob total sigilo por telefone, email e chat 24 horas todos os dias.

RFP: Gostaria de fazer mais alguma consideração?

Eu gostaria de enviar alguns materiais de apoio que cito na minha resposta às recomendações, a primeira é uma lista com todos os dispositivos públicos, privados e da sociedade civil que oferecem *atendimento psicológico gratuito* dividida por zonas na cidade.

Link:

<https://drive.google.com/file/d/1J9oY4Xg60y7ITreG1QvUBIXum5rqkkZF/view?usp=drivesdk>

Outro é um documento nessa mesma linha, mas com os dispositivos e horários de atendimento para acolhimento em casos de violência contra a mulher.

Link:

https://drive.google.com/file/d/1JAEOfazI5Djjc5i3TwsNB7TI8eu-EKE_/view?usp=drivesdk

Por fim, gostaria de agradecer-las novamente pelo convite, foi um prazer imenso compartilhar um pouco dos meus estudos e aprender também em meio a escrita dessa entrevista.

Sou fã do trabalho de vocês! Seguimos juntas! Fiquem bem! Abraço carinhoso.

RFP: Karina, ficamos muito honradas por você ter apreciado o convite. Hoje, aprendemos muito com o seu relato.

Parabéns pelo trabalho!



EDUCAÇÃO PÚBLICA EM TEMPOS DE COVID-19

ENTREVISTA ESPECIAL COM **MARCOS GARCIA NEIRA**,
DIRETOR DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA USP E LIVRE
DOCENTE EM EDUCAÇÃO FÍSICA E PEDAGOGIA

RFP: Olá, professor Marcos! Bem-vindo à Revista Futuro do Pretérito!

Para começar, gostaríamos de saber um pouco sobre sua atuação, quais suas vivências cotidianas e percepções sobre o impacto que a Covid-19 tem, no campo educacional, atualmente.

Marcos: Meu nome é Marcos Garcia Neira. Sou livre docente em Educação Física e Pedagogia e atuou há 34 anos na área da educação. Antes de mais nada, queremos dizer que nos solidarizamos com todas as pessoas que estão sofrendo as consequências terríveis dessa pandemia. Consequências essas agravadas pelo descaso que os governantes têm mostrado com a vida. O quadro se torna ainda mais tenebroso quando os interesses econômicos se sobrepõem à saúde da população e a ciência é propositalmente sobrepujada pelo negacionismo, despreparo e incompetência. Por tudo isso, não só, mas também em termos educacionais, a pandemia reforçou o complexo quadro de injustiça e desigualdade social. As escolas que atendem aos setores econômicos privilegiados e que possuem melhores condições de permanecer no isolamento, têm exigido ainda mais de professores e alunos para "cumprir os programas". Enquanto isso, a imensa maioria da população, preocupada com a propagação do coronavírus e sem a devida assistência, se vê obrigada a contornar as dificul-

dades para subsistir e, ainda, lidar com adequações, adaptações e improvisos didáticos que evidenciam a impossibilidade de acessar uma experiência educacional de qualidade.

RFP: A FEUSP assumiu uma postura inédita com relação às outras unidades do campus, diante da Covid-19. Como você analisa esse posicionamento? Qual a importância?

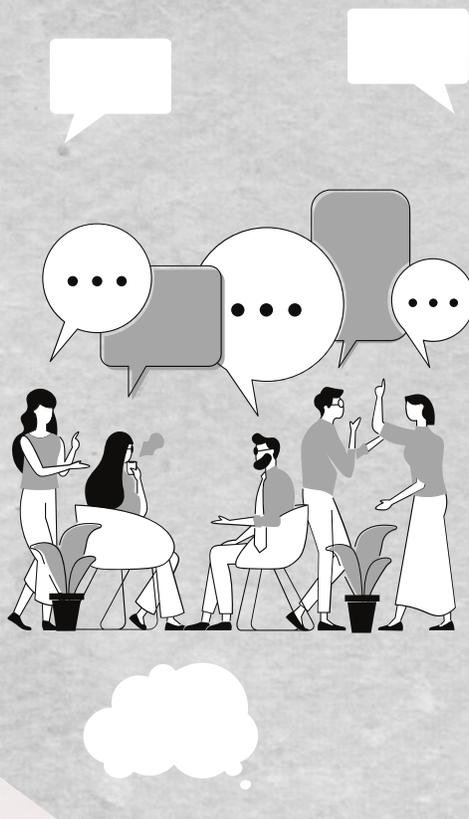
Marcos: Quero crer que não se trata de algo muito diferente do que pode estar acontecendo em outras unidades. Após discutir o assunto nas instâncias especialmente criadas para enfrentar a crise compostas por estudantes, funcionários e docentes, a decisão de não converter automaticamente as disciplinas presenciais em EaD foi avaliada e reafirmada pela Congregação. Os posicionamentos anunciados permitiram a elaboração de princípios, dentre os quais, a preservação do direito de que todos/as os/as estudantes têm de acessar cursos de qualidade e os/as docentes de dispor das condições necessárias para realizar o seu trabalho. Sendo assim, a unidade precisa garantir que ninguém fique para trás, seja estudante ou docente. Isso não significa imobilismo ou letargia diante da pandemia e do compromisso com a formação de professores e produção de conhecimento. Muito pelo contrário, isso é comprometimento com o projeto pedagógico institucional. Por isso, as pessoas que trabalham e estudam na instituição têm se empenhado para produzir outras formas de viver. A FEUSP criou um [repositório](#) que re-

cebe textos, vídeos e podcasts de excelente qualidade enviados por estudantes, funcionários/as e docentes, muitos têm participado de debates e discussões online, a Unidade tem sido chamada a posicionar-se sobre a educação em tempos de isolamento, grupos se constituíram para analisar a situação e propor encaminhamentos e, o mais importante, as interações dos professores com estudantes da pós, da graduação e da Escola de Aplicação têm acontecido dentro das possibilidades dos envolvidos.

RFP: Como você enxerga a importância da gestão participativa nesse processo?

Marcos: A FEUSP sempre prezou pela multiplicidade. Desde os tempos de estudante e, mais tarde, como professor da Escola de Aplicação, aprendi na teoria e na prática o valor da gestão participativa. O processo que estamos vivendo tem reforçado a ideia de que qualquer definição deva ser precedida de diálogo em que diferentes posicionamentos possam ser pronunciados e respeitosamente analisados. Agindo dessa forma não estamos isentos de erros, mas o risco diminui sensivelmente. Mais do que nunca, é importante escutar os/as estudantes, funcionários/as e docentes, conhecer suas angústias, dificuldades e, também, as experiências bem-sucedidas. Partilhar as responsabilidades também tem sido uma boa opção. As decisões precisam ser democra-

ticamente tomadas e coletivamente realizadas. O trabalho executado pelas comissões, coordenações, departamentos, setores e seções têm dado mostras diárias de que a descentralização é uma forma de envolver a comunidade na gestão. Outra aprendizagem desse processo é a relevância da comunicação.



A FEUSP criou um repositório que recebe textos, vídeos e podcasts de excelente qualidade enviados por estudantes, funcionários/as e docentes, muitos têm participado de debates e discussões online, a Unidade tem sido chamada a posicionar-se sobre a educação em tempos de isolamento, grupos se constituíram para analisar a situação e propor encaminhamentos e, o mais importante, as interações dos professores com estudantes da pós, da graduação e da Escola de Aplicação têm acontecido dentro das possibilidades dos envolvidos.

É fundamental que todas as pessoas da comunidade FEUSP possam acessar informações a respeito do que vem acontecendo e de como a unidade está lidando com os problemas e desafios.

RFP: Quais recomendações você daria às educadoras e educadores que estão na rede pública e/ou que são estudantes, com relação a esse período?

Marcos: Certamente, muitos/as de nós estamos vivendo o período mais difícil das nossas vidas. Assistimos ao crescimento exponencial do número de pessoas infectadas e dos óbitos causados pela COVID-19. A educação tem um papel fundamental neste momento, mas não a educação escolar como a conhecemos. Não podemos supor que num quadro de sofrimento que alcança tantas pessoas, procuremos trabalhar com os temas e conteúdos previstos no início do ano como se uma pandemia não estivesse acontecendo. Mas isso não significa adotarmos uma postura passiva, permanecendo em compasso de espera. Primeiro, é importante saber como as famílias das nossas crianças e adolescentes estão vivendo essa situação. Consultá-las sobre suas possibilidades efetivas de acompanhar (no caso das crianças) algumas atividades durante uma ou duas horas por dia e, no caso dos adolescentes, quais recursos materiais e condições psicológicas possuem

16 de setembro de 2020.

para envolver-se nas proposições enviadas pela escola.

O pior que pode acontecer é a escola pensar que deve dar continuidade ao caminho já percorrido antes da suspensão das aulas presenciais. Neste momento, a escola não existe no formato que conhecemos. Horários, turnos, salas, atividades sequenciadas, observação constante etc. Então, pode ser uma boa ocasião para que outros saberes sejam abordados e valorizados, assim como outras formas sejam experimentadas. Pode ser um tempo de ousadia. A conversa deve ocupar o lugar da audiência. Temas que rondam as preocupações infantis e juvenis podem se tornar assunto de discussão na residência ou, a depender dos recursos, com colegas e professores online. Conhecimentos das artes, filosofia e, mesmo da ciência, até então pouco presentes nos currículos podem ganhar atenção. Um pequeno vídeo, um material impresso, uma mensagem, podem ser objeto de intensas discussões. O que estamos propondo é algo bem diferente do que se abstrai das informações que nos chegam: professores/as extenuados/as, crianças e adolescentes desinteressados e famílias desesperadas. O contexto agora é outro. Então, o currículo também deve ser.

RFP: Muito obrigada, professor Marcos. Prosseguiremos com esta entrevista nas páginas seguintes.

Notas: Link para o repositório "Educação em tempos de isolamento:

<<http://www4.fe.usp.br/educacao-isolamento/apresentacao>>. Acesso em



PEDIATRIA E PRÁTICA HOSPITALAR EM TEMPOS DE COVID-19

ENTREVISTA ESPECIAL COM **ANA LUIZA** TÉCNICA DE ENFERMAGEM E ESTUDANTE NAS ÁREAS DE TANATOLOGIA E CUIDADOS PALIATIVOS.

RFP: -Olá, Ana Luiza! Seja muito bem-vinda à Revista Futuro do Pretérito.

Há quanto tempo você atua na área da enfermagem e quais impactos você tem percebido na sociedade e na rede hospitalar, diante do contexto da pandemia?

Ana Luiza: -Olá! Sou Técnica de Enfermagem pela ETEC Parque da Juventude e atuo há 1 ano e 5 meses na área da saúde. Trabalho em um hospital público Federal, filiado da Unifesp e Escola Paulista de Medicina e Enfermagem.

A estrutura já era bastante precária e sempre sofremos com falta de material. Quando a pandemia chegou e começou a afetar os usuários do SUS, no pronto atendimento, o hospital já começou a separar os pacientes e, por sermos um hospital universitário, contamos com nosso próprio laboratório de virologia, o que agiliza o diagnóstico. Então, os infectados podem seguir três caminhos: para casa, com recomendações de isolamento domiciliar; enfermaria de doenças infecciosas e parasitárias do adulto ou pediatria, se for o caso; UTI adulto. Na UTI, os leitos foram isolados e contam com um técnico de enfermagem por paciente em terapia intensiva. Existe um funcionário por leito pela falta de EPI, ou seja, aquele funcionário se paramenta e não pode tirar a paramentação nem mesmo para beber água ou ir ao ba-

nheiro... E ele permanece assim por 6h durante seu plantão. Na pediatria, houve apenas um caso de um bebê de 3 meses, que ficou internado na enfermaria de doenças infecciosas e parasitárias em pediatria, sem necessidade de suporte invasivo de oxigênio, ou seja, não precisou ser entubado. Permaneceu internado por 10 dias e teve alta. Vale lembrar que as crianças muitas vezes não desenvolvem a infecção em sua forma grave, como vemos nos adultos, porém, eles são transmissores assintomáticos, por isso a importância da medida de suspensão das aulas.

RFP: -Ana Luiza, você teria recomendações para este período?

Ana Luiza: -Lavar bem as mãos (se possível, com água e sabão e, na falta de água e sabão, utilizar álcool gel), tossir e espirrar como o Batman (sempre utilizando a parte interna do cotovelo), evitar sair de casa, se possível e concentrar a saída para um único dia (mercado, farmácia e afins). Procurar ajuda psicológica, várias entidades estão fazendo isso gratuitamente (recomendo a Girafeto) e traçar uma rotina enquanto estiver em casa. O mais importante, se houverem crianças e adolescentes é ajudá-los a estabelecer essa rotina de forma equilibrada, com estudos, períodos de descanso e atividades online com amigos, por exemplo.

Esse é o maior momento de pacto coletivo que nossa sociedade já viveu. Então, cuidar de você com medidas de higiene e isolamento social é proteger aquele que não tem escolha e precisa sair. É cuidando do indivíduo que se preserva a sociedade.

RFP: -Ana Luiza, muitíssimo obrigada por estar na linha de frente do combate à doença e por compartilhar conosco um pouco do seu trabalho e experiência. Sua atuação é de valor inestimável. Parabéns!



DIREITOS DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA EM TEMPOS DE COVID-19

ENTREVISTA ESPECIAL COM **CARLA BIANCHA ANGELUCCI**,
DOUTORA EM PSICOLOGIA SOCIAL, MESTRA EM PSICOLOGIA
ESCOLAR, PROFESSORA DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA USP E
PESQUISADORA NA ÁREA DE EDUCAÇÃO ESPECIAL

RFP: Olá, professora Biancha! Bem-vinda à Revista Futuro do Pretérito!

Para começar, gostaríamos de saber quais suas vivências cotidianas e percepções sobre o impacto que a Covid-19 tem, no campo dos direitos das pessoas com deficiência, atualmente.

Biancha: São inúmeros os impactos, assim, destacarei os que se relacionam mais diretamente com aqueles que se relacionam com meu campo de estudos e militância: Para iniciar, destaco a pouca presença de discussões relacionadas à promoção, proteção e defesa dos direitos das pessoas com deficiência. Na educação, em que rápida - e muitas vezes - irrefletidamente se adere à utilização de aulas remotas, seja na educação básica, seja na educação superior, as discussões sobre a acessibilização de tais atividades para pessoas que vivem diferentes situações de deficiência são raras. Sem dúvida, isso deve ser entendido no bojo da precarização das atividades docentes, em que professores/as têm sido instados/as a transformarem todo um projeto político-pedagógico em mera produção incessante de aulas remotas. Tal produção aligeirada de soluções emergenciais permite-nos perceber a intensificação da lógica de que a preparação das atividades pedagógicas, o desenvolvimento de possibilidades educacionais deve priorizar aqueles/as estudantes que têm condições (materiais e simbólicas) de

acompanhar o que se tem a oferecer. Sem dúvida, essa não é uma novidade, mas o que me preocupa é que toda a construção de esforços políticos que temos desenvolvido nos últimos 12 anos, a partir da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, fica apagada e, portanto fragilizada, nesse contexto que está regido pela mentalidade de que, primeiramente, cuidamos de quem tem chances de responder bem (e isso significa, não gerar mais trabalho) a este contexto. Depois, pensamos o que fazer com quem ficar para trás. Essa escolha, que deve ser tratada no campo da ética, tem efeitos graves. Apenas para destacar mais um aspecto: pouco temos discutido sobre como garantir direito à informação e condições de vida para pessoas com deficiência, em tempos de pandemia. Para dar apenas alguns exemplos: máscaras tapam boa parte do rosto, que é parte importante do processo comunicacional de pessoas surdas que se comunicam por Língua Brasileira de Sinais (Libras). Acompanhei apenas um local discutindo a produção de máscaras transparentes, que permitam a comunicação. Pessoas cegas costumemente locomovem-se utilizando a taticidade, o que traz desafios para a garantia de sua assepsia.

RFP: -Quais mudanças, perdas ou permanências você prevê no campo dos direitos das pessoas com deficiência, após este período de isolamento?

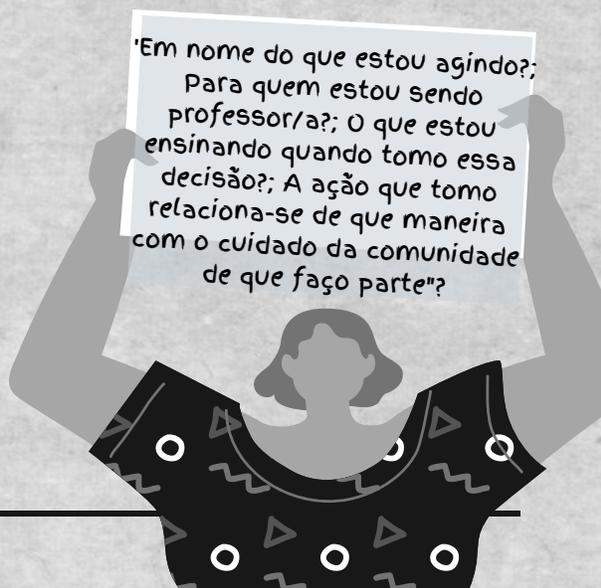
Biancha: Vou me restringir à discussão sobre o direito à educação. Como já mencionei, a escolha de trabalharmos com quem responde ao que temos para oferecer e deixarmos para um futuro abstrato (que nunca chega) a discussão sobre o que fazer com aqueles/as que não acompanharam o ritmo e/ou a proposta oferecida, tem efeitos para a Educação: o que faremos com aqueles/as que deixamos para trás? Sem dúvida, não se trata apenas das pessoas com deficiência, mas é meu dever, como pesquisadora da área, lembrar que este segmento da população é constantemente parte desse grande contingente que é deixado para trás. E as soluções educacionais para lidar com isso são distintas daquelas necessárias para lidar com outros segmentos da população, como as camadas mais pauperizadas da população. A educação de pessoas com deficiência exige oferta de tecnologias, recursos, conjuntos de profissionais. Isso pede investimento financeiro e formativo. Exige tempo e planejamento. Mais do que tudo, exige o reconhecimento das pessoas com deficiência como pessoas humanas dignas e capazes de aprender. A luta por este reconhecimento dura séculos e, no contexto político criado no Brasil em tempos de pandemia, que acirra discursos de base eugênica e que exalta o darwinismo social, vivemos um terrível momento de fragilização. No que diz respeito a aspectos sociais, é preciso ressaltar que as famílias de pessoas

com deficiência, como aponta a literatura, vivem certo isolamento social. Pesquisa que desenvolvo no município de Suzano, com pessoas assistidas pelo Programa BPC na Escola, demonstra que a maioria das famílias é chefiada por uma mulher, quase sempre a única adulta da família, responsável pelo cuidado do/a filho/a com deficiência e outras crianças e/ou adolescentes. Tais mulheres não costumam contar com redes familiares ou comunitárias de apoio. O compartilhamento dos cuidados com a pessoa com deficiência é feito com as instituições educacionais e de saúde. Assim, é possível imaginar que, neste momento, as mulheres estejam em casa cuidando de tudo sozinhas: da geração de renda aos cuidados cotidianos com seus/ suas filhos/as com deficiência, o que aumenta sua carga de trabalho, sua experiência de solidão, bem como intensifica a experiência de isolamento da pessoa com deficiência.

RFP: -Quais recomendações, baseadas na sua experiência, você daria a outras pessoas, com relação a este período?

Nesse momento, peço licença para me dirigir mais diretamente às pessoas que são, como eu, educadoras, mas, principalmente, as que trabalham na Educação Básica. Considero que em tempos de horror (e aqui não me refiro apenas ao aspecto do contágio em massa, mas da necropolítica em curso no Brasil), o que melhor podemos fazer é mantermos as perguntas éticas: Em nome do que

estou agindo?; Para quem estou sendo professor/a?; O que estou ensinando quando tomo essa decisão?; A ação que tomo relaciona-se de que maneira com o cuidado da comunidade de que faço parte? Uma outra recomendação é a de que, em suas atividades, quaisquer que sejam, busquem comunicar-se com os/as estudantes: as aulas, os contatos, os grupos em mídias sociais, os encontros virtuais... desenvolver nossas atividades por meios tecnológicos de comunicação a distância nos expõem. Agora, não só nossos/as estudantes estão em nossas salas de aula, mas também os/as familiares, os/as demais colegas da unidade educacional, os/as amigos/as, os/as desconhecidos/as. Estamos mais expostos/as, é verdade, e isso nos põem em situação profundamente incômoda. É possível que fiquemos premiados/as pela produção de performances para os/as adultos/as e, com isso, fragiliza-se a preocupação com a comunicação com nossos/as estudantes. Por isso, quero lembrar que nosso

An illustration of a person's silhouette holding up a white sign with black text. The person is wearing a patterned top. The sign contains the following text:

'Em nome do que estou agindo?; Para quem estou sendo professor/a?; O que estou ensinando quando tomo essa decisão?; A ação que tomo relaciona-se de que maneira com o cuidado da comunidade de que faço parte?'

trabalho, em qualquer tempo e em qualquer modalidade, não está a serviço de entreter pessoas, nem de satisfazer anseios de outrem. Somos educado-res/as responsáveis por desenvolver um projeto político-pedagógico com nossos/as estudantes. Com todos/as eles/as, é certo. Assim, no telefonema, na mensagem, no vídeo, no áudio, na meme ou na aula remota, peço que se comunique com seus/suas estudantes para desenvolver, da maneira que for possível, a tarefa político-pedagógica. Isso é nosso e ninguém mais tem propriedade para desenvolver. Entreter, fazer passar o tempo, deixar familiares contentes, proporcionar momentos de distanciamento da realidade, manter a clientela fiel à instituição... não é nossa tarefa. Nosso trabalho tem a ver com desenvolver COM TODOS/AS os/as nossos/as estudantes o amor pelo mundo, com o legado que recebemos e a vontade de habitá-lo. Isso implica transformá-lo, tornando-o mais e mais humano. E o trabalho da educação é demasiado importante neste momento em que a solução política para lidar com o horror da pandemia é o exercício brutal e autorizado legalmente da necropolítica. Não abdiquemos dele.

RFP: Você possui alguma pesquisa recente que dialoga com este momento?

Biancha: Um aspecto que mencionei, que se refere à solidão da mãe como única cuidadora e responsável pela família pauperizada que tem crianças com deficiência pode ajudar nas discussões. O enlace para o e-book em que o capítulo foi publicado é este:

<https://www.unifesp.br/campus/san7/images/pdfs/Saude%20Mental%20Infantojuvenil.pdf>

RFP: Professora Biancha, ficamos muito honradas por você ter participado desta entrevista. Hoje, aprendemos muito com o seu relato.

Parabéns pelo trabalho!



PRÁTICAS CORPORAIS EM TEMPOS DE COVID-19

ENTREVISTA ESPECIAL COM **MARCOS GARCIA NEIRA**,
DIRETOR DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA USP E LIVRE
DOCENTE EM EDUCAÇÃO FÍSICA E PEDAGOGIA

RFP: Olá, professor Marcos! Dando continuidade a entrevista, mas agora enfocando nas práticas corporais em tempos de pandemia, gostaríamos de fazer duas perguntas: de que forma a Educação Física contribui para esse momento de isolamento? Qual a importância e como poderia ser melhor aplicada na vida cotidiana e no espaço escolar?

Marcos: Entendida como componente curricular da Educação Básica, os conhecimentos da Educação Física nos ajudam a ler, interpretar e produzir as práticas corporais. Neste momento de pandemia (mas não só), são mobilizados durante a assistência, participação e nas conversas sobre as brincadeiras, danças, lutas, esportes e ginásticas. No jogo de videogame, numa partida de xadrez ou numa dança acessada no YouTube, estão em circulação saberes alusivos à cultura corporal, ou seja, o objeto da Educação Física escolar. É comum confundir a Educação Física como envolvimento e participação na execução das práticas corporais sem nenhuma relação com o contexto escolar. É o que, provavelmente, muitas pessoas têm feito durante o período de isolamento. Procuram realizar rotinas de exercícios físicos (ginástica), danças ou brincadeiras para preencher o tempo, divertir-se, adquirir ou manter o nível de aptidão física ou, até mesmo, competir. E isso não é ruim. Fica evidente que, embora possuam alguma interface, a Educação Física realizada com propósitos educacionais (escolares) é bem distinta daquela praticada com outras intenções.

Cabe à Educação Física escolar proporcionar situações didáticas que levem os/as estudantes a uma leitura mais qualificada das práticas corporais, o que implica a sua compreensão sócio-histórica e política. Alcançado esse objetivo, o envolvimento das crianças e adolescentes com as práticas corporais no ambiente extra-escolar (e aqui entra o contexto de pandemia) certamente será mais crítico, ou seja, não sucumbirão ao consumo e mercadização que costumam acompanhar a oferta de brincadeiras, danças, esportes, lutas e ginásticas na sociedade.

RFP: -Quais recomendações, baseadas na sua experiência, você daria a outras pessoas, com relação a esse período?

Marcos: Justamente por atuar na área escolar, não me sinto habilitado a recomendar, somente a sugerir. Entre as tarefas domésticas, acadêmicas, profissionais e o cuidado com os familiares que precisam da nossa ajuda, talvez e na medida do possível, seja interessante promover jogos e brincadeiras, preferencialmente com as pessoas que vivem na mesma residência. Também é possível fazê-lo virtualmente. Dançar é uma alternativa. Fazer ginástica, apenas se a pessoa estiver habituada e se houver espaço disponível. Procedimentos como evitar permanecer muito tempo na mesma posição podem ser combatidos com extensões dos membros inferiores e superiores executa-

das por meio de alongamentos leves. Alguns passos de tempos em tempos, mesmo que sejam no interior de um apartamento ou no quintal, estimulam a circulação sanguínea e a ventilação pulmonar, melhorando a disposição geral. Há muitos canais no YouTube que propõem rotinas de exercícios físicos. Sugiro evitar atividades que elevem em demasiado a frequência cardíaca, que impliquem impacto ou repetições exaustivas. Cautela e autocuidado devem vir em primeiro lugar.

RFP: Você possui alguma pesquisa recente que dialoga com este momento?

Marcos: -O Grupo de Pesquisas em Educação Física escolar, do qual sou membro, está realizando alguns experimentos pedagógicos com resultados surpreendentes. Na semana que passou, uma professora da rede municipal que participa do grupo e é estudante da FEUSP gravou um pequeno vídeo solicitando às crianças que enviem imagens das brincadeiras que têm feito nestes tempos. As imagens mostram desde guerra de travesseiros, bonecos de farinha, bicicleta, confecções de máscaras e meditação. Os trabalhos estão disponíveis na playlist "Educação Física cultural na quarentena" do canal: www.youtube.com/gpeffusp.

Futuramente constituirão materiais de pesquisa bem interessantes.

RFP: Excelente! Mais algum comentário, professor?

Marcos: -Parabenizo a equipe da Revista Futuro do Pretérito por pautar um tema de grande relevância.

RFP: Muito obrigada, professor Marcos, ficamos muito honradas pela sua participação. Parabéns pelo trabalho!



Imagem do canal do YouTube GPEF (Grupo de Pesquisas em Educação Física Escolar).



SER PROFESSORA DE ESCOLA PÚBLICA EM TEMPOS DE COVID-19

ENTREVISTA ESPECIAL COM **MÁRCIA SOARES**, PROFESSORA NA REDE PÚBLICA MUNICIPAL DE OSASCO E GANHADORA DE DIVERSOS PRÊMIOS DE INOVAÇÃO DOCENTE

RFP: Olá, professora Márcia!

Seja muito bem-vinda à Revista Futuro do Pretérito. Conte-nos um pouquinho de você.

Márcia: -Sou Márcia Alves de Siqueira Soares, professora de Ensino Fundamental I e Educação Infantil há 17 anos. Atualmente trabalhando na rede municipal das cidades de Osasco e São Paulo.

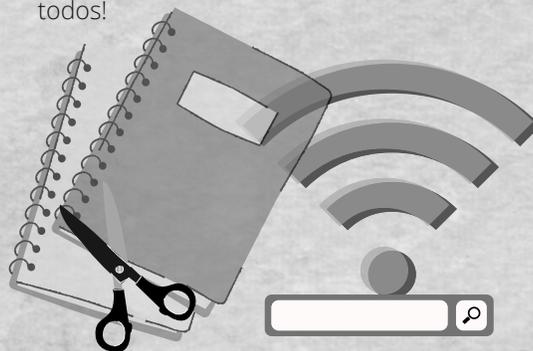
RFP: Quais suas vivências cotidianas e percepções sobre o impacto que a Covid-19 causa na sociedade, atualmente? Quais mudanças ou permanências você percebe na realidade dos estudantes e professores da escola pública, nestes tempos de isolamento?

Márcia: Sem dúvida, a pandemia da Covid-19 quer dizer algo ao mundo, o nosso "eu", nosso lado mais humano aflorou numa primavera de medo, de apreensão, dúvidas, solidariedade e uma introspecção profunda diante do desconhecido que nos colocou em xeque, ao depararmos com nossas próprias verdades. A crise atinge o mundo todo, mas no Brasil, as políticas públicas de combate à pandemia desencadearam um processo já em trânsito (porém camuflado), que trouxe à tona anseios de grupos opostos. Essa "tendência" fica bem explícita, quando analisamos o cabo de guerra político que já se instalava antes do vírus chegar por aqui e aparentemente esse viés foi fortalecido pela suposta crise econômica. Na contramão a este combate, tenho visto com alguma frequência a ge-

-nerosidade aflorando nos meios empresariais e meios sociais diversos. Presumo que para aqueles que trabalham com imagem, torna-se de certo modo quase que "obrigatório", pois, no momento em que o distanciamento traz o confinamento, é preciso estar ativo de alguma forma, nada mais altruísta que levantar a bandeira humanitária e juntar-se àqueles que nem sempre fizeram parte de seus projetos de intenção. Entenda, não estou desmerecendo nem minimizando este movimento, ele é necessário... sempre necessário, não só agora, mas há um consenso de que ninguém sabe ao certo como e quando isso passará, que certamente nada mais será como antes e quando este tempo chegar, seguidores e influenciadores terão novo encontro e o passado (recente, eu espero) estará na lembrança de quem irá indagar "o que você fez por mim, quando estive na tempestade?", é preciso deixar "boas marcas" na memória daqueles que compõem a massa. Há de ser renovado e repensado o modo como essas pessoas serão influenciadas, o fato é que já não cabemos mais nesse modelo social. Particularmente acredito que o planeta precisava de uma pausa, a humanidade precisava se voltar para si e ter um olhar mais fraterno para o outro. A desigualdade social desenfreada, o essencial minimizado diante do desejo consumista, o poder sobre a vida animal que poderosos afortunados acreditam o possuir, a natureza implorando por socorro aos ouvidos surdos e à cegueira humana, enfim, a humanidade em colapso foi o modus operandi pelo qual possibilitou essa pausa.

Passamos a percorrer caminhos estreitos sem prévio aviso, uma possível ameaça de outrora, se torna quase real nos moldes de Educação a Distância e familiares passam a ter a responsabilidade digital sobre o desempenho pedagógico de seus pupilos, um desenho rascunhado de home-schooling... estávamos preparados? Ensinar não é um movimento intuitivo, exige formação empírica e não se faz da noite para o dia. E a escola, estava preparada para se transformar em plataforma EAD? Os professores estavam prontos para o ofício digital? Estávamos capacitados, mas não preparados! Os professores, assim como vários outros profissionais, estão se apropriando de novos aprendizados, não se intimidam diante dos desafios apresentados, estão redimensionando, resignificando as aprendizagens, para alcançar os alunos por todos os meios possíveis e minimizar de algum modo, os impactos causados pela falta das interações no espaço escolar. E quando se trata de Educação Infantil, o caminho estreito passa a ser afunilado, quase que sem saída. Convenhamos, o ensino pedagógico para crianças pequenas se faz obrigatoriamente nas interações e percepções evolutivas desses encontros. Sendo assim, o que seria EAD para Educação Infantil? Como chegar de modo produtivo

a essas crianças, senão pelos seus familiares/responsáveis? Quais garantias temos de que a alcançaremos factualmente nesta proposta? São pontos para reflexão, porém, não contemplam o maior desafio desse emaranhado... a triste constatação de que a educação à distância é de certo modo excludente, tanto na Educação Infantil como no Ensino Fundamental, porque não chega a todos os lares. O chão da escola é um espaço com direito garantido à aprendizagem. Depois que tudo isso passar, sairemos fortalecidos, com novos saberes e uma certeza: A Escola é o lugar de todos e para todos!



RFP: -Quais impactos sociais e educacionais você antevê para a educação pública, após o fim da pandemia?

Márcia: -Acredito que os impactos permeiam as dificuldades geradas pela interrupção das aulas, mas são ainda maiores com a exclusão de alguns alunos do espaço digital, porque suas condições sociais são diferentes. "Ah, mas todo mundo tem um celular hoje em dia!"... pode até ser, mas são tantas as impossibilidades neste contexto, que

, que é inconcebível não considerá-las. Muitos deles utilizam aparelho celular de algum adulto da casa, podendo em alguns casos o mesmo levá-lo para o trabalho, outros tem que dividir o uso com irmão/irmã e ainda com a possibilidade de não haver dados móveis suficientes e plano de internet com capacidade o bastante para conexão diária. Os materiais impressos contribuem até certo modo, porque fora da comunicação virtual não há interação com essas crianças e jovens, eles se sentem isolados em suas dúvidas, certezas e são tolhidas as suas conclusões a respeito do conteúdo. Como evoluir no pensamento sem a vivência das experiências múltiplas? Esta questão quanto aos impactos, está fazendo ninho na cabeça de muita gente, professores, gestores, pais, alunos e parte da sociedade. Com exceção de quem sobreviveu à Gripe Espanhola de 1918 que dizimou ¼ da população mundial, nenhum de nós tem ideia da dimensão do que será o depois. Outrossim, ainda que possamos escutar a experiência de quem eventualmente escapou daquele período, não há como comparar, pois, tratam-se de épocas distintas, a começar pela medicina, os avanços tecnológicos e o comportamento das novas gerações. Em suma, acho difícil dissertar com alguma

certeza, é sabido que haverá prejuízos emocionais e pedagógicos, porém, temos que ter a clareza de que, pessoas são mais importantes que 200 dias letivos no calendário escolar. Vai deixar lacunas? Claro, que vai! Mas teremos ferramentas para trabalhar isso, com as relações fortalecidas, há de se recuperar o tempo, as experiências vividas trarão novas aprendizagens e reflexões, teremos todo o tempo depois disso, juntos daremos um novo sentido àquilo que é realmente essencial!

RFP: Quais recomendações, baseadas na sua experiência, você daria a outras pessoas, com relação a este período?

Márcia: Não sei exatamente se me encontro em condições para recomendar algo neste período, tudo é tão incerto e diferente, a gente acaba sendo ainda mais testada a cada dia! É como tentar ensinar a alguém como dar as aulas, não tem receita pronta, cada pessoa reage de acordo com suas vivências, experiências e possibilidades. Se posso recomendar algo, me atendo ao lado emocional, que as pessoas aguentem firmes, busquem informações concretas e corretas, evitem as fake news (isso também salva vidas) mantenham sua fé e acreditem na ciência. Devemos fazer a nossa parte com a consciência do cuidado coletivo, a Educação terá algum prejuízo sim, porém, maior prejuízo é colocar pessoas em risco em detrimento de dias letivos, não

desprezando, é claro, toda a importância e grandeza dos benefícios alcançados pelo ensino, mas existe algo intrínseco no currículo que movimenta e alicerça muitos saberes, trata-se do currículo oculto. Este sairá do oculto para ser escancarado na volta às aulas, teremos uma bagagem robusta para ressignificar nossos conteúdos programáticos. A prioridade agora é nos mantermos vivos.

RFP: Você possui alguma pesquisa que dialogue com este momento?

-Como professora pesquisadora estou sempre buscando alternativas para qualificar minhas práticas, é preciso estar atenta a todos os movimentos criativos e inovações que nos cercam, a observação e escuta me permitem avançar nesta busca incessante. As crianças e às vezes até mesmo os pais delas acreditam que professores sabem de todas as coisas, sempre digo a elas que ninguém sabe de todas as coisas do mundo, mas que algumas pessoas podem sim saber muito sobre algum assunto e/ou sobre muitas coisas diferentes, mas que não somos detentores exclusivos do saber, estamos em construção diariamente. A curiosidade é nata em mim, gosto de ler sobre assuntos diversos e confesso ser um pouco mais “teimosa” quando se trata de alcançar objetivos, em outras palavras isso é chamado determinação. No ano passado, em uma das aulas de um 5º ano, observei o clímax de uma conversa entre os

alunos, eles falavam de um fantasma que estaria invadindo as páginas digitais de conteúdos infantis, um debate quente entre eles que praticamente me obrigou a pausar a matéria. Fui vencida pela “Momo” naquele momento, com diálogo aberto consegui ser “aceita” no grupo, o assunto pipocava e eu tinha que aproveitar para sistematizá-lo, de modo que houvesse ali também um aprendizado. Me lembro da época no Magistério, a professora de Psicologia dizendo a frase “Educação é tudo aquilo que se aprende”, nunca mais esqueci este ensinamento, levei-o para a vida e às minhas aulas, nada é perdido e tudo é diálogo e passível de construção pedagógica. Pesquisei sobre quanto tempo em média eles ficavam na internet e percebi que poderia qualificar parte deste tempo, mas como trazer isso para minhas aulas além daquilo que já fazia ao solicitar pesquisas e leituras? Agora eram minhas ideias que pipocavam na cabeça (risos). Me joguei na busca de um software que tivesse ferramentas de comunicação com os alunos, seus pais/responsáveis e que fosse além de indicações de trabalhos, era necessário possibilitar interações múltiplas. Descobri alguns, porém, todos pagos; persisti na busca e descobri o Google Sala de Aula (Google Classroom), plataforma digital com várias possibilidades de interação e de forma gratuita. Começava ali um novo caminho a eles e a mim também. A comunicação com os responsáveis era mais completa e pensando em

contemplar a todos, não havia a obrigatoriedade de acesso diário, haja vista, a dificuldade econômica de alguns alunos que não possuíam em casa os recursos necessários. As dúvidas, quiz e assuntos abordados na sala de aula virtual eram trazidos para a escola e juntos concluíam as aprendizagens, a lousa digital nos permitiu isso, então, ninguém ficou de fora. A apresentação dos trabalhos ganhava um novo formato, as aulas de informática também ganharam reforço, pois, passaram a aprender sobre as funções do Word, Power Point, enfim, ações otimizadas pela pesquisa e aprendizagem mútua. A experiência foi tão promissora e produtiva que passei a considerá-la ferramenta essencial na complementação das aulas. Já no início do ano letivo de 2020 a plataforma foi apresentada aos pais na 1ª Reunião de Apresentação e quando aconteceu a interrupção das aulas em razão da Pandemia, alunos e seus responsáveis já estavam familiarizados com a plataforma, já tínhamos ativa nossa comunicação virtual. "Escola Digital de Alpha a Z" foi premiado no concurso Professor Inovador de 2019 na cidade de Osasco, os alunos foram os grandes percussores deste projeto e eu jamais imaginaria que esta ideia pudesse ser tão assertiva!

RFP: Deseja sugerir algum material bacana para as/os futuros trabalhadoras/es na área educacional?

Márcia: -Sim!

GOOGLE FOR EDUCATION. Manage teaching and learning with Classroom.

Disponível em:

<https://edu.google.com/intl/pt/products/classroom/?modal_active=none>.

Acesso em: 23 de maio de 2020.

RFP: -Professora Márcia, aprendemos demais com você após esta entrevista! Estamos muito honradas pela parceria e acreditamos que suas palavras poderão inspirar muitas pessoas.

Muito obrigada e parabéns pela luta!



Imagem 1 - Professora Márcia segurando um cartaz em que está escrito a seguinte mensagem: "vai ficar tudo bem!"



EDUCAÇÃO E CULTURA EM TEMPOS DE COVID-19

ENTREVISTA ESPECIAL COM **ROGERIO DE ALMEIDA**, PROFESSOR E PESQUISADOR NA FEUSP E COORDENADOR DO LAB_ART

RFP: Olá, professor Rogério!

Seja muito bem-vindo à Revista Futuro do Pretérito. Conte-nos um pouco sobre você.

Rogério: -Meu nome é Rogério de Almeida, sou bacharel em Letras e Doutor em Educação pela USP, com pós-doutorado na Universidade do Minho (Portugal). Atuo há 20 anos na área da educação.

RFP: -Quais suas vivências cotidianas e percepções sobre o impacto que a Covid-19 causa na sociedade, atualmente? Ocorrem situações específicas neste período de pandemia que podem ser melhor analisadas, do ponto de vista do seu campo de estudos? O que mais te chama a atenção?

Rogério: -A Covid-19, pelo seu caráter excepcional, colocou o mundo inteiro em estado de emergência, o que tem justificado uma série de experimentos que, em situações normais, dificilmente seriam tolerados. Algumas dessas medidas são estapafúrdias e dificilmente serão repetidas (rodízio de veículos em dias alternados, por exemplo), mas outras podem muito bem ser incorporadas no cotidiano quando o isolamento social tiver terminado. A sociedade foi convertida em laboratórios onde são testados de tudo: desde medicamentos e vacinas até o controle de deslocamento das populações por meio de dados do telefone celular. As chamadas big data, que até então têm servido para monitorar o consumo de stream-

ing e as pesquisas nos sites de busca, podem vir a ser utilizadas para monitorar comportamentos e, inclusive, pensamentos. Já imaginaram como seria isso numa eventual ditadura digital? Os vídeos acessados no youtube ou os filmes vistos na Netflix, sem contar as informações disponibilizadas nas redes sociais, forneceriam nosso perfil ideológico, cuja classificação poderia ser feita por robôs. Assim como os cadastros de crédito, haveria os cadastros ideológicos, por exemplo, que poderiam ser consultados numa eventual contratação de emprego ou mesmo para perseguição política. Seria a consumação de 1984, de George Orwell. Mas mesmo que nada disso aconteça, as possibilidades por si só já são assustadoras, como tem sido assustador o que tem acontecido na Educação, cujos experimentos poderão efetivamente transformá-la muito rapidamente. Na era industrial, a preocupação dos educadores era com a mecanização dos processos educativos, a transformação da escola numa linha de montagem, cuja memorização e reprodução de conteúdos eram as finalidades buscadas. Na cultura algorítmica de hoje, o que conta é o número de acessos, de views, enfim a popularidade, o que leva a uma polarização binária extremamente superficial, em que se apagam os matizes, as diferenças. O conhecimento se torna uma tag, um meme. Já não importa compreender o que foi o nazismo, mas etiquetá-lo: foi de direita, foi de esquerda... E assim se proliferam os rótulos: fascista, comunista, globalista etc., em que os termos se esvaziam de significado. Para piorar, há as fake news, os negacionismos... Mas isso é assun-

assunto para outro momento. O que importa salientar é que, com os atuais experimentos educacionais, quem mais perde são os estudantes e dentre eles os menos favorecidos, que estão fora do espaço virtual compartilhado pelos internautas de banda larga.

RFP: -Quais mudanças, perdas ou permanências você prevê para o seu campo de estudos, após este período de isolamento?

Rogério: -Meu campo de estudo é educação e cultura e vejo com temeridade o que vem pela frente. Recentemente, um desses conglomerados de universidades e faculdades particulares demitiu 200 professores, em pleno período de isolamento, para substituí-los por robôs. Isso mesmo, robôs! Não são, evidentemente, aqueles robôs dos desenhos animados, também não se parecem com as máquinas que automatizam processos nas indústrias. São robôs virtuais, comandados por Inteligência Artificial, cujo grau de interação com humanos já permite tanto corrigir avaliações como gerar relatórios detalhados sobre o “progresso” do aprendizado, tempo de estudo etc. Não tardará muito e a Inteligência Artificial estará tirando dúvidas, papel que hoje é desempenhado por tutores, com salário significativamente inferior ao dos professores. É uma estraté-

gia do neoliberalismo político e econômico, diminuir custos reduzindo o número de trabalhadores e, entre os trabalhadores, a redução de salários. Na outra ponta, aumenta-se o número de consumidores, ou de estudantes, o que, para eles dá no mesmo, já que a educação é tratada como mercadoria e o professor um mero prestador de serviços. Esse é o lado perverso, digamos assim, da expansão das aulas à distância. Os experimentos atuais feitos com alunos dos Ensinos Fundamental e Médio, justificáveis pela impossibilidade das aulas presenciais, poderão ser incorporados ao currículo,



ao menos parcialmente, quando a pandemia passar, com todos os problemas que tal medida acarretará. Por outro lado, não quero reduzir o fenômeno apenas aos seus aspectos negativos. Há potencialidades a serem exploradas também. A internet revolucionou o acesso a filmes, por exemplo, e me refiro a filmes raros, antes muito difíceis de acessar. Hoje, o pesquisador – e cito cinema porque é meu interesse de pesquisa – pode consultar o filme que quiser no momento mais oportu-

no. Para uma das aulas, por exemplo, as alunas assistiram “Janela Indiscreta”, do Hitchcock, e nossa interação foi para discutir o filme. Isso tudo sem sair de casa. Há pouquíssimo tempo isso seria impensável.

RFP: -Quais recomendações, baseadas na sua experiência, você daria a outras pessoas, com relação a este período?

Rogério: Olha, não sou muito partidário a dar recomendações. Emil Cioran escreveu que viver é viver sem objetivo, o que significa que não há uma meta, uma finalidade a se atingir na vida. Viver é viver. Ponto. Daí que se eu fosse dar uma recomendação seria para pôr em prática o que se tem vontade. Não estou falando de impulsos, mas da vontade mesmo, daquilo que nos faz levantar da cama pela manhã e encarar a vida com alegria. É claro que temos uma série de obrigações na vida, mas a vida não pode se resumir a elas. Então, mesmo com as condições adversas de hoje, podemos não simplesmente sobreviver, como quem espera que tudo passe, mas efetivamente viver. Com intensidade. E a prova dos nove, como dizia Oswald de Andrade, é a alegria. Você faz o que te dá alegria?

RFP: -O que você diria às/aos (futuros) professoras/es de escola pública ou pesquisadores, diante deste contexto?

Rogério: -Penso que os professores, tanto em atividade quanto em formação, precisam ler corretamente o momento. Não me parece que estejamos vivendo algo passageiro e que daqui a pouco tudo voltará a ser como antes, mesmo porque o antes já apontava mudanças que, agora, têm sido intensificadas, como, por exemplo, os recursos digitais da virtualidade. Não creio que seja o caso de polarizar, algo como “presencial” versus “à distância”, mas de se buscar alternativas híbridas. Em poucas palavras, os melhores professores são sujeitos inquietos, curiosos, abertos a novas experiências educativas e formativas. E, sobretudo, são pesquisadores, estão em busca de novos conhecimentos, novos saberes, mas também do aprofundamento de seu ofício e dos saberes ligados a ele. Por outro lado, a educação, em qualquer tempo ou lugar, tem a ver com formação humana. Não é um punhado de saberes e práticas, mas está relacionada à vida, aos modos de viver. Por isso, o contato social, presencial, físico é fundamental. Sem convivência não há educação. Então, penso que esse caráter humanizador da educação não pode ser deixado de lado em nenhuma circunstância, mesmo na atual, de isolamento social.

RFP: Você possui alguma pesquisa que dialogue com este momento?

Rogério: -Todas as minhas pesquisas – literatura, cinema, imaginário e filosofia trágica – se relacionam direta ou indiretamente com os modos de viver. Nesse sentido, penso que a literatura e o cinema, ao nos colocar em contato com formas simbólicas de compreender a realidade, nos ajudam a equacionar melhor o que vivemos e sentimos. Especificamente sobre o Covid-19 e seus impactos em nossa vida, escrevi um breve artigo de opinião, publicado no Jornal da USP: <<https://jornal.usp.br/artigos/covid-19-o-nascimento-de-um-novo-seculo-e-os-laboratorios-sociais/>>

RFP: -Você já trabalhou ou trabalha com Educação à Distância? O que pensa à respeito?

Rogério: -Nunca trabalhei diretamente com educação à distância, embora tenha contribuído, vez ou outra, com atividades semi-presenciais pontuais, geralmente em cursos de extensão. O que tenho feito atualmente são atividades remotas e o que percebo claramente é que elas não podem ser realizadas do mesmo modo como realizamos as atividades presenciais. Há especificidades que precisamos compreender. O que funcionou para mim (e espero que para as alunas e alunos), foi fazer transmissões ao vivo no youtube (as famosas lives), pois além de permitir

uma interação em tempo real (síncrona) também possibilitaram o acesso posterior, na mesma plataforma, para uma interação assíncrona. Também disponibilizo o programa, com textos e outros materiais, no site: www.rogerioa.com.

RFP: -Gostaria de fazer mais algum acréscimo, professor?

Rogério: -Quero agradecer o convite, que me deixou muito honrado, e parabenizar a Revista Futuro do Pretérito. É um tipo de publicação que fazia falta, ainda mais nos moldes em que foi concebida. Desejo vida longa à Revista!

RFP: -Professor Rogério, aprendemos demais com você após esta entrevista! Estamos muito honradas pela parceria e acreditamos que suas palavras poderão inspirar muitas pessoas. Muito obrigada pelos bons votos!





SOCIEDADE E EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE COVID-19

ENTREVISTA ESPECIAL COM **KIMI TOMIZAKI**, PEDAGOGA, MESTRE E DOUTORA EM EDUCAÇÃO NA FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA USP

RFP: Olá, professora Kimi Tomizaki!

Seja muito bem-vinda à Revista Futuro do Pretérito. Conte-nos um pouco sobre você.

Kimi: - Meu nome é Kimi Tomizaki. Sou pedagoga, mestre e doutora em Educação e atuo em torno de 20 anos na área

RFP: -Quais suas vivências cotidianas e percepções sobre o impacto que a Covid-19 causa na sociedade, atualmente? Quais mudanças ou permanências você percebe na realidade dos estudantes e professores da escola pública, nestes tempos de isolamento?

Kimi: -Do meu ponto de vista, como já vem sendo apontado por diferentes estudos e análises, a Covid-19 coloca uma lente de aumento sobre as brutais desigualdades sociais e econômicas com as quais convivemos de um modo perversamente naturalizado no Brasil. Agora já sabemos, por exemplo, que a letalidade da doença está fortemente relacionada ao "CEP" dos pacientes, a proporção de mortos pela doença é significativamente maior nas periferias do que nos bairros de classe média. E essas mesmas desigualdades se expressam na realidade de professores e alunos das redes públicas que, além dos desafios colocados pelas propostas de um trabalho pedagógico remoto, para o qual não houve a devida formação, enfrentam questões muito mais imediatas e urgentes como a total ou quase total au-

sência de recursos financeiros das famílias dos alunos. De algum modo, as desigualdades já existentes podem ser ainda mais aprofundadas em diferentes dimensões da sociedade pela pandemia, e nas redes de ensino, isso pode ocorrer pelo fato de que uma parte dos alunos pode ficar excluída das atividades remotas e sem garantias de que terão um período de reposição adequado.

RFP: -Quais impactos sociais e educacionais você antevê para a educação pública, após o fim da pandemia?

Kimi: -É difícil fazer esse tipo de previsão, mas creio que já temos clareza, com base em várias projeções de economistas, que ao fim da pandemia vamos desembocar em um mundo ainda mais desigual e com um número muito maior de miseráveis, alguns estudos arriscam que a população em situação de pobreza deve dobrar em função da pandemia. Isso terá impactos gigantescos para a educação pública que possivelmente passará por um período de desorganização intensa em função da impossibilidade de retomada das atividades presenciais em médio prazo. Professores e gestores terão que repensar alguns pilares da organização escolar, tais como o currículo, metodologias, princípios. E, daí, como ainda sou otimista, creio que essa "crise" generalizada dos sistemas escolares talvez também crie oportunidades de reflexão e debate sobre os significados da escola e suas funções.

RFP: -Quais recomendações, baseadas na sua experiência, você daria a outras pessoas, com relação a este período?

Kimi: -Nossa, que difícil! Também tenho enfrentado muitas dificuldades para viver, trabalhar e manter o equilíbrio durante a pandemia... Mas, tenho procurado pensar que precisamos, em primeiro lugar, respeitar nossas limitações: há dias muito difíceis nos quais sentimos a necessidade de nos resguardarmos emocionalmente e é preciso atender essa necessidade, cada um ao seu jeito. No sentido contrário, não creio que seja bom assumirmos que estamos completamente impotentes, todos podemos atuar, mesmo num plano micro, e produzir reflexões e contribuições a partir do nosso trabalho cotidiano, no contato com alunos e colegas ou intervindo no debate público, de modo qualificado, por meio das redes sociais, por exemplo. Creio que se tivermos generosidade com nossas limitações, podemos controlar a ansiedade e angústia e abrir espaço para brotar ideias do que podemos fazer individual ou coletivamente neste momento tão desafiador.

RFP: -Gostaria de acrescentar algo mais?

Kimi: -Gostaria de sugerir a leitura dos relatórios da [Oxfam](#) sobre as desigualdades no Brasil, estão todos disponíveis no site, assim como vídeos e debates sobre o tema.

RFP: -Professora Kimi, muito obrigada pela partilha! Sua fala nos ajuda muito a refletir mais sobre o momento e temos certeza de que ajudará muitas pessoas a atravessarem este momento.

Parabéns pela resistência!

"Creio que essa "crise" generalizada dos sistemas escolares talvez também crie oportunidades de reflexão e debate sobre os significados da escola e suas funções" (Kimi Tomizaki, 2020).





EDUCAÇÃO MATEMÁTICA EM TEMPOS DE COVID-19

ENTREVISTA ESPECIAL COM **ZAQUEU VIEIRA OLIVEIRA**, MESTRE E DOUTOR EM EDUCAÇÃO MATEMÁTICA E PROFESSOR NA FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA USP

RFP: Olá, professor Zaqueu Vieira!

Seja muito bem-vindo à Revista Futuro do Pretérito! Conte-nos um pouco sobre você.

Zaqueu: - Meu nome é Zaqueu Vieira Oliveira, sou Doutor em Educação Matemática, com Pós-doutorado em andamento em Ensino e História das Ciências e da Matemática e atuo há 5 anos na área da Educação.

RFP: -Quais suas vivências cotidianas e percepções sobre o impacto que a Covid-19 causa na sociedade, atualmente? Quais mudanças ou permanências você percebe na realidade dos estudantes e professores da escola pública, nestes tempos de isolamento?

Zaqueu: -Uma pandemia, como a que estamos vivendo, é um fenômeno causado, em grande medida, pela forma de interação que o ser humano tem estabelecido com a natureza – caça predatória e desmatamento são alguns dos exemplos que nos colocam diante de situações de risco. A história nos mostra como o ser humano tem usado os recursos naturais a seu bel prazer, sem se preocupar a longo prazo com o equilíbrio ecológico e nem sequer com a sobrevivência da própria espécie. As formas de convívio em sociedade estabelecidas pela globalização e pelo capitalismo cooperam para que a situação se complique ainda mais, pois a notícia de uma pandemia não chega em todos os locais da mesma forma já que as condições de vida das pessoas não são igualitárias. Enquanto alguns têm condições de man-

terem-se isolados em suas casas, outros não possuem as mínimas condições de sobrevivência e ficam à mercê de políticas de assistência social que muitas vezes não chegam a tempo de salvá-las da doença, das dívidas e, pior ainda, da fome. Há também condições materiais e culturais que impõem meios de vida que não podem ser desconsiderados. Com isso, queremos mostrar que compreender um fenômeno como uma pandemia não é algo simples. A correria do dia a dia acaba trazendo tantas demandas que acabamos por buscar informação de forma rápida e simples, o que pode nos levar a ambientes em que indivíduos despreparados questionam, desmentem, desacreditam e aconselham as pessoas a não aceitarem o conhecimento científico. Para além do descrédito que as ciências têm alcançado, do ponto de vista da Educação Matemática, percebe-se que uma parte significativa da população não consegue compreender os dados e as projeções matemáticas que lhes são apresentadas sobre o fenômeno e nem como estes aparatos deveriam servir para nos auxiliar a passar por este momento de dificuldades. E é justamente este o ponto fraco que ajuda a sustentar as fake News: não tendo condições de compreender a informação veiculada, é fácil desacreditar daquilo que está sendo dito. Com isso, não quero simplificar a situação propondo a dicotomia entre prós e contra as políticas de isolamento social. Isso só penaliza aqueles que tem menos condições e lutam diuturnamente pela sobrevivência. Chamo a atenção para a matemática da pandemia como forma de demonstrar a complexidade do

momento e como as políticas de isolamento devem ser pensadas na mesma velocidade que a distribuição de renda básica. Os números, os gráficos e as porcentagens não podem ser mobilizados sem a devida compreensão dos impactos sociais e culturais que uma pandemia causa. Uma função exponencial não só representa uma ideia de crescimento abstrato, mas por trás daquele gráfico que nos é apresentado, temos que lembrar, com empatia, que existem vidas perdidas. Este é o momento em que nós formadores de professores temos que fazer uma autocrítica: como repensar os programas de formação de professores de modo que os futuros docentes da Educação Básica tenham condições de levar um ensino de matemática mais crítico e reflexivo para a sala de aula? Em situações como esta, os indivíduos precisam estar preparados para compreenderem o fenômeno e saberem se organizar e conquistar com êxito as políticas necessárias para sua sobrevivência. E a matemática faz parte do ferramental necessário para que os indivíduos possam não somente refletir sobre a realidade imposta a eles, mas também para que possam agir e transformá-la a seu favor. Somos nós, professores de matemática (desde os anos iniciais do Ensino Fundamental até o Ensino Superior), que podemos

promover este tão importante debate em sala de aula.

RFP: -Quais mudanças, perdas ou permanências você prevê para o seu campo de estudos, após este período de isolamento?

Zaqueu: -A formação de professores já têm sofrido perdas significativas nos últimos anos. Em momentos como esse, tende-se a justificar o não investimento em educação, tendo em vista os “gastos” com outras áreas. Sabemos que em um momento como este, saúde e economia, precisam ser priorizadas, mas a educação não pode ser deixada de lado. Já temos notícia de municípios e estados que deixaram de pagar parte ou todo o salário de professores, com a justificativa de que não estão trabalhando, quando na verdade, também sabemos que muitos estão buscando formas de se adaptar às necessidades deste momento. Os professores, que sempre tem feito jornadas, bem maiores do que aquelas estabelecidas em seus contratos, agora trabalham remotamente ainda mais para buscar formas eficientes de ensinar seus alunos. Mas esta não é uma tarefa fácil dada as dificuldades de acesso à internet, o desconhecimento das plataformas, as falhas de sistema e todo um conjunto de fatores que dificultam

a adaptação para um momento como esse. Acredito que este é um momento em que aqueles que trabalham com a formação de professores – de modo geral e não somente relacionado ao ensino de matemática – podem passar por um processo de reflexão na busca de estratégias que demonstrem que as ciências e a matemática têm um papel crucial em nossa sociedade. Se trata justamente de mostrar para os futuros professores como distintas áreas de conhecimento estão entrelaçadas à diversos fatores sociais e culturais. Abordar o conhecimento científico e matemático como algo à parte da realidade faz com que os indivíduos não os compreenda e, por isso mesmo, ficam suscetíveis a aceitar e aderir a teorias conspiratórias e negar o conhecimento que é produzido nos distintos campos de conhecimento científico. As reflexões no âmbito dos programas de formação inicial e continuada de professores precisam atingir também as políticas educacionais e curriculares, evidenciando as falhas do sistema educacional atual e propondo novos caminhos. A Escola, como instituição social, não pode ser uma ilha, mas precisa estar conectada com a comunidade ao seu redor, precisa servir de local de interação, de diálogo e de produção de conhe-

cimento. Essa produção de conhecimento precisa ser conjunta de maneira a valorizar os conhecimentos dos estudantes e aqueles presentes na comunidade a qual a escola serve, mas também deve servir de lugar em que é evidenciado o papel social das ciências e da matemática.

RFP: -Quais recomendações, baseadas na sua experiência, você daria a outras pessoas, com relação a este período?

Zaqueu: -Não é fácil dar recomendações para as pessoas em um momento tão complexo como o que estamos vivendo. Não posso deixar de dizer que, quando possível, o melhor é ficar em casa. Mas, na impossibilidade, é importante seguir as recomendações oficiais para evitar a contaminação de pessoas, dos familiares e amigos e de terceiros. A saúde deve estar sempre em primeiro lugar. Para aqueles que dependem de algum auxílio assistencial, recomenda-se a busca de informações junto aos órgãos oficiais, para evitar fraudes e golpes. Para aqueles que possuem condições, façam boas ações para entidades de sua confiança. Também se faz necessário cuidarmos de nossa saúde mental: as cobranças – pessoais e de outras esferas da vida – nos sobrecarregam como se tivésse-

mos que viver este momento com as mesmas rotinas e a mesma produtividade de antes. Mesmo que tendo limitações, devemos buscar formas de distração, visando o equilíbrio entre as diferentes esferas de nossas vidas, valorizando os momentos – mesmo que à distância – com a família e com os amigos. E lembremos que estamos submersos por um oceano de notícias falsas. Torna-se importante verificar sempre a confiabilidade da fonte de informações buscando os sites de órgãos de saúde oficiais, instituições de pesquisa e revistas científicas. Há atualmente canais de diversos divulgadores científicos – pessoas com ampla formação e experiência – que também nos auxiliam a compreender o momento que estamos passando.

RFP: -Quais recomendações você daria às/aos (futuros) professoras/es de escola pública ou pesquisadores, diante deste contexto?

Zaqueu: -Este é um momento de reflexão sobre o nosso papel na nossa sociedade. Parece-me que precisamos buscar formas de adaptação ao momento em que vivemos e buscar novas formas de atingir os nossos estudantes da Educação Básica. Os professores atuantes em escolas públicas devem manter contato com seus estudantes, priorizando o diálogo

e, na possibilidade de implementar aulas remotas, valorizar discussões e formas de interação em que os estudantes também possam ser protagonistas. Conversar sobre diferentes aspectos da vida, os impactos sentidos por eles por causa da pandemia e seus sentimentos, também ajuda a tornar este momento menos difícil para eles. Para aqueles professores que ainda estão em formação e logo chegarão às salas de aula, é importante saber que muita coisa poderá mudar neste período e que, poderão haver importantes adaptações que só serão alcançadas na prática futura. Ainda assim, professores em atuação e em formação precisam estar preparados para buscar formas exitosas de comunicação com seus alunos. A sala de aula – inclusive aquela estabelecida através dos ambientes remotos – tem, mais do que nunca, que se tornar local de diálogo. Não se trata somente de “passar conteúdo”, mas de realmente promover a compreensão do que se ensina e o diálogo sobre questões da realidade dos estudantes. Para os pesquisadores, acredito que a ideia seja a mesma, mas o diálogo deve ser estreitado com a sociedade como um todo. Agora é o momento de apresentar o que se faz no universo da pesquisa, com clareza e exatidão, para enfrentar com afincos

negacionismo. Para além dos tradicionais eventos científicos que priorizam o diálogo entre os pares, este é o momento de darmos atenção a outros meios de divulgação de nosso trabalho, por exemplo, através de plataformas de compartilhamento de vídeos e redes sociais. Contudo, reforço que para além dos esforços individuais, deve-se popularizar o conhecimento através destes meios citados a partir de uma perspectiva institucional, evidenciando o papel que a Universidade tem na sociedade.

RFP: -Você possui alguma pesquisa recente que dialoga direta ou indiretamente com este momento?

Zaqueu: -Está em vias de publicação um capítulo de livro em que abordo algumas concepções estereotipadas da matemática presente na sociedade. Em relação a esta disciplina, há um paradoxo bastante consolidado: por um lado, a matemática é vista como uma área de conhecimentos extremamente valorizada, principalmente devido à sua importância para o desenvolvimento das ciências e da tecnologia; por outro, a matemática também gera impactos negativos ao ser considerada inacessível e incompreensível por muitos. Me baseando em resultados de uma pesquisa realizada com estudantes de graduação, trato de três aspectos

que podem impactar no modo como vemos a matemática e a aprendemos. O primeiro – se a matemática foi descoberta ou inventada – trata de como as pessoas veem esta disciplina como algo supremo e divino e, por isso, desistem de tentar qualquer aproximação já que acredita a priori que seus conhecimentos são inatingíveis. Outros dois aspectos – a utilidade da matemática e suas conexões com a realidade – trazem à tona uma visão reduzida e simplista desta disciplina, mas enfatiza suas potencialidades durante o processo de ensino e de aprendizagem como forma de desenvolvimento da abstração, habilidade que tanto se valoriza na aula de matemática. Estas concepções não estão claras na mente das pessoas, porém, esta discussão se faz importante, principalmente no âmbito da formação de professores, já que o docente precisa tê-las em mente para buscar formas para que o aluno compreenda o papel que a matemática tem na sua vida e na sociedade, tornando-a ferramenta de criticidade, reflexão, ação e transformação. A publicação deve sair em breve em um livro em comemoração aos 50 anos da Faculdade de Educação da USP e aos 60 anos da Escola de Aplicação comemorados no ano passado. O material, que será amplamente divulgado, conta também com contributos de diversos estudiosos

da área da educação.

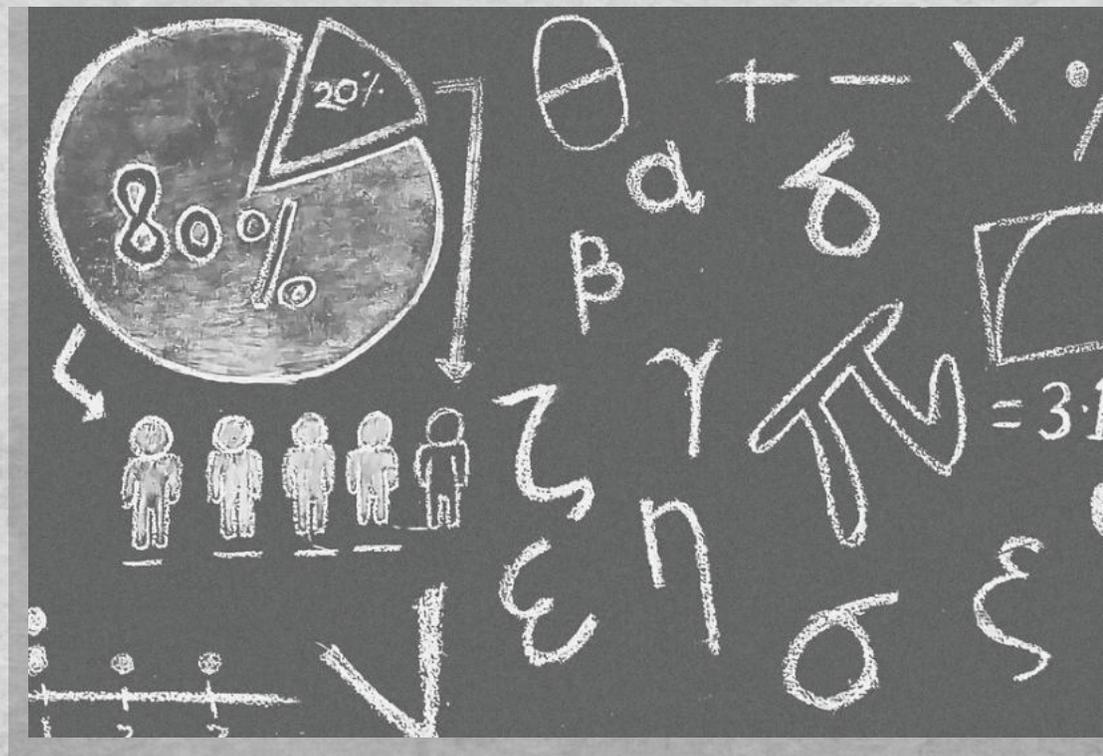
RFP: -Se você estiver envolvida(o) em alguma situação de Educação à Distância, gostaria de relatar como está sendo a experiência?

Zaqueu: -Estou atuando remotamente com alunos da Pós-Graduação em Ensino e História das Ciências e da Matemática da Universidade Federal do ABC (UFABC). Temos estabelecido um ótimo contato, tanto para discutir as questões acadêmicas que são objetivo da disciplina, como para compreender os impactos da pandemia na vida de cada um. O momento que estamos vivendo e as mudanças que tivemos que fazer no programa da disciplina não serviram para diminuir as exigências, nem a qualidade da disciplina. Aulas síncronas com toda a turma, fóruns, leituras, discussão individualizada através de e-mail e de vídeo chamadas foram algumas das formas que estabelecemos para que pudéssemos diminuir os impactos deste momento na formação de cada um. Neste momento também estou reiniciando as atividades de graduação com os estudantes da Licenciatura em Pedagogia da FEUSP. O programa da disciplina de Metodologia do Ensino de Matemática foi repensado tendo em conta esta “nova realidade”. Para dar conta de uma disciplina

teórico-prática, busquei uma vasta gama de modalidades de atividades que possam ser realizadas remotamente, de modo a tentar dar conta de uma boa parcela daquilo que seria realizado presencialmente. Numa disciplina como a que ministro, além das discussões teóricas a respeito de diferentes temáticas da Educação Matemática, é muito importante o manuseio de materiais que são utilizados no ensino de matemática na Educação Básica, como ábaco, material dourado, geoplano e jogos matemáticos. Algumas destas atividades, que seriam executadas no laboratório de matemática, agora utilizarão versões online e aplicativos destes mesmos materiais para que os futuros professores possam apreender os objetivos pedagógicos de cada um. Outra das propostas é que os estudantes produzam e utilizem plataformas de vídeo compartilhado para divulgar materiais didáticos para subsidiar o ensino de matemática da Educação Básica nestes tempos de pandemia. Certamente, a adaptação de disciplinas presenciais utilizando ferramentas remotas não é tarefa simples, mas em caráter emergencial, acredito que todos podemos aprender algo novo neste momento.

RFP: -Professor Zaqueu, agradecemos muito pelo seu relato! É muito impor--

tante ver essa discussão sobre o ensino de matemática, sua experiência frente ao contexto de pandemia e as novas relações estabelecidas nas aulas à distância. Temos plena certeza de que seu relato ajudará muitas pessoas a refletir e a atravessar este momento.





CULTURA E EDUCAÇÃO PARA SUPERAR OS TEMPOS DE COVID-19

ENTREVISTA ESPECIAL COM **MARCOS FERREIRA SANTOS**, LIVRE DOCENTE EM CULTURA E EDUCAÇÃO, PÓS-DOUTOR EM MITOLOGIA E PROFESSOR NA FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA USP

RFP: -Olá, professor Marcos Ferreira! Seja muito bem-vindo à Revista Futuro do Pretérito! Para começar, conte-nos um pouco sobre você.

Marcos Ferreira: - Meu nome é Marcos Ferreira-Santos, sou livre-docente em Cultura & Educação (2004, FEUSP), pós-doutorado em Mitologia (2003, Universidad de Deusto, País Basco). Atuo há 40 anos na área educacional.

RFP: -Quais suas vivências cotidianas e percepções sobre o impacto que a Covid-19 causa na sociedade, atualmente? Quais mudanças ou permanências você percebe na realidade dos estudantes e professores da escola pública, nestes tempos de isolamento?

Marcos Ferreira: -Resido há seis anos na zona rural ao pé da Serra da Cuesta (APA botucatu) por opção de isolamento do modo de vida paulistano de centro urbano que nunca gostei. Saí de Santos/SP aos oito anos e nunca gostei de São Paulo: uma cidade fria (naquela época "terra da garôa"), solitária, cheia de desigualdades e preconceito. Sou caíçara, negríndio com avós em São Jorge dos Ilhéus de origem Kamakã Mongoyó, pelo lado paterno; e avós anarco-siciliana e um judeu-alemão pobre e agricultor fugido da segunda guerra para campos novos de cunha no Vale do Parnaíba. A pele e o meu jeito sempre foram objeto de discriminação social. Inclusive quando entrei na FEUSP como docente. Esta opção de isolamento foi bem anterior ao fenômeno da pandemia. Juntava-se também ao meu pedido de aposenta--

doria que hoje tramita na justiça face aos obstáculos burocráticos da própria universidade. Neste sentido, a quarentena não alterou em nada minha forma de trabalhar. Continuo como sempre em minhas pesquisas sobre mitologia & educação, culturas tradicionais, ancestralidade, iniciação, junto com o cuidado com os jardins (sou jardineiro desde os nove anos de idade), pomar, passarinhos ao ar livre, minhas cachorras, árvores da mata atlântica (mais de 50 árvores plantadas), um ranquinho beira-chão em barro, madeira e vidro construído tijolo por tijolo, hoje enredado de trepadeiras (congêias, argiréias, dombéias, jasmin-estrela) e com teto verde além de um dormitório com teto de vidro para dormir olhando para a lua e as estrelas. Minhas traduções míticas em canções étnicas, poesias, artesanato com pintura rupestre em madeira, cabaça e pedras. Atividades em marcenaria, manutenção do ranquinho e um tempo outro (kairós) completamente diferente do centro urbano (cronológico). Ar puro, dia claro, vento sul forte e noites estreladas ao som de minha viola caipira ao pé do fogão a lenha onde exercito minha alquimia gastronômica e étnica. O fato de me deslocar semanalmente para USP lecionar na licenciatura não era um problema em si, pois sempre adorei o magistério: são 40 anos de exercício). Mas o que tem sido desgastante e oneroso, financeira e animicamente, é o fato de ter que me deslocar até o medonho centro urbano (três horas em ônibus) enquanto não sai a decisão judicial sobre minha aposentadoria. Já me encontro no sexto semestre a mais. Portanto, a quarentena

não mudou nada, a não ser a oportunidade de não ter mais que me deslocar a São Paulo.

As atividades com as duas turmas de POEB com a licenciatura foram adaptadas, mas me parece que não sofreram tanto assim... evidente que todos nós nos ressentimos do corpo presente. Em termos míticos, estamos vivendo sob a égide do chronos/saturno. Aquele que ceifa a vida de suas próprias crias para manter-se no poder. Este período se inicia com a revolução russa e a ascensão dos totalitarismos nos anos 1920 (stalinismo, nazi-fascismo, imperialismo nipônico, getulismo, franquismo, salazarismo, etc). Nada como o velho arquema (esquema ancestral de ação na espécie humana) do déspota, travestido de messias, pai dos pobres, pai da nação – sempre patriarcal; para liderar massas anônimas de descontentes que veem no déspota, não um déspota, mas um “salvador”. Todo totalitarismo é messiânico. Este totalitarismo arrefeceu nos anos 1990 com as conquistas democráticas, mas evidenciou toda a sua força a partir dos anos 2000 e o fenômeno bolsonarista é apenas uma das evidências disto. Todos os con-servadores, literalmente, saíram do “armário” e, pelo voto nesta impos-tura de democracia “representativa”, conduziram o atual pandemônio. Para flertar com a mitologia das palavras, a “pandemia” do Covid-

19 é apenas um fenômeno que participa deste mesmo registro saturnino. Evidencia o suicídio do projeto iluminista, cientificista, capitalista, do funda-mentalismo urbano, consumista, de desertificação, lastreado pela desigualdade social e alta concentração de renda. A miséria é o que sustenta todo bilionário. A hiper-população concentrada nos centros urbanos (centro econômico e político) é um modo de existência destinado a se auto-eliminar. Senão o covid-19 seria qualquer outro vírus, e me parece que ainda outros virão, decorrentes desta hiper-população concentrada. Qualquer reflexão e contato com os ecossistemas nos permite verificar o quanto este fundamentalismo contemporâneo é suicida. Já vimos este horrível espetáculo irracional nas outras pandemias históricas. Como afirmam os historiadores do círculo de annales: “a história não se repete, são os homens que continuam fazendo as mesmas coisas”. O presidente eleito (não por mim que nunca participei dos engodos de eleições representativas), no mesmo espírito saturnino responde ao marco dos 10.000 mortos no brasil dizendo: “E daí?...” e ainda acrescenta: “eu sou o messias mas ainda não faço milagres”, flertando com seu próprio sobrenome. Isso me parece auto-evidente.

RFP: -Quais mudanças, per-

das ou permanências você prevê para o seu campo de estudos, após este período de isolamento?

Marcos Ferreira: -Não percebo mudanças ou perdas. Mas, sim permanências... Refletindo a partir de Nikolay Berdyaev, filósofo anarquista ucraniano (1874-1948) que lutou na Revolução Bolchevique e depois foi perpetuamente exilado pelo partido, vivemos uma “nova idade média” que iniciaria com a própria revolução russa e nada nos mostra a esperança de dias auspiciosos no devir, pois a história não é uma “progressão” – como preferem ver os velhos evolucionistas (marxistas ou não). Desta forma, os totalitarismos prosseguem sua marcha nefasta com aplauso popular. Mas, existe uma progressão técnica evidente, e este incremento tecnológico (hoje biotecnológico) nos deixa cada vez mais sós. Mas, o fato é que vivemos todos na nossa mais profunda solidão. Fenômeno existencial intransponível. Jamais poderemos suplantar nossa solidão. A mais plena consciência de nossa sociedade, consciência de si – que depois será aportuguesada na nossa expressão lusitana mais valiosa: “saudade”. O que podemos fazer é aconchegar nossas solidões, deixar que nossas solidões se acariciem, se tangenciem. Daí a necessidade de expres-

sar, de dizer da sua própria experiência, de tentar comunicá-la. Não conseguimos e, como dizia, Maurice Merleau Ponty (1908-1961), filósofo fenomenólogo francês, tentamos novamente. Isso é que nos incita à criação. Esse é o movente da criação sempre poética: “poiésis” (em grego). Ou ainda como diria Epicuro (341-270 aC), filósofo grego, isso introduz um “clinamen”, um desvio da fatalidade que inaugura a liberdade da criação. Quando “cai” a conexão, um corte na energia elétrica, uma pane no computador ou smartphone, ou ainda o congestionamento no sinal que interrompe as “conexões” na suposta rede (anti) social, voltamos todos para o sombrio e inexpugnável fato existencial de estarmos sós. A ilusão de “surfar” na internet ou “conectar-se” com outras pessoas é tão somente o simulacro mais monstruoso de nossa necessidade de ter alguém com quem falar... Não é “interação”... tão somente “ação” solitária de alguém com a solidão de outros, ou outros, ou outras... Somente a vivência coletiva da subsistência conjunta (autogestionada) é que proporciona a existência de uma possível “pessoa comunal” ou uma “comunidade pessoal”, seja ela de origem ou de destino. Toda sala de aula é uma comunidade de destino. E passará necessariamente pelas “afinidades eletivas”, como diria o poeta ale-

mão Goethe (1749-1832). Ou ainda com Berdyaev: “o espírito humano não é democratizável” em seus seminários sobre Fiódor Dostoiévski (1821-1881) e que lhe rendeu a pena de morte (depois comutada para exílio perpétuo pelo partido comunista russo), dizendo com esta expressão emblemática que as obras humanas e a forma de pensar de alguma pessoa não é algo democratizável. Cada pessoa saberá entender e interpretar de acordo com suas possibilidades no momento em que se encontra, naquilo que denomino de “jornada interpretativa”. Mas, ainda é na própria liberdade que entramos no trágico da existência. Uma escolha dentre milhões. A destinação dos caminhos (não falo em “destino” neste caso) são decorrentes das escolhas que fazemos, individual ou coletivamente. Encontrar alternativas vai depender exclusivamente daquilo que chamamos na antropologia da pessoa (Nikolay Berdyaev, Emmanuel Mounier, Maurice Nedoncelle, Jean Cocteau, Jean Lacroix, Paul Ricoeur, Simone Weil, Edith Stein, Xavier Zubiri, Carlos Díaz, Inés Riego, entre outros) de “valores permanentes”. A defesa da vida, a amizade como bem supremo, o cultivo do prazer, a reverência aos ancestrais, convivência ou viver bem (ou ainda como dizem os quéchuas há mil anos: “sumak kawsay”: viver em plenitude), são alguns exemplos destes valores

permanentes. São estes valores que nos orientam na busca de alternativas. Jamais a justificação dos meios por algum “fim”, pois a pessoa é o desdobramento desta perspectiva, não mais no velho “humanismo” antropocêntrico, mas baseado numa atitude biocêntrica: a defesa da vida – não apenas da vida humana. Isso exige um compromisso com o próprio planeta como ser vivo e complexo. Não se trata de “animismo” como argumentaria o velho racionalista iluminista republicano. Mas, reconhecer as teias complexas que regem a vida para além da arrogância humana. Animista é quem “soca” o caixa eletrônico que “engoliu” seu cartão de crédito.

RFP: -Quais recomendações, baseadas na sua experiência, você daria a outras pessoas, com relação a este período?

Marcos Ferreira: -Não creio em “EaD”... me lembro de uma conversa com Paulo Freire num evento da FIESP sobre o que chamávamos na época de “recursos auxiliares”. Em jogo: o projetor de slides e o retroprojetor de transparências... pouco antes do falecimento de Paulo Freire, no início dos anos 1990. Sua frase era lapidar: “o professor deve fazer uso dos meios auxiliares como extensão de seu corpo e não ser instrumento dos meios auxiliares”. Com minha plena concordância

disse na época sobre o que faço até hoje no magistério desde 1980: corporificar as reflexões através de práticas manuais: argila, marcenaria, mosaicos, pintura em tecido, xilogravura, colchas de retalhos, dança tradicional, desenhos de observação, escrita automática em poemas coletivos, improvisações musicais com instrumentos indígenas e étnicos, exercícios de leitura dramática, improvisação teatral, rádio-novelas, ensaios fotográficos, vídeos-poesia, dança tradicional, fabrico de muiraquitãs, saraus onde discutir coletivamente os resultados...

Não tenho como dar “recomendações”. Nunca acreditei em “receitas”. Mas, aquilo que me exigia a presença corpórea e anímica para incentivar a criação a partir de um espaço confiável de expressão entre as pessoas na condição de estudantes, teve que se “adaptar” para um compartilhamento dos resultados através de um grupo de e-mails, onde todos podiam ver, opinar, perguntar, participar de alguma forma. Foi necessário encontrar uma alternativa, tendo sempre em mente os valores permanentes. Esta é a forma como entendo “avaliação” de um processo, deve ser “em processo” e ao mesmo tempo possibilitar formas distintas de expressão e criação de acordo com o ritmo, sentimento, percepção, reflexão, de cada um. Não há verdades absolutas. O ensino su-

perior, me parece, deveria ser sempre aquilo que “era”: convívio para o sentimento e a reflexão autônomas ... e não esta absurda, vergonhosa, incompetente e tecnicista “escolarização” do ensino superior com seus “penduricalhos pedagógicos”, entenda-se: lista de chamada, seminários de alunos, fichamentos, resumos, provas, que atendem única e exclusivamente o exercício abusivo do poder docente e seu sádico narcisismo magistral, parafraseando Georges Gusdorf (1912-2000), filósofo e educador francês. Tais práticas incitam tão somente o plágio, o papaguear autores em rosários de citações, oblumando a voz própria da pessoa, repetindo exaustivamente o próprio docente em relações narcísicas e perversas. O ensino tradicional continua tão forte desde o séc. XII quando inicia a universidade fundada pela igreja católica, pois a repetição, a reprodução e a subjugação são seus esteios.

Como a escolarização parte da educação básica na compulsoriedade dos sistemas estatais e agora alcançou o ensino superior, sou bastante pessimista. O incremento de EaD apenas reforça a base tecnicista destas ações desde os acordos mec-usaid (1964). Não vejo alternativas, senão na criação de “quilombos” e “aldeias indígenas” no seio da própria universidade para reencontrar o sentido nobre do que é a “inicia-

ção”: fazer junto. Cada qual com seu potencial e seu ritmo, mediados por um iniciador que, simplesmente, quer atingir sua “morte simbólica”, ou seja, aprender a ser desnecessário atingindo no final do processo a igualdade que sempre almejamos; ela não está no ponto de partida do processo, mas, se competente e autêntica a ação do iniciador ou iniciadora, será no seu ponto de chegada. A partir do início das relações abrir mão do poder e despojar-se de todos os “penduricalhos pedagógicos” de sequestro de alunos e alunas para conseguir-se um diálogo fecundo. Ao final, ser promovido de “professor” a amigo. Como dizia Epicuro: “a *philia* é o bem supremo”, faz parte do *pharmakon*. Na miséria, na opressão e no abandono, a pessoa comunal desperta para a sua comunidade afroameríndia e ou oriental e as comunidades vão se constituindo, cada qual ao seu modo, ao seu tempo e ao seu ritmo; – rebeldes à qualquer projeto, programa, política pública, plano, planejamento (sempre impessoais e onde não cabem a vida) – na ação, no gesto, no orgulho de ser o que se é, sem pretensões estrangeiras... Algumas características já evidentes nestas experiências “alternativas”: o abandono do relógio, o abandono da estrutura curricular, o abandono da figura central do professor, o abandono da sala.

retangular, o abandono da arquitetura universitária e escolar dos “caixotes”, que encaixotam as almas, o abandono das cadeiras enfileiradas, o abandono do poder emprestado das hierarquias e das servidões escolares, o abandono da lousa e das tecnologias “educacionais”. Imagino o estado de “choque” do racionalista, iluminista, republicano de plantão como guardião das instituições com estas constatações. Outra lição das comunidades tradicionais que nunca necessitaram de “escolas”, mas sempre tiveram sua própria forma de educação ancestral através da tradição oral: alguém que deseja um conhecimento e outras pessoas que desejam compartilhar o conhecimento. Na iniciação, não é o conhecimento o elemento de cimento social, mas a atitude desejante. Aqui a iniciação penetra na memória, no pensamento, nos sonhos e na alma. Não necessita de escrita. Se inscreve na existência. E a existência inscrita no mundo poderá, então, escrever sua própria história. Sem nenhuma forma de colonialismo. Uma reforma agrária da alma.

RFP: -Quais recomendações você daria às/aos (futuros) professoras/es de escola pública ou pesquisadores, diante deste contexto?

Marcos Ferreira: -Aos futuros professo-res e ou pesquisadores

não posso dar nenhuma recomendação. Todo pedagogo é vítima de uma tríplice maldição: velho, escravo e estrangeiro, nos ensina o saudoso Mario Alighiero Manacorda (1914-2013), filósofo e historiador italiano. Conduzir o efebo (adolescente) ao thiasói (centro de iniciação) para evitar o perigo de encontrar filósofos peripatéticos no caminho (como sócrates) era função dos velhos que já não tinham condições de trabalhar na agricultura. Sempre escravos, não tinham liberdade e serviam à família aristocrata da pólis (cidade). Estrangeiros pois eram escravizados na vitória das guerras contra os outros povos. Portanto, o único pharmakon para esta situação ontológica é rejuvenescer-se com a curiosidade evitando a cristalização e engessamento da “velhice” institucional. Libertar-se das servidões seja ao patrão estatal dos sistemas públicos ou das instituições privadas. E, por fim, reconectar-se com sua comunidade de origem e deixar de ser estrangeiro reconectando-se com sua ancestralidade e os sonhos que o passado tinha – como afirma Paul Ricoeur a respeito de nossos débitos com quem veio antes. Somos o devir destes e nos cumpre, na medida das possibilidades, cumprir com seus sonhos. Flertando com o título do periódico: **“futuro do pretérito”**.

Tão somente um testemunho de uma vida consagrada ao magistério, à criação e à liberdade de expressão em exercícios de autogestão. Quer quiser e tiver olhos, ouvidos e alma para entender a herança que deixo sem testamento (ao modo do amigo e admirável José Sérgio Fonseca de Carvalho), que conheça a obra, compreenda e dialogue com seus resultados. Quem viver, narrará, digo ao final de minha tese de doutoramento (1998). Um momento importante que a pandemia nos impõe através da quarentena é o volta para casa e lidar com o seu abrigo, seu silêncio, sua solidão e o seu próprio vazio. Quando não se pode sair ou sair de maneira limitada, o fato de recolher à casa é simbolicamente o drástico momento de olhar para dentro. Quando não mais se sai para a venda da mão de obra, para a produtividade capitalista e acadêmica, para o exercício sádico da subjugação das pessoas na condição de estudantes, há que se lidar com este “vazio”. Daí também o aumento vertiginoso da violência doméstica: contra as mulheres, crianças e idosos. Aquele que reduz sua existência ao “trabalho” não saberá o que fazer. Me causa náuseas a sucessão de tutoriais na internet com sugestões para o quê fazer na quarentena, como se as pessoas já não soubessem mais viver e nem conviver. Trágico destino da alienação máxima.

Mantenho minha sugestão de sempre: explodir todas as escolas e universidades. A gestão do espaço e do tempo são fundamentais para as relações biocêntricas que se dão no lugar. Há que se recomeçar do zero, ouvindo a herança que nos chega das atuais comunidades tradicionais. Abandonar a geometria cartesiana dos caixotes e das mentalidades. Talvez, na constatação poético-filosófica de Paulo Freire: “à sombra de uma mangueira”, ou na tradição correlata no universo védico: “upanishad”, sentar-se ao pé da árvore para ouvir. Não há nenhuma possibilidade de “reforma do pensamento” como postula Edgar Morin entre outros, na mesma subjugação das servidões escolares no regime de cumprimento de pena de privação de liberdade por quatro horas (ou oito horas quando se branda a famigerada educação em “tempo integral” que atende aos sistemas, mas não à pessoa), diariamente, dentro do presídio-escola-universidade-manicômio. Esta biopolítica necrofílica sobre mortos-vivos se arrastando pelos corredores para cumprir a pena diária é herança desde modo de vida suicida. Romântico? Não. Utópico? Não. Impraticável? Não. As comunidades tradicionais já demonstraram à exaustão esta possibilidade e continuam há três ou quatro mil anos desta forma na

tradição oral. Lembrando sempre aos idólatras da palavra escrita que as tradições orais são ágrafas não por “limitação” ou por que “ainda” não chegaram ao “estágio superior” da escrita conforme o preconceito dos evolucionistas. As tradições orais são ágrafas por que não precisam da escrita. Elas têm uma capacidade altamente plástica na dialética (sem síntese! Para esclarecer aos materialistas históricos) entre tradição e ruptura. O novo emerge precisamente para ser fiel à tradição e atualizar-se. O mesmo preconceito há entre as escritas alfabéticas e as escritas sinográficas muito mais complexas pela necessidade imagética da reflexão, ou ainda as línguas orientais que prescindem do sujeito.

Herdamos no Brasil, por decorrência da escolarização compulsória, a língua do opressor: o português. E ainda nos aprisionamos na estrutura imperialista do sujeito-verbo-predicado. Nossas línguas faladas até o início do século XX: quimbundo, iorubá, nhengatu, guarani, tupi tem estruturas muito mais complexas e uma forma epistemológica circular e espiral, completamente distinta da linearidade da estrutura alfabética da língua do opressor. E ainda devemos agradecer esta colonização da alma pelas instituições republicanas? O problema, ainda, me parece é a insistência no modo

de vida ocidental, do fundamentalismo urbano, capitalista, iluminista, republicano e sua decorrente concentração de hiper-populações.

RFP: -Você possui alguma pesquisa recente que dialogue direta ou indiretamente com este momento?

Marcos Ferreira: Meus trabalhos decorrentes destas investigações mítico-simbólicas em mitohermenêutica em educação e saúde pública estão em livros, capítulos, artigos, poemas, canções étnicas, audiovisuais disponíveis em meu repositório: www.marcosfe.net, assim como também nas plataformas Spotify, Deezer, Youtube, Instagram, alguns livros:

- FERREIRA-SANTOS, M. & ALMEIDA, Rogério (2020). Aproximações ao imaginário: bússola de investigação poética. São Paulo: Galatea USP, 2a. ed., 2020. Disponível em: <http://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/view/453/406/1590-1>.
- VALE, Elis Regina Feitosa & FERREIRA-SANTOS, Marcos. Capoeiras de Elis: poética material da ancestralidade em capoeira Angola. São Paulo: FEUSP, selo Galatea, 2019. 432 p. ISBN: 978-85-60944-98-9 (E-book)- DOI: 0.11606/9788560944989. Disponível em: <http://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/316>.

- FERREIRA-SANTOS, M. & ALMEIDA, Rogério (2019). Antropológicas da Educação. São Paulo: Képos, 3ª Ed. ISBN: 978-85-60944-97-2 (E-book) - DOI: 10.11606/9788560944972. Disponível em: <http://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/318>;
- FERREIRA-SANTOS, M. Cantiga leiga para um rio seco & outras mitologias. São Paulo: FEUSP, coleção Galatea & Képos, 2020, 3 vols., no prelo.
- FERREIRA-SANTOS, M.; MORALES, Patrícia Perez & RUBIRA, Fabiana (2014). Aproximaciones a la educación sensible: vivencia en los núcleos experienciales en Astronomía y Arte-educación. Bogotá: IDARTES – Planetario de Bogotá. ISBN 9789585855373;
- ALMEIDA, Rogério & FERREIRA-SANTOS, M. (org.) (2014). Cinema e as possibilidades do real. São Paulo: Képos. ISBN 9788583730040;
- ALMEIDA, Rogério & FERREIRA-SANTOS, M. (org.) (2012). Cinema e contemporaneidade. São Paulo: Képos. ISBN 9788563541604 SANCHEZ, J.;
- FERREIRA-SANTOS, M. & ALMEIDA, Rogério de (2012). Artes, Museu e Educação. Curitiba: Editora CRV. ISBN 9788580422979;
- ALMEIDA, Rogério de & FERREIRA-SANTOS, M. (org.) (2011). O cinema como itinerário de formação. São Paulo: Képos. ISBN 9788563541321;
- FERREIRA-SANTOS, M. & GOMES, E. S. L. (org.) (2010). Educação & Religiosidade: imaginários da diferença. João Pessoa: Editora Universitária UFPB. ISBN 9788577456307
- FERREIRA-SANTOS, M. (2005) Crepusculario: conferências sobre mitohermenêutica & educação em Euskadi. São Paulo: Editora Zouk, 2a. ed. ISBN 8588840391;
- FERREIRA-SANTOS, M. (Org.) (2002). Imagens de Cuba: a esperança na esquina do mundo. São Paulo: Editora Zouk. CANTER, Henrique Moisés ; PUORTO, G. ;
- FERREIRA-SANTOS, M. et all. (2001). Prevenção de Acidentes com Animais Peçonhentos. São Paulo: Fundacentro/Instituto Butantan. Disponível em: www.fundacentro.gov.br/.../Prevenção%20de%20Acidentes%20com%20;
- CANTER, Henrique Moisés & FERREIRA-SANTOS, M. (Orgs.) (2000). 100 anos de Butantan. São Paulo: Gabarito Editorial. PORTO, Maria do Rosário Silveira;
- SANCHEZ TEIXEIRA, Maria Cecília; FERREIRA-SANTOS, M. & BANDEIRA, Maria de Lourdes (Orgs.) (2000). Tessituras do Imaginário: Cultura & Educação. Cuiabá: Edunic/Cice. CANTER, Henrique Moisés;
- FERREIRA-SANTOS, M. & PUORTO, G. (1996). O Butantan e as Serpentes do Brasil. São Paulo: Instituto Butantan/Itautec, cd-rom;
- FERREIRA-SANTOS, M. ; SILVA, A. P. ; QUIRINO, S. (1981). Três Poetas da Vida. São Paulo: Pontual. (esgotado)

RFP: -Se você estiver envolvida(o) em alguma experiência de Educação à Distância, gostaria de relatar como está sendo a experiência?

Marcos Ferreira: -Nunca acreditei em EaD. Preciso dos corpos presentes, almas presentes (com celular desligado), para tentar conseguir estabelecer um diálogo autêntico e isso é enormemente trabalhoso. As pessoas vêm de uma educação tradicional e na própria universidade são vítimas do sadismo narcísico dos docentes do olimpo. Custa muito eles perceberem que a proposta não é retórica ou apenas “discurso” sobre. Somente com as atividades manuais para corporificar as reflexões e indagações é que, lentamente, começam a desfrutar do diálogo. Neste diálogo, muitas vezes silencioso, está em sinergia o movimento dos corpos, os cheiros, os olhares, as expressões minimalistas de um sorriso maroto, uma atitude de espanto ou de incredulidade, a surpresa dos materiais na mão para atender à proposta e as hesitações iniciais. Não consigo entender que esta formação recíproca possa se dar no simulacro de relações virtuais sem nenhuma virtude (do latim “vis”, força da atitude) e que, rapidamente, se degenera em “violência” (do mesmo radical). Estão acostumados com a esquizofrenia de cursos como, por exemplo, tratando da pedagogia de Paulo Freire, e ao final, tem uma “prova” como avaliação ou fichamentos de textos.

Algo inimaginável ao próprio Paulo Freire. Mas, na universidade é considerado “normal”. Por estas questões existenciais é que fiz uma transposição do sarau final de avaliação com a disponibilidade dos resultados num grupo de e-mails para que todos tivessem a oportunidade de ver, apreciar, discutir, avaliar o processo em conjunto. Não se trata de EaD, mas, ainda lamentamos o fato de não ser presencial, pois aí se junta a celebração conjunta partilhando comida e bebida, como ocorre também nas aulas em seu intervalo, ou como dizem carinhosamente os estudantes: “a hora do chá da vovó de antropob”.

RFP: -Gostaria de acrescentar algo mais?

Marcos Ferreira: Sim! Gostaria de divulgar as seguintes páginas e meu contato:

- www.marcosfe.net
- marcosfe9marcosfe@usp.br
- <https://www.youtube.com/channel/UCQFk3u35FrkTgiMQ4vZMiA?reload=9https://open.spotify.com/artist/4vnyhD4oZBSeymNL0ASv5Z>

RFP: -Professor Marcos Ferreira, muito obrigada/o pelas suas sugestões e por ter compartilhado conosco sua experiência! Temos certeza de que para quem

leu até aqui, foi uma experiência viva e renovadora. Parabéns pelo trabalho!



POR UMA EDUCAÇÃO MAIS HUMANISTA EM TODOS OS TEMPOS, INCLUSIVE NOS DE COVID-19

ENTREVISTA ESPECIAL COM **MANOEL ORIOSVALDO**, MESTRE EM ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA, DOUTOR EM EDUCAÇÃO E PROFESSOR NA FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA USP

RFP: Olá, professor Manoel Oriosvaldo!

Seja muito bem-vindo à Revista Futuro do Pretérito! Conte-nos um pouco sobre você.

Manoel: - Olá, meu nome é Manoel Oriosvaldo de Moura. Sou licenciado em Matemática, pelo Instituto de Matemática e Estatística da USP, tenho Mestrado em Ensino de Ciências e Matemática, pela UNICAMP; sou doutor em Educação pela FEUSP, Livre docente, pela FEUSP, e sou Professor titular da FEUSP. Atuo há 45 anos na área da educação.

RFP: -Quais suas vivências cotidianas e percepções sobre o impacto que a Covid-19 causa na sociedade, atualmente? Quais mudanças ou permanências você percebe na realidade dos estudantes e professores da escola pública, nestes tempos de isolamento?

Manoel: -O descumprimento do isolamento social, por parte da maioria da população, tem sido insistentemente destacado pelos meios de comunicação como um dos fatores preponderantes para a disseminação da pandemia. Por trás desta verdade, no entanto, o que tem ficado evidente é que a maioria da população, dadas as condições de vida, em particular de moradia, materialmente estão impossibilitadas de praticarem o distanciamento sugerido. Um outro fato que chama atenção está fortemente ligado à incompreensão ou ao descaso sobre o papel da ciência na orientação dos com-

portamentos das pessoas para o enfrentamento coletivo de um problema que é de toda a sociedade, dando evidências do quanto os valores individuais se sobrepõem àqueles que forjam o coletivo social. Para o campo da educação fica o chamamento à necessidade de se repensar conteúdos e atividades pedagógicas que possam contribuir para a formação do pensamento teórico dos nossos estudantes, possibilitando-lhes as condições necessárias para a análise do que há por trás dos números que friamente apresentam mortes e enfermos nessa pandemia. É bem provável que essa análise os leve a conclusão de que por trás desses números existe uma estrutura social marcada pela desigualdade econômica.

RFP: -Quais mudanças, perdas ou permanências você prevê para o seu campo de estudos, após este período de isolamento?

Manoel: -Pesquiso a atividade pedagógica entendida como a relação entre ensinar e aprender. A impossibilidade de realizá-la presencialmente tem impactado a organização do ensino. A consequência evidente de perda para a educação, tendo em vista as propostas que vêm se concretizando por meio do ensino à distância, é vermos reforçadas as metodologias de ensino que enfatizam o acúmulo de informações, a educação bancária, diria Paulo Freire. Sabemos que educação requer projeto coletivo, interação e ações partilhadas. **É**

preciso vivenciar o modo humano de se fazer humano pelo desenvolvimento da capacidade de planejar, agir e avaliar se os planos ideais foram realizados, o que permite novo ciclo de atividade e elevação a novos níveis de conhecimento. Isto é garantir o direito à educação.

RFP: -Quais recomendações, baseadas na sua experiência, você daria a outras pessoas, com relação a este período?

Manoel: -Não se trata de uma recomendação. É mais um chamamento à reflexão. Observo que toda pressão que vem sendo feita para o cumprimento dos programas curriculares, por meio de ensino remoto é justificada pelo fato de estarmos diante de uma emergência. O problema é que a urgência de respostas impostas para o atendimento à emergência joga de lado o que é fundamental no processo de formação humana: o conteúdo efetivo dessa formação humana. O emergente/urgente traz à tona o imediato. E aí mora um perigo: o de supervalorizar a forma em detrimento do conteúdo. Neste momento as propostas de EaD podem esconder tanto as visões daqueles que intencionam o cumprimento burocrático do ano letivo, como a dos empresários do ensino para legitimarem práticas que contribuem para diminuir os custos de suas empresas.

Felizmente, temos visto parte da comunidade acadêmica reagindo a este modo sugerido, como resposta à impossibilidade da educação escolar presencial. Fica evidente a necessidade de aprimorar a nossa análise da educação escolar dando a devida dimensão aos meios de sua realização, de modo a podermos responder com mais precisão: para que ensinamos, o que ensinamos, para quem ensinamos, como ensinamos. A resposta a estas questões deverá dar a direção sobre os meios de possibilitar a apropriação da cultura humana e humanizadora.

RFP: -Quais recomendações você daria às/aos (futuros) professoras/es de escola pública ou pesquisadores, diante deste contexto?

Manoel: -Tenho acompanhado vários colegas e ex-alunos sobre o trabalho que vêm desenvolvendo neste período de impedimento do ensino presencial. A maior queixa dos mesmos é sobre a carga de trabalho que tem recaído sobre eles, individualmente. Vivenciamos um sofrimento tanto dos professores como dos estudantes ao ter de substituir uma educação presencial por uma à distância. Era de se esperar que isto acontecesse, dado o fato de estarem utilizando ferramentas muito diferenciadas daquelas que mais usavam até o momento. Mas

há também um outro fato que tem me chamado atenção: a possibilidade de o professor agir como sujeito da atividade de ensino. Tendo que recriar os modos de organização do ensino, o professor é chamado a repensar toda a sua atividade como educador, dando-lhe, assim, a possibilidade de ter o domínio completo da estrutura da sua atividade: planejar, definir ações e modos de realizá-la, bem como a avaliação do resultado do que concretizou, a partir do seu plano idealizado. Esse modo de idealizar e desenvolver a sua atividade, se feito coletivamente, tem a possibilidade de se constituir num modo de formação contínuo daqueles que realizam a educação escolar. Penso que o retorno às atividades educativas, de forma presencial, nos trará impacto na retomada da relação entre ensino e aprendizagem. Espero que os grupos de pesquisas não percam a oportunidade que os inúmeros problemas que estamos vivenciando e que irão surgir neste futuro próximo sejam profundamente pesquisados.

RFP: -Você possui alguma pesquisa recente que dialoga direta ou indiretamente com este momento?

Manoel: -Creio que o diálogo que mais se aproxima com a situação que estamos vivendo no momento é representado pelo que realiza-

mos em um projeto em rede que tive o privilégio de coordenar, do Programa Observatório da Educação, da Capes. A rede foi formada por pesquisadores da USP capital, USP Ribeirão Preto, UFG e UFSM. Fazia parte de cada equipe, professores dos centros de educação, estudantes de graduação, pós-graduandos e professores da rede pública de ensino. Neste projeto pudemos vivenciar o desenvolvimento, de modo colaborativo, da nossa formação, como educadores e pesquisadores, ao desenvolvermos atividades de ensino sob a base teórico-metodológica do que temos chamado de Atividade Orientadora de Ensino. Cito este projeto por ele ser um exemplo de como as ferramentas da interação a distância devem estar em acordo com os objetivos da atividade a ser realizada. Elas, desse modo, são ferramentas de ações planejadas e das quais se fazem necessárias, com determinada intencionalidade pedagógica. Nessa dinâmica pudemos produzir 4 (quatro) livros com atividades de ensino e 4 (quatro) obras com reflexões teóricas sobre o nosso processo de formação. Os livros podem ser encontrados no LABEDUC da FEUSP (www.labeduc.fe.usp.br), Para acessar os livros deve-se entrar na página do LABMAT, e dentro dela clicar em OBEDUC.

RFP: -Se você estiver envol-

vido em alguma situação de Educação à Distância, gostaria de relatar como está sendo a experiência?

Manoel: -O grupo de pesquisa que coordeno (Grupo de estudo e pesquisas sobre a atividade pedagógica-GEPAPe) hoje se constitui como sendo uma rede com pesquisadores de 12 Universidades de diversos estados e regiões do país. Esses pesquisadores organizam-se em núcleos que se reúnem remotamente. Nos encontros presenciais, aqui na FEUSP, os participantes que não puderem se deslocar, se fazem presente por meio de plataforma como o Skype, mas sempre com alguns problemas causados pelas limitações dessa plataforma. Nesta pandemia, mantivemos nossas reuniões de trabalho que têm acontecido por meio da plataforma Google MEET. Dá certo, mais falta a interação face a face, a racionalidade que impera prejudica um pouco a própria vivência do encontro. Presencialmente fazíamos reuniões mensais de quase que o dia todo, com o recurso remoto, duas horas têm sido o limite. Mais uma vez quero deixar claro que a ferramenta deve estar subordinada à atividade a ser realizada. Para as reuniões de planejamento e relatos de atividades de pesquisas vamos ter que usar os meios de interação

que temos acesso nesse momento, como Google MEET e Zoom.

RFP: - Professor, Manoel Oriosvaldo, estamos muito felizes com a sua participação em nossa entrevista! Gostamos muito da sua atuação. Pensamos em grifar os destaques da sua fala, mas desistimos, em algum momento, ao perceber que grifaríamos tudo. Foi muito renovador saber um pouco da sua experiência e ter acesso a essas possibilidades trazidas ao longo do seu trabalho no grupo de pesquisas! Muito obrigada!



ENSINO DE CIÊNCIAS EM TEMPOS DE COVID-19

ENTREVISTA ESPECIAL COM **LUCIA HELENA SASSERON**, LICENCIADA EM FÍSICA, MESTRE EM ENSINO DE CIÊNCIAS, DOUTORA EM EDUCAÇÃO E LIVRE DOCENTE NA FEUSP

RFP: Olá, professor Manoel Oriosvaldo!

Seja muito bem-vindo à Revista Futuro do Pretérito! Conte-nos um pouco sobre você.

Lúcia: - Olá, meu nome é Lúcia Helena Sasseron. Sou licenciada em Física, Mestre em Ensino de Ciências e Doutora em Educação. Recentemente, eu fiz minha livre docência na Faculdade de Educação da USP e sou professora dessa unidade desde 2009. Na Faculdade de Educação eu trabalho em cursos de graduação e pós-graduação; na graduação sobretudo com alunos da Pedagogia e da Licenciatura em Física. Tenho projetos e parcerias com professores da rede municipal e estadual de ensino e também com as professoras da Escola de Aplicação da USP.

RFP: -Quais suas vivências cotidianas e percepções sobre o impacto que a Covid-19 causa na sociedade, atualmente? Quais mudanças ou permanências você percebe na realidade dos estudantes e professores da escola pública, nestes tempos de isolamento?

Lúcia: -A pandemia de Covid-19 está afetando todas as esferas da sociedade. E isso não é exagero. Muito se noticia sobre os impactos da pandemia nos campos econômico e sanitário, mas sentimos a pandemia nas mais corriqueiras atividades. Tenho privilégio de estar em casa, trabalhando de casa, com equipamentos e acesso de qualidade à internet. Estou fisicamente saudável. Apesar disso, vivo altos e baixos emocionais. A preocupação com

a família, com os amigos, com os desconhecidos ocupa grande parte dos dias. Até quando estaremos isolados? Quando será possível retomar uma rotina próxima à rotina pré-pandemia? Quais serão os danos para a população advindos da pandemia? Muitas são as perguntas que seguem sem resposta. Aprender a encarar a mais ampla incerteza é um esforço sobre o qual me embrenho cotidianamente. Para além da incerteza e da inquietação advindas da pandemia e do isolamento social, muito tem me custado lidar com as falsas conclusões e com as notícias mentirosas veiculadas e espalhadas e redes sociais e aplicativos de mensagem. A cada dia muitas destas novas mensagens surgem e revelam, a mim, como professora e pesquisadora do ensino de Ciências da Natureza, duas principais linhas de preocupações: o que há por trás da fabricação destas notícias falsas e o que garante que elas sejam aceitas por quem as recebe. Percebo dois grandes fatores associados a estas linhas: a negação da ciência e o desconhecimento da ciência. Se o primeiro deles acarreta o surgimento e manutenção de teorias conspiratórias, como o movimento antivacina, o terraplanismo e o criacionismo, o segundo, pela fragilidade de conhecimentos de ciências e sobre ciências, pode representar terreno para disseminação de notícias pouco precisas (ou mesmo falsas) e, com isso, exposição aos movimentos mencionados. As falsas notícias, em geral, atraem porque têm um discurso fácil, um discurso direto, sustentados em modos de ver e pensar que as pessoas talvez desejem ter. As ciências dialogam com o

imprevisto, com o desconhecido, e não rejeitam fatos e conclusões que não agradam apenas porque não agradam. A comunidade científica acolhe fatos e busca entender porque aconteceram e se sempre acontecem de modo semelhantes. As falsas notícias ancoram-se em opiniões e crenças; as proposições científicas ancoram-se em evidências, e em muita análise e discussões. Aqui se abre a possibilidade de novos estudos e de novas abordagens para o ensino de Ciências da Natureza, especialmente considerando práticas de análise crítica de ideias e a necessidade de evidências para construir e sustentar um argumento podem ser tratados em sala de aula. Isso revela que as Ciências da Natureza como disciplina escolar devem ser mais do que a dimensão conceitual dos temas a elas relacionados, abarcando aspectos de sua história, filosofia e sociologia, permitindo o contato dos estudantes também com as dimensões social e epistêmica das ciências. Em outras palavras, como o ensino de Ciências da Natureza pode contribuir para a formação de sujeitos na sociedade contemporânea, em que o acesso a informações falsas e tão ou mais intenso que o acesso a informações válidas.

RFP: -Quais mudanças, perdas ou permanências

você prevê para o seu campo de estudos, após este período de isolamento?

Lúcia: -Tenho ponderado sobre o dilema do tempo. Em nossa sociedade, provavelmente pela velocidade com que as coisas acontecem, a velocidade com que recebemos e entregamos informações e com que interagimos, fomos nos habituando a coisas rápidas, a respostas rápidas. No entanto, problemas complexos demandam múltiplas ações, que perpassam a compreensão do problema em sua completude, o levantamento de agentes interferentes, a possibilidade de estudo de alguns (ou muitos) destes agentes, a proposta de explicações, o aprimoramento de explicações e a tomada de decisões. São movimentos contínuos e cíclicos, complexos por sua natureza e por suas interações. Problemas complexos demandam tempo para resposta. Dentre os problemas complexos estão aqueles vinculados às ciências e à educação. O tempo para o desenvolvimento de uma vacina para a Covid-19 adia a cura e resulta em mais infecções e mortes; adia a possibilidade de interações presenciais a que estávamos acostumados; implica na mudança de nossas atividades; torna-nos vulneráveis. Não se pode

simplesmente apressar a resolução deste problema, pois passos descuidados podem trazer problemas maiores do que os que estamos experimentando. Há de se conceder aos cientistas o tempo para estudar, para entender melhor a doença, para encontrar modos de combatê-la.

Assim também para a educação: há que se oferecer tempo para que as pesquisas sobre educação possam reverberar em sala de aula; há de se destinar tempo para a educação das pessoas. Por serem contextos completamente amplos, não se pode esperar que a pesquisa em educação e as ações em educação produzam vacinas para seus problemas. Não há remédios para a educação: há ações múltiplas que podem implicar na melhoria da qualidade do ensino e da aprendizagem, na transformação dos sujeitos e da sociedade. Sem a intenção de oferecer uma resposta, penso necessário voltar a algo que já mencionei: que o oferecimento do contato dos alunos com as disciplinas escolares não seja restrito às suas dimensões conceituais. É necessário que se possa oferecer aos estudantes a oportunidade para conhecimento e reconhecimento das disciplinas escolares como áreas de conhecimento da humanidade; para que possam compreender que contextos, condições, temas e

métodos marcam a proposição de conhecimentos. Isso pode parecer óbvio para quem já ponderou sobre o tema, mas isso é ignorado por boa parte das pessoas. Não reconhecer os conhecimentos como construídos por uma comunidade, a partir de normas e práticas próprias desta comunidade, implica em cogitar que tudo vale, e que todo conhecimento deriva da opinião pessoal. Desconsidera-se, pois, que somos parte de uma sociedade, desigual e injusta, infelizmente, mas complexa e organizada, que já produziu e ainda produz muitos conhecimentos. Conhecer os motivos destas construções e os modos como isso é feito permite que o sujeito participe do mundo, e não apenas esteja nele.

RFP: -Quais recomendações, baseadas na sua experiência, você daria a outras pessoas, com relação a este período?

Lúcia: -Mesmo vivendo em um país com tanta desigualdade, com tantas adversidades e com tantas atrocidades, estamos agora, todos, vivendo um momento único. Estamos lidando com muito mais do que o isolamento social; e pelo isolamento social precisamos reaprender muito. Então, não se afobe. Viva como pode viver e faça as coisas que pode fazer. Não se apresse, não apresse os outros. Vivemos uma excepcionalidade.

Talvez a maior excepcionalidade que muito de nós encararemos em toda nossa vida. E o excepcional exige novos hábitos e novos modos de pensar, de viver.

RFP: -Quais recomendações você daria às/aos (futuras/os) professoras/es de escola pública ou pesquisadores, diante deste contexto?

Lúcia: -Reafirmo a necessidade de lembrarmos que vivemos um momento de excepcionalidade. Isso nos levou a realização de ações que não estamos acostumados e a quais não realizaríamos em tempos normais. Considerando a escola ou quaisquer outros espaços de educação, apesar de estarmos (ou porque estamos) realizando atividades de ensino em modalidade remota, nossos estudantes estão se deparando com a importância da escola para além do local em que se são apresentados a conteúdos conceituais. Sentimos falta do convívio social, sentimos falta das interações, sentimos falta das pessoas. A cada momento fica mais nítido que a escola só ensina pelas interações e que isso também precisa ser ensinado. Não se trata de recitar uma cartilha de normas sobre como interagir, mas se trata de oferecer oportunidades para que as pessoas interajam entre si para construir entendimentos

sobre o que se faz na escola e para além dela. Talvez este seja o aprendizado que eu tenho vivido e que eu possa compartilhar agora: os momentos mais difíceis, mais agudos, também trazem oportunidades para avaliarmos como normalizamos aspectos que não poderiam ser normalizados. Normalizar é não analisar; e não analisar é permitir que pré-conceitos sejam assumidos como adequados mesmo face a novas situações. Estamos aprendendo (a duras penas) que é preciso efetivamente avaliar e reavaliar hábitos, transformando ações e pensamentos cristalizados.

RFP: -Você possui alguma pesquisa recente que dialogue direta ou indiretamente com este momento?

Lúcia: - Nesta pandemia, temos tido contato com intensa exposição da ciência, de seus processos de fazer e do trabalho dos cientistas. Sinto que muitas pessoas ficam à margem destas informações porque desconhecem o que é ciências e como ela dialoga com nossas vidas. Minha pesquisa volta-se ao desenvolvimento de práticas de investigação e de argumentação em aulas de ciências que possam ser transpostas para outras esferas. Isso faz parte do desenvolvimento da Alfa-betação Científica. Neste sentido, entendo que minha pesquisa tem

grande e estreita relação com aspectos do que estamos vivendo devido à pandemia de Covid-19.

RFP: -Se você estiver envolvida em alguma situação de Educação à Distância, gostaria de relatar como está sendo a experiência?

Lúcia: -Estou realizando muitas atividades acadêmicas por meio de videoconferências: reuniões administrativas, reuniões de grupo de pesquisa e de orientação, bancas examinadoras, palestras, além de aulas na graduação e na pós-graduação. Inequivocamente, a experiência é diferente da experiência presencial. Especialmente em relação ao ensino, foi muito claro, logo no início, perceber que a atividade de ensino remota exige outros modos de interação. Não me sinto preparada para realizá-la com as potencialidades que ferramentas de interação digital possam oferecer. Embora isso, busco preservar parâmetros mínimos para manter o compromisso ético com a formação dos estudantes. E, dentro do possível, interagir com estudantes com e pelos temas de aula e com e pelos contextos que vivemos agora. Neste momento, face ao isolamento social, é o único modo de fazer.

RFP: - Professora, Lucia Sasseron, agradecemos muito por sua inestimável contribuição. Sua perspectiva de análise, seus estudos e suas pesquisas dialogam diretamente com este momento. Por este motivo, temos a plena certeza de que esta entrevista ajudará muitas pessoas a refletirem sobre o que está acontecendo. Declaramos também que o seu trabalho influenciou muito na abordagem adotada pela Revista, desde 2019.

Muito obrigada!



O PAPEL DAS CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS EM TEMPOS DE PANDEMIA

ENTREVISTA ESPECIAL COM **FABIANA AUGUSTA JARDIM**, GRADUADA EM CIÊNCIAS SOCIAIS (USP), MESTRE E DOUTORA EM SOCIOLOGIA (PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA - FFLCH/USP).

RFP: -Olá, professora Fabiana Jardim! Seja muito bem-vinda à Revista Futuro do Pretérito! Para começar, conte-nos um pouco sobre você.

Fabiana Jardim: - Olá! Muito obrigada pelo convite. Sim. Meu nome é Fabiana Jardim sou Graduada em Ciências Sociais (USP), Mestre e Doutora em Sociologia (Programa de Pós-Graduação em Sociologia - FFLCH/USP). Atuo há 10 anos na área de estudos educacionais.

RFP: -Quais suas vivências cotidianas e percepções sobre o impacto que a Covid-19 causa na sociedade, atualmente? Quais mudanças ou permanências você percebe na realidade dos estudantes e professores da escola pública, nestes tempos de isolamento?

Fabiana Jardim: -Entendo que a Covid-19, ainda que em alguns aspectos seja um acontecimento inédito, tem funcionado como uma espécie de lupa, ao ampliar a magnitude ou simplesmente ao permitir redimensionar o peso de muitos aspectos bem conhecidos do funcionamento das sociedades modernas ocidentais: no caso brasileiro, e a despeito das desigualdades abissais com que convivemos há séculos, é quase como se o processo acelerado de piora das condições de vida e sobrevivência de parcelas imensas de nossa população estivessem sendo "re-descobertas" no contexto da pandemia - para compreender como o espalhamento da doença se comporta, é necessário "lembrar" a insuficiência crônica da montagem de redes de

saneamento básico nas periferias ou pequenas cidades; a expansão desigual dos serviços ofertados pelo Sistema Único de Saúde (SUS), expressa inclusive na distribuição diferencial de doenças pré-existentes, que predispõe às formas mais graves da Covid-19; os efeitos das desigualdades materiais de acesso à educação escolar; a intensa mercadorização dos trabalhadores sem acesso a direitos, que precisam garantir a sobrevivência a cada dia; os efeitos combinados do processo de precarização dos vínculos de trabalho desde os anos 1990 e da emergência de tecnologias de exploração dessa mão-de-obra pouco qualificada, disponível e empurrada para as várias modalidades de trabalho amador; a catástrofe climática e a produção de novos tipos de segregação, fundada na maior ou menos vulnerabilidade a ser vítima de seus efeitos; e, por último, mas de modo algum menos importante, os modos com que raça e gênero estruturam todas estas desigualdades... Nada disso é novidade, propriamente. O que a pandemia abriu de possibilidade, a despeito do isolamento físico que se impôs às parcelas da população que puderam fazê-lo (seja por não atuarem em setores essenciais, seja por terem condições econômicas de sustentar tal ação), foi certa politização das razões que explicam os diferentes graus de vulnerabilidade à doença. Ou seja: a possibilidade de fazer passar diferenças empiricamente observáveis ao campo da justiça - a possibilidade de, mais uma vez, tentar torná-la legíveis no campo das desigualdades e mobilizar uma agenda política para enfrentá-las, por injustas que são.

Nesse sentido, as ciências sociais e as ciências humanas têm sim contribuições específicas a oferecer, pois parte de suas ferramentas teóricas e metodológicas é afeita a complexidades, aos efeitos compostos de interações no tempo e no espaço, bem como entre distintas escalas temporais e sociais... Distinguir entre o ineditismo do que vivemos e o que persiste ou se recompõe frente à pandemia é certamente uma contribuição que este vasto campo pode oferecer.

RFP: -Quais mudanças, perdas ou permanências você prevê para o seu campo de estudos, após este período de isolamento?

Fabiana Jardim: -As ciências humanas e sociais não são exatamente sistemas de previsão - até porque são ciências que se inscrevem no campo da história, sempre contingente. Pensando especificamente no campo da sociologia da educação, entendo que a crise sanitária provocada pela pandemia (com a suspensão de aulas por um longo período e, possivelmente, com a necessidade de medidas sanitárias que dificultarão o retorno massivo ainda por algum tempo) coloca algumas questões importantes na agenda e reforça outras questões que já vinham sendo enfrentadas: em primeiro lugar, será necessário compreender e levar em conta os efeitos que a catástrofe está provocando no cotidiano e na vida das crianças - o retorno, quando ocorrer,

não será uma "retomada" ao ponto em que paramos, pois as perdas vividas precisam ser reconhecidas (e entendo que as escolas, em sua dimensão de transmissão, têm um lugar privilegiado neste processo de atribuir lugar ao que se perdeu) e coletivamente elaboradas. Há uma dimensão de enlutamento no que estamos vivendo, pelas vidas perdidas, e pelos horizontes de vida que também estamos perdendo (dada a crise econômica que seguramente se aprofundará, dados os aspectos da pandemia conectados com a catástrofe climática ou, ainda, conforme comentado na primeira questão, dado que a dimensão injusta de desigualdades que estavam naturalizadas torna o convívio com elas insuportável). Em segundo lugar, será necessário reconhecer as perdas propriamente pedagógicas e enfrentá-las, também coletivamente - institucionalmente (nas unidades escolares e redes), uma vez que tal enfrentamento só pode se dar no médio prazo. Da mesma maneira que está ocorrendo enquanto a pandemia se desenrola, será necessário cuidar - cuidar das crianças e adolescentes, enquanto tal e enquanto estudantes; cuidar das famílias; cuidar das trabalhadoras e trabalhadores da escola... Acompanhar tais processos será fundamental, inclusive para compreender reconfigurações das desigualdades escolares ao longo do percurso educacional da geração que agora está nas escolas. Finalmente, como a pandemia explicitou ainda

mais o peso da dinâmica racial na produção e reprodução das desigualdades e trouxe nova força a temas que os movimentos negros têm colocado incessantemente na pauta pública, entendo que a dimensão antirracista da educação também precisará ganhar nova força, ganhando o estatuto estrutural nas discussões, formações e projetos político-pedagógicos que ela tem no funcionamento da sociedade. (Vale notar que muitas escolas e redes já estão fazendo tudo isso - meus apontamentos aqui vão no sentido de apontar uma espécie de agenda de pesquisa).

RFP: -Quais recomendações, baseadas na sua experiência, você daria a outras pessoas, com relação a este período?

Fabiana Jardim: -Tenho a impressão de que este período de suspensão da rotina - afinal, mesmo quem precisa circular é a todo o tempo lembrado de que as coisas não estão "funcionando normalmente" (comércios fechados, alguns definitivamente!, máscaras, álcool em gel, mais máscaras...) - tem operado de modo bastante contraditório. De um lado, provoca medo, tristeza, angústia e, de outro, há também uma dimensão de alívio, dado que a vida já há algum tempo vinha se tornando insuportável. Então, tem sido um período de lidar com tudo isso. A situação política do país é um dos fatores principais de angústia e sofrimento

mento - seja porque sabemos bem que a pandemia nos atinge num momento em que populações e sistemas de proteção estavam já muito fragilizados, seja porque os atos políticos - de forma calculada - têm por objetivo seguir no sequestro de nossos afetos de vida (querem nos manter ou tristes ou com ódio). Assim, tenho tentado me manter relativamente longe de redes sociais, como forma de evitar essa demanda por engajamento - ler notícias nos portais já faz diferença, induz a outra temporalidade na leitura.

Manter rotina e horários, lembrar de todas as lições da avó (por exemplo, sobre a importância de acordar e arrumar a cama e manter a pia limpa...), manter as mãos ocupadas nos momentos livres (me joguei no crochê de fio de malha...), não se cobrar demais quando a vontade de chorar atravessa os dias (nas últimas semanas, com o assassinato de João Pedro e depois de Miguel, como não fazê-lo?). E identificar as ações possíveis também, as formas de apoiar pessoas e coletivos que estão próximos àqueles cujas necessidades são urgentes. Redes, laços, solidariedades, alianças - os afetos de vida que eles querem tanto fazer desaparecer.

RFP: -Quais recomendações você daria às/aos (futuros) professoras/es de escola pública ou pesquisadores, diante deste contexto?

Fabiana Jardim: -Não temos receita para lidar com o que virá - e não só

com a vida depois da pandemia. Estamos num momento crítico (e não só de crise), na medida em que no limiar de uma decisão sobre se há futuro para o planeta e para a vida, não só a humana. São tempos bastante duros para nós, que estamos na educação e na universidade, porque a escala da catástrofe faz dos negacionismos estratégia de sobrevivência (pessoal, de modos de vida, de sistemas que produzem a morte...). Os ataques à educação e à ciência podem ser entendidos também neste contexto de recusa a colocar os pés no chão e lidar com a finitude do planeta, de modos de vida. De outro lado, isso que fazemos - zelar pelo arquivo do mundo, buscar questões com que remontá-lo e oferecê-lo, às novas gerações ou aos problemas do presente, perfurar os tempos históricos a partir de outras urgências - se torna ainda mais estratégico. Em termos de recomendações, creio que isso significa: paciência, ser capaz de suportar o reconhecimento de que estamos no campo do desconhecido (condição, afinal, para a atividade de pesquisa...), diálogos - com pessoas, coletivos e com referências bibliográficas e disposição para estudar-estudar-estudar.

RFP: -Você possui alguma pesquisa recente que dialoga direta ou indiretamente com este momento?

Fabiana Jardim: -Nos últimos anos, tenho me dividido entre uma pesquisa sobre a experiência da cidadania no

Brasil, vista pelas trabalhadoras e trabalhadores que encarnam o estado junto à população (nas escolas e na assistência social) e outra em torno da literatura de testemunho, no intuito de compreender a dimensão de transmissão de experiências de violência atribuídas à escola ou a certas pedagogias da memória. É a partir da primeira pesquisa que me preocupo tanto com a questão da estruturação de formas de cuidado aos trabalhadores no momento do retorno, pois o sofrimento envolvido na experiência de estar "na linha de frente" junto à população mais vulnerada no momento mesmo de alteração da "moral do estado" quanto a esta população é bastante presente nas entrevistas que fiz com professoras e professores; sendo os "tradutores" das políticas, produzidas a partir de categorias abstratas, para crianças e adolescentes de carne e osso, o desencontro entre o imaginado (geralmente por formuladores de políticas distantes do chamado chão da escola) e o vivido, bem como a concretude do "fracasso da escola" - que não se expressa em números globais de evasão ou distorção sériedade, mas em ver alunos ou ex-alunos sendo assassinados. A depender da gestão da unidade escolar, é necessário responder a isso apenas com as forças individuais o que é desmedido. Não à toa professores e policiais estão entre as categorias profissionais com

maior número de afastamentos por questões de saúde mental.

A partir da segunda pesquisa se desdobra a preocupação sobre as formas coletivas de lidar com o luto após uma catástrofe/experiência traumática, pois a história nos ensina que a impossibilidade de inscrever a perda na linguagem, na cultura, produz não apenas sofrimentos, mas desumanização e repetição da violência. A pandemia é provocada por um vírus, isto é, um fator biológico, mas tudo o mais - desde a dinâmica do espalhamento até os significados de que é revestida - é social. À violência do desaparecimento repentino dos mortos pela Covid-19 se soma a imensa violência das desigualdades que marcam o país, cuja visibilidade é aumentada sob a lupa da pandemia - o descaso com certos corpos, que são mandados para a casa ou o trabalho, mesmo com sintomas evidentes da doença; a ausência de leitos para os casos mais graves; o "deixar morrer" nas prisões por todo o país; a violência racial e de classe em que se assenta o trabalho doméstico; o genocídio de jovens negros, que a pandemia não só interrompe, mas faz aumentar. A maior visibilidade de tudo isso - que, vale lembrar, já vinha aumentando durante o mais recente intervalo democrático que vivemos, desde 1985 - também consiste em trauma, mesmo que para muitos não consista em qualquer novidade. O que fazer disso é a pergunta que ciclicamente, todas as vezes em que a dimensão dessa violência se explicita, retorna à esfera pública brasileira.

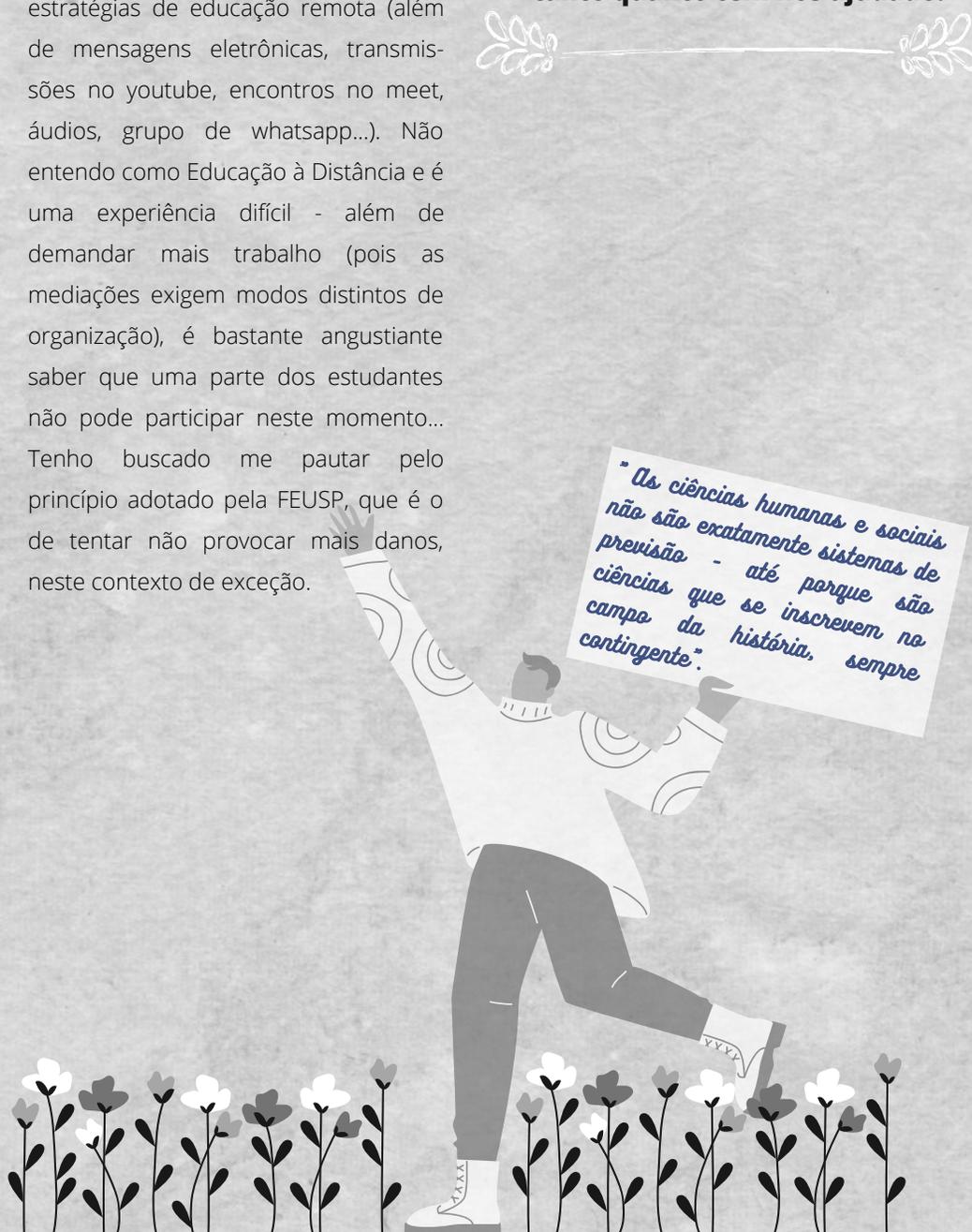
RFP: Se você estiver envolvida em alguma experiência de Educação à Distância, gostaria de relatar como está sendo a experiência?

Este semestre estou oferecendo a disciplina optativa "Desigualdades e Diferenças nas Culturas e na Educação"; por conta da suspensão das atividades presenciais, temos adotado algumas estratégias de educação remota (além de mensagens eletrônicas, transmissões no youtube, encontros no meet, áudios, grupo de whatsapp...). Não entendo como Educação à Distância e é uma experiência difícil - além de demandar mais trabalho (pois as mediações exigem modos distintos de organização), é bastante angustiante saber que uma parte dos estudantes não pode participar neste momento... Tenho buscado me pautar pelo princípio adotado pela FEUSP, que é o de tentar não provocar mais danos, neste contexto de exceção.

RFP: Gostaria de complementar?

Queria agradecer a vocês pelo convite e pela possibilidade de compartilhar estas reflexões.

RFP: Professora Fabiana, muito obrigada pela partilha. Acreditamos que suas reflexões ajudarão muitas pessoas, tanto quanto têm nos ajudado.





OLHAR CRÍTICO EM TEMPOS DE COVID-19

ENTREVISTA ESPECIAL COM **MARCOS SIDNEI PAGOTTO-EUZEPIO**,
MESTRE EM HISTÓRIA E FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO, DOUTOR EM
FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO E PROFESSOR NA FEUSP

RFP: Olá, professor Marcos Euzebio!

Seja muito bem-vindo à Revista Futuro do Pretérito! Conte-nos um pouco sobre você.

Marcos Euzebio: - Meu nome é Marcos Sidnei Pagotto-Euzebio, sou formado em Filosofia (FFLCH-USP), Mestre em História e Filosofia da Educação (FEUSP) e Doutor em Filosofia da Educação (FEUSP). Atuo há 25 anos na área da Educação.

RFP: -Quais suas vivências cotidianas e percepções sobre o impacto que a Covid-19 causa na sociedade, atualmente? Quais mudanças ou permanências você percebe na realidade dos estudantes e professores da escola pública, nestes tempos de isolamento?

Marcos Euzebio: -Antes de tudo, a pandemia gerou incerteza sobre o prosseguimento da vida. Seja o receio imediato da perda da própria vida ou da vida de nossos próximos, seja a dúvida sobre que tipo de vida teremos, depois de superado esse estado de exceção. A que tínhamos antes, para o bem e para o mal, não voltará, e teremos de lidar com mudanças difíceis. Porque a perda de referências que a pandemia provoca nos impede de planejar, de projetar o futuro - mesmo um futuro bem próximo. O cotidiano, a rotina (da qual tantas vezes reclamamos, mas que nos fornece o chão em que pisamos) desapareceram, colocando-nos em um compasso de espera, em uma grande expectativa sempre renovada, fazendo de nós prisioneiros de um presente sobressaltado, cheio de riscos e sofrimento. E o ser

humano é uma criatura de projeto, de antevisão, que funciona lançando-se à frente, na direção do que virá. E não ter condições de prever, minimamente, aquilo que poderá vir é angustiante. É isso o que me chama mais atenção.

RFP: -Quais mudanças, perdas ou permanências você prevê para o seu campo de estudos, após este período de isolamento?

Marcos Euzebio: -No meu campo de estudos, que é a Filosofia, penso que haverá perdas humanas, e perda do contato humano pela impossibilidade de encontros (ao menos encontros não-virtuais). Estão suspensos ou adiados todos os congressos e eventos do tipo. E mesmo a Semana de Estudos Clássicos da FEUSP, que organizamos sempre no primeiro semestre do ano com as alunas e alunos ingressantes em Pedagogia, e que não aconteceu neste ano, não tem sua realização garantida para o ano que vem.

RFP: -Quais recomendações, baseadas na sua experiência, você daria a outras pessoas, com relação a este período?

Marcos Euzebio: -Fique em casa. Ouça os médicos. Use máscara. Tenha calma. E ignore Bolsonaro.

RFP: -Quais recomendações você daria às/aos (futuros) professoras/es de escola pública ou pesquisadores, diante deste contexto?

Marcos Euzebio: -Não descuide de sua formação. Desconfie das respostas fáceis para assuntos complexos. Não seja reducionista: nenhum discurso tem respostas para todas as

perguntas.

RFP: -Professor, gostaria de fazer mais alguma sugestão?

Marcos Euzebio: -Para estes tempos que vivemos, eu recomendaria dois livros. O primeiro, *"Armas, germes e aço: Os destinos das sociedades humanas"*, de Jared Diamond, e o segundo, *"Violência e a História da Desigualdade - Da Idade da Pedra ao Século 21"*, de Walter Scheidel. Eles nos dão pistas sobre como as sociedades e civilizações dependem das respostas que dão a eventos como a pandemia pela qual passamos.

RFP: -Professor, muito obrigada por partilhar conosco suas reflexões diante deste difícil momento pelo qual nossa história atravessa. Já anotamos suas indicações de leitura! Temos certeza de que o seu relato acolherá muito as pessoas.



FORMAÇÃO, ENSINO, APRENDIZAGEM, PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO E VIDA EM TEMPOS DE PANDEMIA

ENTREVISTA ESPECIAL COM **EMERSON DE PIETRI**, DOUTOR EM LINGUÍSTICA
APLICADA AO ENSINO DE LÍNGUA MATERNA E PROFESSOR NA FEUSP

RFP: -Olá, professor Emerson de Pietri! Seja muito bem-vindo à Revista Futuro do Pretérito! Para começar, conte-nos um pouco sobre você.

Emerson: - Oi. Muito obrigado. Meu nome é Emerson de Pietri. Sou doutor em Linguística Aplicada ao Ensino de Língua Materna e atuo há 25 anos na área dos estudos educacionais.

RFP: -Quais suas vivências cotidianas e percepções sobre o impacto que a Covid-19 causa na sociedade, atualmente? Quais mudanças ou permanências você percebe na realidade dos estudantes e professores da escola pública, nestes tempos de isolamento?

Emerson: -No momento em que respondo a esta questão, o Brasil atinge a liderança mundial em número de novos casos da doença, o que é uma resultante da falta de responsabilização do governo federal para com a pandemia, um problema grave para todos os países, mas muito mais grave para um país que se estrutura desigualmente, cuja formação histórica se fundamenta na produção de desigualdades, de injustiças sociais, de violência contra os mais vulneráveis. Essa desigualdade se manifesta nos processos de escolarização, e, em minha área de especialidade, no ensino da língua portuguesa: o acesso aos usos de linguagem mais valorizados socialmente é historicamente interdito às classes mais pobres, e a pandemia veio tornar essa distribuição injusta e desigual ainda mais potente. A alfabetização de crianças que depen-

dem mais estritamente da escola para esse aprendizado se torna mais prejudicada neste momento do que daquelas que têm condições de estudos privilegiados, como acesso à internet, acompanhamento de suas tarefas com o auxílio dos adultos, despreocupação com as necessidades básicas de sobrevivência. Para quem faltam esses recursos, e venha a faltar a escola, as condições de aprendizagem (e não apenas as de aprendizagem) se tornam muito mais difíceis.

RFP: -Quais mudanças, perdas ou permanências você prevê para o seu campo de estudos, após este período de isolamento?

Emerson: -Acredito que os desafios serão grandes para o ensino devido às dificuldades que os trabalhos de interação remota apresentam para a aprendizagem da língua portuguesa. Será preciso desenvolver estratégias para que os processos interativos mediados por tecnologias digitais, principalmente, permitam que recursos de comunicação face a face sejam de algum modo contemplados nos diálogos via tela. Muitas das perdas comunicacionais e interativas nessa passagem de um meio a outro serão irreparáveis. Apenas o retorno a atividades presenciais poderá levar a minimizá-las num momento futuro. As atividades de formação de professores, em disciplinas que possuem estágio supervisionado como uma de suas atribuições, estão sendo reorganizadas neste momento de modo que as atividades que se fazem em processos pedagógicos à distância sejam também tomados como objetos formativos para os licenciandos. Porém, como a formação inicial docente, nesses

casos, se volta para a escolarização convencional, presencial, a impossibilidade de realização do estágio no contexto da escola básica é, de fato, algo bastante prejudicial para a formação docente. Assim, espera-se que a volta das atividades regulares nas escolas possibilite que os estágios sejam retomados e realizados plenamente. As pesquisas na área de formação docente e de ensino de língua portuguesa precisarão, assim, voltarem-se a esta realidade que se impõe, para construir conhecimentos sobre ela que nos auxiliem a produzir novas condições de ensino e de aprendizagem de língua portuguesa.

RFP: -Quais recomendações, baseadas na sua experiência, você daria a outras pessoas, com relação a este período?

Emerson: -Neste momento, é preciso respeitar as condições de cada pessoa face à realidade difícil que enfrentamos. Não é possível querer-se que se imponha a lógica produtivista que vinha pautando as relações sociais antes da chegada da pandemia. Esse lógica é ela mesma doentia, causadora de sofrimento, e a pandemia veio somar a ela outras formas de dor. A responsabilidade social neste momento pede que as pessoas sejam consideradas em suas existências, em suas necessidades fundamentais de vida, e os processos econômicos precisam se pautar por essa responsabilidade. As parcelas desta sociedade que têm historicamente

assumido a tarefa de lutar por condições dignas de vida para todos/as precisam se fazer ouvir, precisam levar aos que ainda se posicionam segundo princípios individualistas, a necessidade de que a solidariedade seja a referência primeira para toda e qualquer decisão. A defesa dos privilégios, que é o projeto político do governo federal neste momento, leva a uma tragédia social, a uma produção de sofrimento imensurável, como estamos vendo acontecer. A recomendação, numa situação como essa, é: pense antes no outro.

RFP: -Quais recomendações você daria às/aos (futures) professoras/es de escola pública ou pesquisadores, diante deste contexto?

Emerson: -Acredito que é preciso posicionar como diretriz primeira para os processos de formação, de ensino e aprendizagem, e de produção de conhecimentos, as condições de vida em que se encontram os sujeitos em nossa sociedade. Se antes essas condições eram tematizadas, agora elas se impõem como premissas. A pandemia, e a situação de isolamento social, que se restringe aos que podem se isolar, explicita de forma ainda mais contundente a desigualdade como base definidora da vida no país. Devido às consequências da pandemia, os meios de comunicação hegemônicos deram a notícia, com atraso de alguns séculos, de que milhões de cidadãos/ãs não existem para o Estado, porque sequer registro de nascimento possuem.

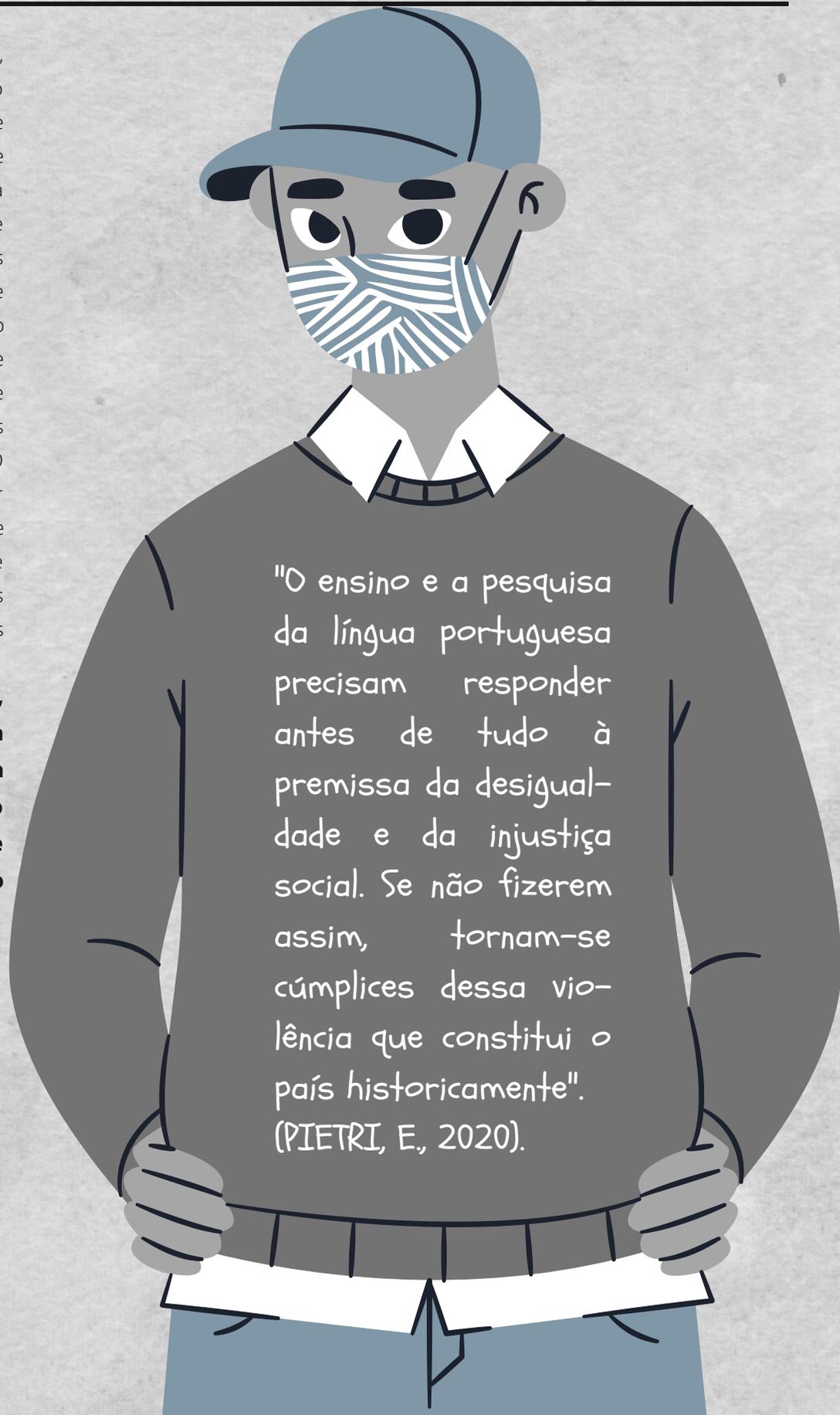
Trouxeram a "novidade" de que o número de miseráveis que precisam de auxílio do Estado para sobreviverem é de muitos milhões a mais do que supunham os que neste momento gerem esse Estado. O ensino e a pesquisa da língua portuguesa precisam responder antes de tudo à premissa da desigualdade e da injustiça social. Se não fizerem assim, tornam-se cúmplices dessa violência que constitui o país historicamente.

RFP: Se você estiver envolvido em alguma experiência de Educação à Distância, gostaria de relatar como está sendo a experiência?

Emerson: -Neste momento, estou desenvolvendo, com o uso de recursos digitais, as atividades das disciplinas de graduação que ministro neste semestre. Além da disponibilização de materiais em repositórios e de oferta de vídeos, entrevistas, cursos, lives, em plataformas digitais, também realizo com os professores em formação inicial encontros online, com o uso de aplicativos de interação síncrona. Seguindo as diretrizes da FEUSP, temos buscado, docente e professores em formação, realizar essas atividades formativas do modo mais respeitoso possível para com as condições de cada um de nós, que incluem desde situações favoráveis ao estudo, a dificuldades com ambientes de trabalho, de acesso a recursos de comunicação, como a internet, a problemas de saúde, de desemprego, de excesso de trabalho, ao cuidado

com crianças pequenas, com idosos, dentre outras situações. O princípio fundamental é todos/as cuidarem de todos/as. É uma experiência nova e importante inclusive porque denuncia as inúmeras práticas que antes se desenvolviam para responder às necessidades de controle social, e que perdem sua razão quando o outro sujeito é respeitado em sua dignidade primeira como pessoa. Esse aprendizado precisa ser mantido após o período de isolamento social. O respeito e o cuidar precisam continuar pautando as relações após esse momento em que a solidariedade se faz mais perceptível porque as condições a impõem de muitas maneiras.

RFP: -Professor Emerson, agradecemos mais uma vez a sua participação nesta entrevista. Aprendemos muito com você e temos certeza de que muitas pessoas gostarão de ler suas reflexões.



"O ensino e a pesquisa da língua portuguesa precisam responder antes de tudo à premissa da desigualdade e da injustiça social. Se não fizerem assim, tornam-se cúmplices dessa violência que constitui o país historicamente".
(PIETRI, E., 2020).



PENSANDO A EDUCAÇÃO INCLUSIVA EM TEMPOS DE PANDEMIA

ENTREVISTA ESPECIAL COM **ANA PAULA ZERBATO**, FORMADA EM PEDAGOGIA, PELA UNESP DE ARARAQUARA, MESTRE E DOUTORA EM EDUCAÇÃO ESPECIAL (UFSCAR), GRADUADA EM CIÊNCIAS SOCIAIS (USP), MESTRE E DOUTORA EM SOCIOLOGIA (PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA - FFLCH/USP).

RFP: -Olá, professora Ana Paula! Seja muito bem-vinda à Revista Futuro do Pretérito! Para começar, conte-nos um pouco sobre você.

Ana Paula: - Olá! Muito obrigada pelo convite. Olá, meu nome é Ana Paula Zerbato. Sou formada em Pedagogia, pela Unesp de Araraquara, Mestre e Doutora em Educação Especial pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Especial da UFSCar. Atuo há 8 anos na área de estudos educacionais.

RFP: -Quais suas vivências cotidianas e percepções sobre o impacto que a Covid-19 causa na sociedade, atualmente? Quais mudanças ou permanências você percebe na realidade dos estudantes e professores da escola pública, nestes tempos de isolamento?

Ana Paula: - É inegável o impacto da Covid-19 na vida das pessoas, em todos os setores da sociedade: econômicos, educacionais, culturais, políticos e sociais. E seus efeitos nos atingem cotidianamente de maneira individual e coletiva, emocional e/ou fisicamente. No campo da educação, o que mais me chama atenção se refere ao campo da Educação Especial, que é a área onde atuo. Há vários aspectos que podem e estão sendo analisados por diversos pesquisadores, por exemplo: **i)** o isolamento social e seus impactos na vida das pessoas com deficiência: Ao “sentir na pele” as dificuldades de se manter isoladas, as pessoas sem deficiência passam por uma experiência que já é bastante conhecida pelas pessoas com deficiência. Para muitas crian-

ças e jovens com deficiência, a escola acaba por se tornar exclusivamente o espaço social externo à família, de convívio com o outro. E esse momento – onde todos, com deficiência ou não, precisamos nos isolar - faz com que repensemos (ou deveria fazer) o quanto ainda nossa sociedade exclui as pessoas com deficiência do convívio, nas diferentes esferas sociais.

ii) a falta de acessibilidade das tecnologias digitais para as pessoas com deficiência, a dificuldade de acesso à educação remota: a acentuação das desigualdades sociais se acentua duplamente no caso daquelas pessoas com deficiência que não possuem condições econômicas que as possibilitem acompanhar o ensino remoto proposto por muitas escolas e porque as plataformas e sites não possuem acessibilidade para esse usuário ou usuária. De acordo com uma notícia (<https://brasil.estadao.com.br/blogs/vencer-limites/coronavirus-isolamento-reforca-importancia-da-acessibilidade-digital/>) publicada no Jornal O Estadão, publicada em 20 de março de 2020, apenas 0,7% dos 14 milhões de websites brasileiros, podem ser acessadas por pessoas com deficiência. As práticas docentes remotas e o desconhecimento dos professores sobre as ferramentas digitais e acessibilidade também se tornam um desafio para tornar o ensino acessível a todos.

RFP: -Quais mudanças, perdas ou permanências você prevê para o seu campo de estudos, após este período de isolamento?

Ana Paula: -O campo de estudo da área de Educação Especial sente-se no compromisso de incluir em suas pesquisas as questões ligadas diretamente aos impactos que esse período de isolamento provocou na educação e na vida das pessoas com deficiência. Muitas discussões já vêm acontecendo sobre as práticas pedagógicas remotas para estudantes público-alvo da Educação Especial, problematização da acessibilidade das tecnologias utilizadas para o ensino remoto e a autonomia da pessoa com deficiência no uso dessas tecnologias; articulação colaborativa dos professores de ensino comum e educação especial para a proposição do ensino remoto às pessoas com deficiência; articulação dos familiares e profissionais da educação especial para o ensino remoto, construção de caminhos acessíveis para garantia do acesso ao conhecimento, entre outros.

Nota: De acordo com o Decreto Federal nº 7.611, de 17 de novembro de 2011, considera-se público-alvo da educação especial as pessoas com deficiência, com transtornos globais do desenvolvimento e com altas habilidades ou superdotação.

RFP: -Quais recomendações, baseadas na sua experiência, você daria a outras pessoas, com relação a este período?

Ana Paula: -Esse momento exige uma atuação extremamente cuidadosa, focada na escuta e entendimento dos contextos diversificados que cada es-

tudante, público-alvo da Educação Especial, vive nesse momento de isolamento social. Primeiramente, a compreensão das especificidades de cada estudante se tornou mais urgente nesse período para garantia do bem estar físico e emocional de cada um. Isso envolve ações de escuta e acolhimento constantes. Em segundo lugar, ao identificar as demandas desses estudantes e seus responsáveis, a discussão coletiva das equipes escolares deveria se direcionar – partindo da decisão referente a manutenção ou não dos estudos, o andamento ou não do semestre - ao planejamento e discussão das ações pedagógicas. O melhor caminho não sabemos, mas o foco na promoção de uma educação que não se torne excludente para estudantes público-alvo da Educação Especial por conta da sua condição de deficiência é crucial. Devemos discutir cada vez mais as tecnologias assistivas, as ferramentas virtuais, as tecnologias de acessibilidade e como pensar uma proposta de educação que leve em conta ritmos e estilos de aprendizado diversificados, e não se trata de mencionar aqui apenas a educação dos estudantes público-alvo da Educação Especial! Uma educação que se volta para pensar na sua prática de acordo com os modos de aprender diferenciados que cada estudante, baseado numa proposta de Desenho Universal para a Aprendizagem, por exemplo, poderá explorar várias possibilidades de ensinar a todos, e consequentemente, maiores serão as possibilidades em se aprender.

RFP: -Quais recomendações você daria às/aos (futures) professoras/es de escola pública ou pesquisadores, diante deste contexto?

Ana Paula: -O presente momento nos mostra o quanto a educação é crucial para a sociedade e sobrevivência de todos. Observamos como a falta de uma boa educação nos prejudicou perante um momento tão delicado e que, consequentemente, tem acarretado a morte de tantos. A desinformação espalhada pelas redes sociais associada as (des)orientações de um governo federal que não tem interesse em combater as desigualdades sociais, e que se agravaram ou foram escancaradas com a pandemia, fez com que a sociedade, que tem uma educação frágil e precária, não levasse a sério as medidas de proteção pelas mesmas desinformações/fake news espalhadas à população, bem como a necessidade de sobreviver por falta de políticas públicas sérias e que dessem condições para as pessoas cumprirem as medidas de segurança e de proteção a sua vida e a vida do outro. Esse período corroborou, para concluirmos, que o ensino e o aprendizado mecânico de conteúdos para ser aprovado para o próximo semestre/ano não é o mais essencial. Por outro lado, as aulas de humanidades, a compreensão histórica e política do país, as aulas de biologia sobre a importância de vacinas, as aulas de exatas para a com-

preensão de gráficos e dos números apresentados à população pela TV, etc, são cruciais para proteger/munir a sociedade contra aqueles que intencionam a manutenção das desigualdades econômicas e sociais entre a população para sustentação das grandes fortunas. Por isso, meu recado é direcionado para todos os educadores e educadoras do Brasil: nossa maior ferramenta contra essa desigualdade que nos é escancarada mais uma vez, é a educação. Por isso, não podemos desistir dela jamais! Como já nos disse nosso grande educador Paulo Freire: "Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda".

RFP: -Você possui alguma pesquisa recente que dialoga direta ou indiretamente com este momento?

Ana Paula: -No momento atual, acompanho às práticas pedagógicas remotas desenvolvidas na Escola de Aplicação da FEUSP, mais especificamente no papel de orientadora pedagógica, da área da Educação Especial. Assim como as demais escolas públicas, a EA se encontra no desafio de pensar cotidianamente alternativas educacionais condizentes com o momento para atenuar os prejuízos que o isolamento social propiciou na educação das crianças e adolescentes da EA. Não é tarefa fácil, mas temos acompanhado a construção coletiva de práticas exitosas pelos professores e professoras da EA e de toda a sua equipe gestora, que cuida-

dosamente busca, pelo contato (virtual) e pela escuta da comunidade atendida, novos meios e formas de manter os estudantes em contato com o conhecimento em tempos de pandemia.

RFP: Se você estiver envolvida em alguma experiência de Educação à Distância, gostaria de relatar como está sendo a experiência?

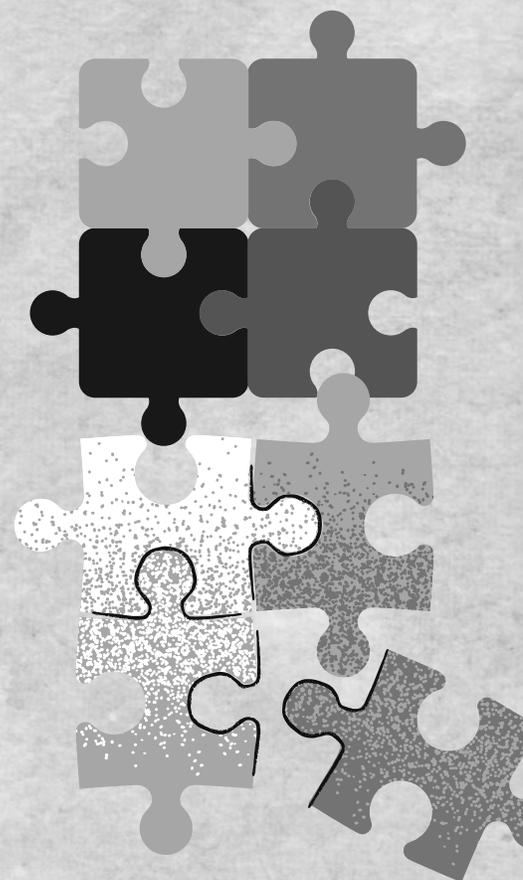
Ana Paula: -Eu não me considero envolvida com uma experiência de Educação a Distância, pois entendo que para a realização de uma educação nesses modos, seria necessária formação adequada e condições para que todos os professores e todos os estudantes a realizassem. Por mais que já tivéssemos acompanhado as experiências dos demais países em relação à pandemia, não nos foi possível essa preparação em tão curto prazo. Observamos que formações adequadas para possibilitar a todos os professores condições de ofertar educação a distância só são possíveis a médio e longo prazo. Hoje, me vejo empenhada na realização de atividades remotas para manutenção dos estudos dos alunos do ensino superior, mais no sentido de buscarmos formas para continuar em contato com o conhecimento teórico no campo da Educação Especial e darmos sentido aos estudantes de licenciatura para continuidade da sua formação acadêmica e futura prática profissional. A todo momento, juntamente com

meus colegas de trabalho e com os estudantes da minha turma, me sinto imersa num processo de aprendizado contínuo sobre educação remota e sobre os desafios que o isolamento nos colocou para a formação inicial de professores.

RFP: -Deseja acrescentar algo?

Ana Paula: -Obrigada pela oportunidade de dialogar com a Revista Futuro do Pretérito.

RFP: -Nós quem agradecemos pelas reflexões que foram suscitadas. Parabéns pelo trabalho!





ENSINO E APRENDIZAGEM EM TEMPOS DE PANDEMIA

ENTREVISTA ESPECIAL COM **JULIANA CHAVES**, DOUTORANDA EM EDUCAÇÃO PELA FEUSP E MESTRE EM LETRAS PELA FFLCH-USP

RFP: -Olá, professora Juliana Chaves! Seja muito bem-vinda à Revista Futuro do Pretérito! Para começar, conte-nos um pouco sobre você.

Juliana Chaves: - Olá. Muito obrigada. Meu nome é Juliana Chaves. Sou doutoranda em Educação pela FEUSP e Mestre em Letras pela FFLCH-USP. Atuo há 10 anos na área de estudos educacionais.

RFP: -Quais suas vivências cotidianas e percepções sobre o impacto que a Covid-19 causa na sociedade, atualmente? Quais mudanças ou permanências você percebe na realidade dos estudantes e professores da escola pública, nestes tempos de isolamento?

Juliana Chaves: -A Covid-19 gerou um impacto social significativo na rotina, nos hábitos e no comportamento das pessoas. Na área educação, em consequência do isolamento social, transformou casas em salas de aula e pais em instrutores. Os professores passaram a atuar de forma acelerada na produção de conteúdos pertinentes às aulas remotas e houve a necessidade do aprendizado de novas ferramentas tecnológicas (plataformas de aprendizagens, aplicativos de celulares, gravações de vídeo) frente ao novo contexto. Se por um lado, os docentes permaneceram na linha de frente para a manutenção da rotina pedagógica, por outro lado houve a necessidade da humanização da aprendizagem, pois muitos discentes, impossibilitados da interação social com os demais colegas, procuram na figura do professor não somente saberes técnicos, mas também

alguém que possa ajudá-los a superar problemas socioemocionais.

RFP: -Quais mudanças, perdas ou permanências você prevê para o seu campo de estudos, após este período de isolamento?

Juliana Chaves: -Acredito que a discussão sobre a implementação da modalidade de educação à distância fique mais consolidada, já que o ensino emergencial remoto acelerou esse processo. Entretanto, observamos vários empecilhos na implementação desta modalidade de ensino: alunos que não possuem acesso às ferramentas tecnológicas, professores despreparados e não capacitados para lidar com novos aplicativos ou exposição, falta de acesso à internet banda larga, alunos despreparados e desmotivados para lidar com a rotina de estudos no ambiente familiar, professores sobrecarregados de tarefas pedagógicas. Entretanto, percebo um fortalecimento da figura do educador que se mostra, em tempos de pandemia, essencial para o processo de ensino/aprendizagem. Neste sentido, observo reclamações significativas dos genitores e dos próprios discentes sobre a atuação dos pais como instrutores das atividades escolares. Assim, mesmo envolvidos a inúmeros conteúdos tecnológicos de informação, pais e alunos tendem a procurar certa interação com o educador e perceber seu potencial de liderança e de mediador do conhecimento.

RFP: -Quais recomendações, baseadas na sua experiência, você daria a outras pessoas, com rela-

ção a este período?

Juliana Chaves: -Aos alunos, eu recomendaria aproveitar ao máximo as diversas ferramentas oferecidas neste período, onde presenciamos o aparecimento de: LIVES, conferências remotas, cursos e livros digitais, conteúdos on-line e diversas outras plataformas disponibilizadas para ajudar no período de pandemia. Aos professores, recomendo se adaptarem às ferramentas tecnológicas e as enxergarem como aliadas no processo de ensino/ aprendizagem. Dentre a quantidade de informação e vídeo-aulas disponíveis, o professor deve extrair um sentido da informação e relacioná-la ao contexto do aluno, ainda, necessita desenvolver a competência interacional necessária para atuar em um mundo em constante e rápida transformação.

RFP: -Quais recomendações você daria às/aos (futuras) professoras/es de escola pública ou pesquisadores, diante deste contexto?

Juliana Chaves: -Aos futuros professores recomendo lecionar mais do que saberes técnicos e científicos, mas ensinar as quatro competências essenciais para o século XXI : pensamento crítico, comunicação, colaboração e criatividade. Yuval Harari nos alerta sobre a necessidade de minimizar habilidades técnicas e enfatizar habilidades para propósitos genéricos da vida. Segundo o autor, o mais importante para este século é a habilidade de lidar com mudanças,

aprender coisas novas e preservar o equilíbrio mental. Todas essas recomendações vêm de encontro ao cenário de pandemia, cujo contexto acelera positivamente a necessidade de se pensar em ser mais do que transmissores de informação. O isolamento social exige do educador a capacidade de lidar com transformações em um novo contexto, dessa forma, preparar o discente de forma holística visando sua atuação, não somente no mercado de trabalho, mas também em seu desempenho social e em sua preparação para o exercício da cidadania, são exigências imprescindíveis. O uso de metodologias ativas será ainda mais valorizado e o professor deve possibilitar a interação na sala de aula invertida, a antecipação ou predição do conteúdo, a prática da empatia e de competências socioemocionais.

RFP: -Você possui alguma pesquisa recente que dialoga direta ou indiretamente com este momento?

Juliana Chaves: -Faço parte do GEPPEP (grupo de estudos e pesquisa produção escrita e psicanálise) da FEUSP e iniciamos uma série de ações para contribuir na situação de crise. Todos os meses, elegeremos um projeto social para apoiar financeiramente; quinzenalmente, divulgaremos exercícios de leitura para auxiliar na análise do cenário político em tempos de fake news e; semanalmente, selecionaremos fragmentos de textos literários e ensaísti-

cos para ajudar a enfrentar a crise com arte. Além disso, sou professora do Ensino Superior e, juntamente com os alunos do curso de psicologia, desenvolvemos um blog com artigos científicos acerca do tema: isolamento social e suas consequências para a mente. Para os discentes, o projeto possibilitou o primeiro contato com a pesquisa e com a escrita científica e pude auxiliá-los a escreverem artigos e relacioná-los com o contexto de pandemia.

RFP: -Se você estiver envolvida em alguma experiência de Educação à Distância, gostaria de relatar como está sendo a experiência?

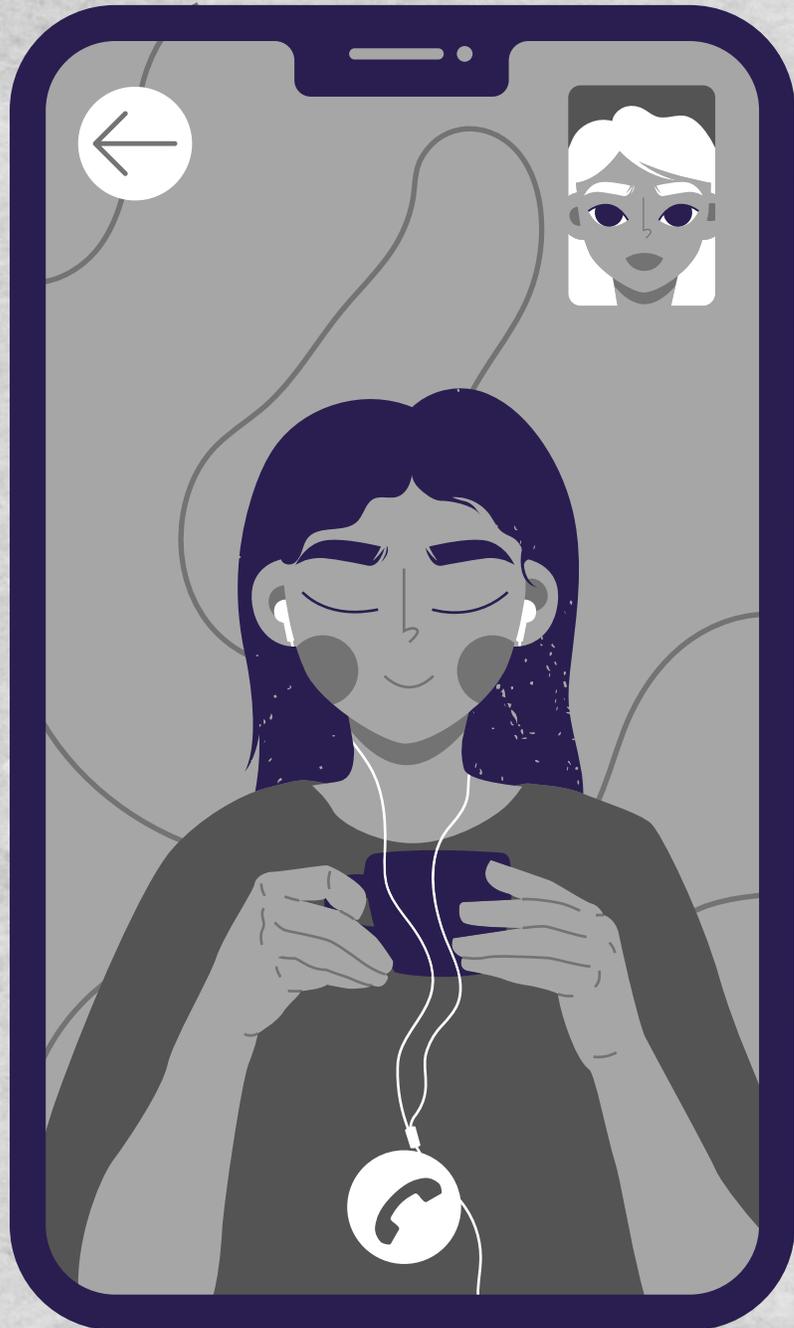
Juliana Chaves: -Não havia trabalhado na educação à distância até este momento. O contexto de isolamento proporciona a participação no ensino remoto e exige que nos reinventemos perante à tecnologia. Neste cenário, a participação em LIVES e videoconferências foram extremamente produtivas como ferramentas de interação, os aplicativos para reuniões ganharam um enorme espaço para a manutenção das aulas e a facilidade da busca pela informação através de: áudio-books, vídeo-aulas, e-books, entre outros; contribuí de forma significativa para a manutenção do ensino. Acredito que não há volta na existência dessas ferramentas no período pós-pandemia, pois elas tendem a ser aliadas no processo cognitivo; entretanto creio que a figura do professor ainda será central como

mediador da aprendizagem, fonte de sentido entre o material teórico e sua utilidade prática e como produtor das várias situações de aprendizagem.

RFP: -Deseja deixar algum recado?

Juliana Chaves: -Gostaria de agradecer à revista: Futuro do Pretérito pelo convite e por proporcionar conteúdos ricos, atuais e significativos. Fico imensamente honrada em poder contribuir e ter um lugar de fala tão importante neste tempo de pandemia e de discussões sociais e raciais. Sucesso e prosperidade à revista!

RFP: -Nós quem te agradecemos por oferecer a nós uma perspectiva reflexiva tão importante! Estamos felizes com a parceria e temos certeza de que seu relato ajudará muitas pessoas, assim com nos ajudou. Parabéns pelo trabalho!





REFLETIR A SOCIEDADE E A EDUCAÇÃO REMOTA EM TEMPOS DE PANDEMIA

ENTREVISTA ESPECIAL COM **MARCELA BONI EVANGELISTA**, DOUTORA EM HISTÓRIA SOCIAL (USP) E PROFESSORA NA FEUSP.

RFP: -Olá, professora Marcela Boni! Seja muito bem-vinda à Revista Futuro do Pretérito! Para começar, conte-nos um pouco sobre você.

Marcela Boni: - Meu nome é Marcela Boni Evangelista. Sou Doutora em História Social (USP). Atuo há 7 anos no campo de estudos educacionais.

RFP: -Quais suas vivências cotidianas e percepções sobre o impacto que a Covid-19 causa na sociedade, atualmente? Quais mudanças ou permanências você percebe na realidade dos estudantes e professores da escola pública, nestes tempos de isolamento?

Marcela: -No âmbito de minha atuação, é possível delinear duas linhas de reflexão complementares. Como docente da Faculdade de Educação, na área de Ensino de História, ministro atualmente a disciplina de Metodologia do Ensino de História I para a Licenciatura. Neste caso, percebo que há diversos níveis de impacto causados pela pandemia de Covid-19. A começar pela necessária interrupção das atividades presenciais, o que implica em indiscutível "queda" da qualidade das atividades de modo geral. Os desafios que se desmembram da situação, no que se refere à prática docente, vão desde a indispensável adaptação a soluções alternativas para a manutenção de aulas e contatos com estudantes, até a vivência de situações de dificuldades técnicas - de acesso a internet de qualidade, equipamentos adequados, gestão do tempo - e referentes à formação específica para lidar com atividades remotas ou, como tem se

Este elemento foi e está sendo pauta de muitas discussões e reflexões pelas instâncias universitárias e torço para que, apesar de todos os pontos negativos, seja oportunidade de aprimorar o atendimento dispensado aos estudantes. De qualquer forma, chama muito a atenção o esforço demonstrado pelas alunas e alunos em manter o foco e lutar pela qualidade de sua formação, seja buscando meios para dar continuidade aos estudos, seja se recusando a fazê-lo a fim de pressionar por discussões mais aprofundadas sobre o ensino à distância e seus desdobramentos políticos. Outra linha de atuação à qual me dedico é a da Educação Básica, já que leciono para o Ensino Fundamental II e Médio em um colégio da região metropolitana de São Paulo. Trata-se de uma escola da rede privada que atende estudantes de classe média e baixa e que, diante da situação de pandemia, passou por diversas discussões sobre como dar continuidade às atividades, optando por antecipar férias e retomar as aulas, no formato virtual, reproduzindo a mesma grade das aulas presenciais. Olhando a partir desta experiência, há muitos pontos que merecem atenção, dos quais citarei brevemente alguns:

- Mesmo sendo uma escola que atende número relativamente pequeno de estudantes, é possível identificar diferentes níveis de acesso a equipamentos (computadores e celulares), bem como de acesso à internet;
- Ainda que a grande maioria consiga acompanhar de alguma forma as atividades, é grande a dificuldade de atender às necessidades específicas dos alunos e alunas em suas dife-

rentes formas de aprendizagem.

O mais relevante, contudo, do meu ponto de vista, é a inevitável e gritante disparidade que este momento causará, e já está causando, entre alunos e alunas das redes privadas e públicas, sendo imprescindível aos profissionais e pesquisadores da área da Educação que voltem seu olhar para as estratégias de minimização de tais desigualdades.

RFP: -Quais mudanças, perdas ou permanências você prevê para o seu campo de estudos, após este período de isolamento?

Marcela: -Há muitas mudanças perceptíveis para a atuação profissional e intelectual neste momento, a começar pela necessidade de adaptação e utilização de meios eletrônicos, que nem todos e todas possuem facilidade em manejar. Desta forma, para além da manutenção de um debate esclarecido sobre os impactos do ensino à distância, se torna indispensável promover ações de formação para professores e viabilização de acesso às tecnologias, tanto para professores quanto para estudantes.

Costumo ser otimista e, neste sentido, quero acreditar que, a despeito das perdas indiscutíveis, estamos vivendo um momento de transformação que, por meio de novas experiências, permite também aprofundamento de reflexões e produção de conhecimentos.

Espero que estes sejam cada vez mais partilhados e que possam alcançar mais pessoas, uma vez que se há algo positivo no uso das tecnologias é sua possibilidade de atingir um número maior de pessoas, especialmente aquelas que estão distantes dos grandes centros de produção de conhecimentos. Assim, muitas atividades têm sido oferecidas pela internet e ampliado o debate sobre diversas temáticas, permitindo que o isolamento social não seja total. No entanto, as coisas não serão mais como antes...

RFP: Quais recomendações, baseadas na sua experiência, você daria a outras pessoas, com relação a este período?

Marcela: -Acho complicado dar recomendações porque parecem conselhos...(Risadas).. Prefiro pensar no compartilhamento dessas reflexões e nas possibilidades que podem surgir. Sendo assim, acredito que a coragem é um ingrediente importante para enfrentar novos formatos. Os desafios são muitos e os erros fazem parte deste processo, mas assim podemos produzir novos modos de atuação e novas formas de nos relacionarmos. Outro ponto importante é prestar atenção nas diversidades e desigualdades que se tornam mais evidentes neste momento, buscando meios de atuar em frentes que buscam minimizá-las.

RFP: -Quais recomendações você daria às/aos (futuros) professoras/es de escola pública ou pesquisadores, diante deste contexto?

Marcela: -Acredito que estas são as pessoas mais importantes, para passarmos por este momento, mantendo a sensibilidade e a empatia. Gosto de pensar que quem escolhe este campo para se profissionalizar tem um compromisso com a sociedade e com o futuro. Sendo assim, espero que continuem tendo este olhar cuidadoso e a escuta atenciosa que sempre tiveram, primando mais pela formação integral e cidadã das crianças e adolescentes do que com a transposição de conteúdos programáticos. Que o direito à Educação seja mote para que a luta não pare e que esta seja sempre de qualidade, sobretudo, a pública! No mais, que o ímpeto em manter-se permanentemente em formação é algo que pode dar mais coragem no enfrentamento das dificuldades que estão surgindo e certamente serão vivenciadas por todas e todos quando isso tudo passar... Aos que se encontram em processo de formação, que seja momento de valorizar as oportunidades de acesso ao ensino superior de qualidade e que busquem lutar para que esta seja também condição acessível para estudantes de todos os grupos sociais e étnicos. O que depende, em muito, de seu/nosso empenho em continuar a compartilhar conhecimentos e produzi-los junto aos

estudantes da Educação Básica. Por fim, que todos esses níveis de experiências possam fomentar pesquisas que fortaleçam a elaboração de políticas públicas que atendam às especificidades dos grupos de alunas e alunos que devem ser o futuro de nossa sociedade!

RFP: -Você possui alguma pesquisa recente que dialoga direta ou indiretamente com este momento?

Estou me dedicando especialmente às questões de gênero, que neste momento de pandemia se mostram ainda mais urgentes. Tenho produzido reflexões que tratam mais especificamente das maternidades e dos direitos reprodutivos das mulheres. Tendo em vista que a situação das mães é fundamental para o desenvolvimento escolar de crianças e adolescentes, sobretudo, os das camadas mais vulneráveis de nossa sociedade, acredito que são trabalhos que tangenciam o debate sobre a Educação. Além disso, a discussão sobre gênero e educação sexual nas escolas faz parte do rol de reflexões sobre os quais tenho me debruçado. Em todos os casos, minha atuação tem se baseado principalmente na história oral como elemento articulador entre prática metodológica, aproximação das pessoas e produção/reflexão teórica.

RFP: Se você estiver envolvida em alguma experiência de Educação à Distância, gostaria

de relatar como está sendo?

Marcela: -Tanto na universidade quanto na Educação Básica, tenho me envolvido com diversas experiências de atividades remotas. As que considero mais exitosas são as que conseguem reunir, ao mesmo tempo, diversas pessoas. As plataformas que permitem tal situação têm se multiplicado, mas percebo que, aos poucos, as pessoas têm conseguido "aproveitar" mais estes momentos em seu processo de formação profissional ou educacional. Acho interessante também a popularização do formato de podcast, que talvez seja mais acessível para a maioria das pessoas e valoriza a escuta e a construção de reflexões diferentes das proporcionadas por outras mídias.

RFP: Gostaria de complementar?

Marcela: -Espero que este momento de grandes dificuldades e desafios possa nos proporcionar novas reflexões e força para o enfrentamento das desigualdades e da produção de conhecimentos na contemporaneidade. Sempre buscando a escuta atenta e o olhar cuidadoso para com o/a outro/a.

RFP: Professora Marcela, muito obrigada pela reflexão proporcionada e por ter aceito participar da entrevista. Temos certeza de que suas palavras ajudarão muitas pessoas, assim como nos ajudou.





PROPOSTAS DE EDUCAÇÃO DEMOCRÁTICA PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL EM TEMPOS DE PANDEMIA

ENTREVISTA ESPECIAL COM GESTORAS DO **CEI ALOYSIO DE MENEZES GREENHALGH.**

RFP: -Olá, professoras! Sejam muito bem-vindas à Revista Futuro do Pretérito! Poderiam nos contar um pouco mais sobre vocês?

Gestoras do CEI Aloysio de Menezes Greenhalgh: - Somos Maria Sonia Henrique (Diretora), atuo há 16 na educação 2 anos e 6 meses no CEI Aloysio; Viviane Ramos De Toledo (Assistente de Direção) atuo há 21 anos na educação 1 ano e 9 meses neste CEI e; Lis Paglione Bonadio (Coordenadora Pedagógica), atuo há 16 anos na educação e 06 meses no CEI Aloysio. Estamos falando em nome da equipe gestora do CEI Aloysio Greenhalgh.

RFP: -Contem para nós um pouquinho da trajetórias de vocês na educação e no CEI Aloysio Greenhalgh?

Maria Sonia Henrique: Ingressei na Rede Municipal de Educação (RME) no primeiro Concurso para Professor de Desenvolvimento Infantil (PDI) dos Centros de Educação Infantil (CEI), após a passagem das Creches para a Educação em 2003. Iniciei em 2004 no CEI Rio Pequeno II na Diretoria Regional do Butantã (DRE-BT) e também em concomitância como Professora de Ensino Básico na Prefeitura da Estância Turística de Embu das Artes onde permaneci até 2006. Ainda na RME, em 2008 passei para o cargo de Professora de Educação Infantil e Ens. Fund. I trabalhando na EMEI Nida Maldí Corazza e depois EMEI Zilda de Franceschi onde permaneci até 2010, ambas na DRE-BT. Em 2010 acessei o cargo de Diretora de Escola no CEI Jardim Dionísio (DRE-Campo Limpo) onde permaneci até final de 2012. Em 2013

me removi para a EMEI do CEU Butantã permanecendo até Final de 2017. Desde 2018 estou no CEI Ver. Aloysio de Menezes Greenhalgh.

Viviane Ramos De Toledo: Iniciei em 1999 minha atuação na Educação em uma escola particular de Ed. Infantil (período em que cursava o magistério). Ingressei na Prefeitura do Município de Osasco no ano 2000 em uma EMEI permaneci até 2002. Em concomitância com Estado no ano 2001 atuei no Projeto recuperação intensiva. Ingressei na Rede Municipal de São Paulo em 2003 no cargo de Prof de Adjunto Ed. Inf. e Fund I, na DRE_BT. Ano de 2003 atuei na EMEF Vianna Moog e EMEI CEU Butantã. Em 2004 EMEF João XXIII e ingresso em concomitância com Município de Osasco em outra EMEF. Passei por várias escolas da DRE_BT, pois meu cargo era adjunto (atribuição feita na DRE para cobrir as U.Es que estavam sem professor), 2005 EMEI Benedicto Castrucci, 2006 EMEI Profa Ma José Galvão, 2007 EMEI Emir Macedo Nogueira. Em 2008 houve a transformação do cargo e me removi para EMEI Benedicto Castrucci. Setembro/2008 sou nomeada a Coordenadora Pedagógica na EMEI Prof Maria José Galvão de França Pinto e decido exonerar o cargo do Município de Osasco. Agosto de 2010 fui convidada para exercer o cargo de Assistente de Diretor na EMEI Profa Ma Apa Vita Piante, onde permaneci até Fev/2017 quando a Diretora aposentou. Em fev/2007 iniciei Assistente de Diretor na EMEI Ed. Nida Maldí Corazza. Vou para o CEI Ver. Aloysio de Menezes Greenhalgh como Assistente de Diretor em setembro/2008.

Lis Paglione Bonadio: -Iniciei minha atuação na educação em 2003 sendo diretora de equipamento social conveniado com a Prefeitura de São Paulo na região de Taipas, atuando diretamente com comunidades e movimento de organização de mulheres do bairro. Posteriormente fui coordenadora de CEI, ainda pelo mesmo projeto na região do Jaraguá. Cursei pedagogia na Faculdade de Educação na Universidade de São Paulo e ingressei como professora de desenvolvimento infantil (PDI) da rede direta de atendimento da Prefeitura de São Paulo. Atuei na Zona leste da cidade em Itaquera e Artur Alvim. Ingressei no cargo de Coordenadora no ano de 2008 atuando em CEI na região de Guaianazes, posteriormente em EMEI na região de Itaquera e em 2013 retornei para CEI na região do Butantã. Além de conhecer diferentes comunidades, das mais heterogêneas da cidade, atuei por cinco anos como coordenadora no ensino fundamental na EMEF Amorim Lima em um projeto de uma escola transformadora. Estou na coordenação do CEI Aloysio desde o início do ano letivo de 2020. Iniciamos o ano revisitando as avaliações finais de 2019 e o Projeto Político Pedagógico do CEI juntamente com a comunidade escolar. Em reunião de organização inicial o percurso foi revisitado e refletido. Os encontros formativos do início do ano letivo apresentaram temática do cuidado do educador e com a discussão sobre os princípios relacionados aos projetos do CEI.

Assim o grupo conseguiu retomar a continuidade dos estudos formativos do PPP no ano de 2020 intitulado A Ação Educativa em Projetos. Após esse início e tendo esse momento de isolamento social trazendo algo inédito em vivências pedagógicas de da própria organização social, o grupo foi reconstruindo possibilidades muito fundamentado nesses princípios o que trouxe grande respaldo e assim surge o “Minha casa toda é um quintal”! Apoiado na escuta das famílias, comunidade escolar e nos princípios do PPP do CEI.

RFP: -Como foi feito o Projeto Político Pedagógico do CEI?

Gestoras do CEI Aloysio de Menezes Greenhalgh:

Projeto Político Pedagógico - A Ação Educativa Em Projetos - O PPP do CEI Aloysio é um processo em permanente construção, para tanto conta com toda comunidade escolar. Atualmente está baseado numa ação Educativa em Projetos. Entendendo o trabalho das educadoras como fundamental para permitir o acesso da criança a diferentes experiências significativas de interações sociais e culturais de aprendizagens e desenvolvimento. Em 2005 a equipe escolar realizou um estudo e iniciou um projeto com Salas ambientes, com o passar do tempo a organização das salas foi sendo repensada, no ano de 2019 o grupo iniciou então a proposta do Projeto Quintais, cuja as salas e demais espaços planejados, são ambientes de livre circulação e exploração por todas

as crianças, de acordo com seu interesse, e na avaliação final de 2019 e na organização de 2020 a comunidade escolar elencou os Projetos: Quintais, Alimentação Saudável, Talentos e Leitura em casa e Projetos dos Agrupamentos, como centrais do PPP 2020. Os projetos utilizam um planejamento participativo e incluem a conversa direta com as famílias que possuem acesso semanal às atividades realizadas, ao planejamento e participam de momentos com reuniões formativas e de vivências, e encontram-se em consonância com as Orientações de SME e do Currículo da Cidade, destacando que no processo de discussão do PPP, valorizando as experimentações e suas intencionalidades, construindo um conjunto de saberes compartilhados e de escolhas fundamentadas nas práticas, mas dialogando com as teorias estudadas nas formações. Os estudos e reflexões destacam nos projetos a importância do respeito ao tempo e interesse dos bebês e criança, a autonomia e escolha dos bebês e crianças, a participação efetiva de todos os funcionários (com a premissa de que todos são educadores) além da participação efetiva das famílias (presentes em encontros formativos, vivências, reuniões, projetos).

RFP: -A gestão do CEI, segundo seu Projeto Político Pedagógico de 2019, ocorre de forma democrática. Qual a importância desse modo de organização participativa? Como isso se dá no cotidiano escolar?

Gestoras do CEI Aloysio de Menezes

Greenhalgh: -A gestão do CEI está baseada nas instâncias de participação e construção coletiva do PPP, bem como das reflexões constantes sobre o processo de ensino aprendizagem. A participação ocorre com escuta ativa de todos integrantes da comunidade escolar em momentos como as reuniões de formação, atividades formativas com famílias, projetos com participação efetiva da família no espaço do CEI, encontros, eventos e construção coletiva de indicadores de qualidade da educação infantil. O planejamento, por exemplo, é semanalmente compartilhado com as famílias, bem como as avaliações semestrais dos bebês e crianças, contemplando falas e fotos do período de desenvolvimento. A equipe de apoio participa de encontros com todo grupo, de projetos realizados com os bebês e crianças, momentos formativos e ainda reuniões específicas para qualificar a escuta e reflexão. Assim, no cotidiano esse processo de escuta, ação, reflexão, escuta é um círculo que promove a organização da participação coletiva.

RFP: -Onde podemos acessar o PPP da sua escola?

Gestoras do CEI Aloysio de Menezes Greenhalgh:

-O link para o PPP do CEI é o seguinte: <https://drive.google.com/file/d/1mdtZk3bMT49Ney43HA53xXwJU96eBoG-/view?usp=sharing>

RFP: -Além do Conselho de Escola e da Associação de Pais e Mestres, existe outra forma de garantir a participação e voz de todos, em especial das crianças? Se sim, quais têm sido os efeitos e resultados dessa forma de promoção de participação entre as crianças?

Gestoras do CEI Aloysio de Menezes Greenhalgh:

-Sim, existem alguns formatos como o momento em que realizamos a dinâmica dos indicadores de qualidade na educação infantil e possibilitamos planejar as necessidades do PPP como toda comunidade escolar, destacando pontos a serem ampliados e encontrando coletivamente desafios. Outra questão importante está na participação efetiva das famílias nos projetos do cotidiano do CEI, como é o caso do Projeto talentos, no qual as famílias junto com um agrupamento, ou de maneira mista chegando mesmo a realizar com toda escola, pode plantar algo, ou fazer uma receita, cantar uma música, ler uma história, revelando que todos temos talentos e vivenciando momentos coletivos. Também são realizadas reuniões de formação com temas específicos e informes que trazem assuntos do PPP para serem pensados por todos, como por exemplo sobre as datas comemorativas. Por fim, iniciamos a itinerância on-line do PPP, recentemente para torná-lo mais vivo, fator este solicitado pela própria comu-

nidade. Tais ações trazem efeitos e resultados na própria participação e autonomia dos bebês e crianças, como podemos ver no Projeto Quintais, momento em que a escolha dos bebês e crianças e as interações são foco de um processo democrático de vivências, aprendizagens e possibilidades.

RFP: -Existem projetos especificamente voltados para a promoção da democracia no CEI? Quais são?

Gestoras do CEI Aloysio de Menezes Greenhalgh:

- Projeto Quintais (Minha casa toda é um quintal - durante a pandemia);
- Projeto Leitura em casa;
- Projeto Talentos;
- Projeto Alimentação Saudável.

RFP: -Quais os principais impactos que a pandemia causou na organização da escola, nas práticas das/os professoras/es, na vida das famílias, das crianças e da comunidade?

Gestoras do CEI Aloysio de Menezes Greenhalgh:

-O inesperado trouxe muitos impactos diretos e indiretos. Reconhecer a comunidade se fez emergente, então, nesse momento. O desafio inicial foi a comunicação até para poder entender as necessidades e desejos das famílias. Por outro lado o primeiro momento estava em reconhecer na equipe escolar as possibilidades como impacto inicial e o necessário fortalecimento. Realizamos então as escutas, com toda comu-

de escolar, professoras, apoio, gestão e entendemos a importância de saber sobre cada família! A comunicação precisava acontecer e nos organizamos para falar com todas as famílias por telefone. Saber como estavam era o princípio, saber suas expectativas e necessidades com relação à escola e ainda saber como seria a melhor forma de nos comunicarmos. A partir da escuta e da reflexão, entendemos ser por Whatsapp o melhor formato de comunicação. Foram criados grupos e diariamente o grupo de professoras enviava uma atividade pensada a partir do PPP e dos princípios desse tempo de pandemia no projeto “A MINHA CASA TODA É UM QUINTAL” com as seguintes prioridades: Vida; Vínculo; Afetividade; Acolhimento e Concepção de Educação Infantil.

Essa foi a reflexão para basear as atividades encaminhadas: A MINHA CASA TODA É UM QUINTAL”

- I. Projeto Político Pedagógico – Projetos da Unidade: - Quintais – Brincar e interações - Leitura em casa – Vivências de leituras - Talentos – propostas de interações e proximidade com as famílias - Alimentação Saudável – Vivências de produção e degustação com alimentos saudáveis
- II. Escutas realizadas com as famílias: - Atividade como convite e não de maneira obrigatória - Uso prioritário do Whatsapp para encaminhar propostas - Atividades que não necessitem de materiais elaborados- Interações e encontros

com o grupo de educadores e crianças III. Questões e avanços próprios da Educação Infantil: - Diminuição do uso das telas -Informes para aproximação de questões próprias da infância - IV Normativas:

- Proposta de trabalho por agrupamento– publicada individualmente por educador;
- Atividade enviada diariamente para as famílias;
- Atividades planejadas por agrupamento (MGII, MGI, BII, BI) trazendo a possibilidade de adequações para ser realizada por todos os agrupamentos.

As atividades passaram, então a ser encaminhadas diariamente, e quinzenalmente iniciados os encontros com as famílias, dentro dos mesmos princípios. Os encontros foram on-line, e possibilitaram músicas, jogos, brincadeiras, festa do pijama, festa junina e saber do desenvolvimentos, das conquistas dos bebês e crianças, bem como de como estava cada família. Concomitantemente realizamos um levantamento da necessidade de cada família com relação a queda de renda ou mesmo de apoio nesse período. A própria comunidade se uniu, sabendo dos dados levantados e realizou uma campanha de cesta básica que possibilitou até hoje três entregas para 15 por cento das crianças. Outra ação desenvolvida foi com relação à necessidade de apoio à equipe da limpeza que foi mandada embora por ser terceirizada, em plena pandemia. Sem a possibilidade de receber o auxílio do governo, por questões buro-

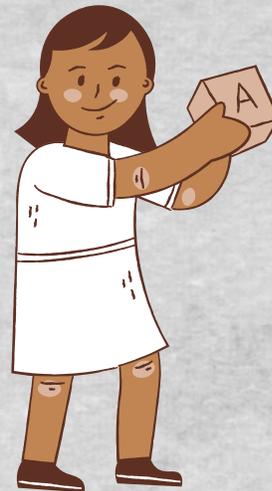
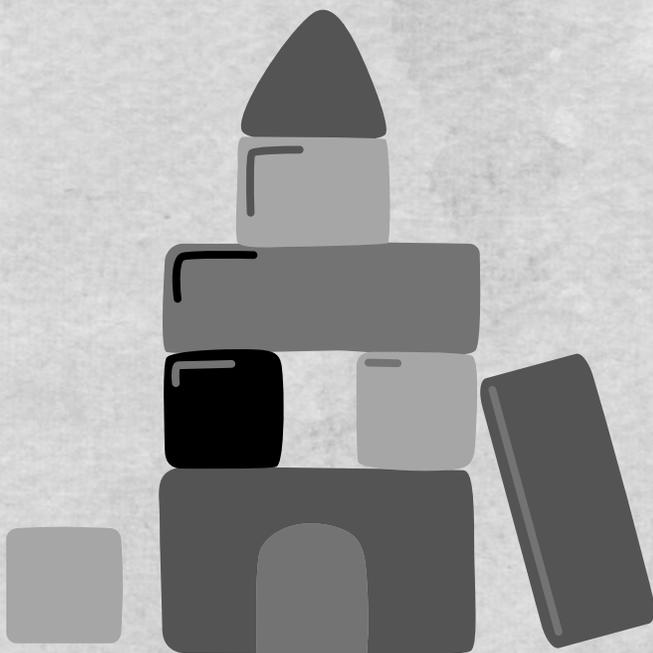
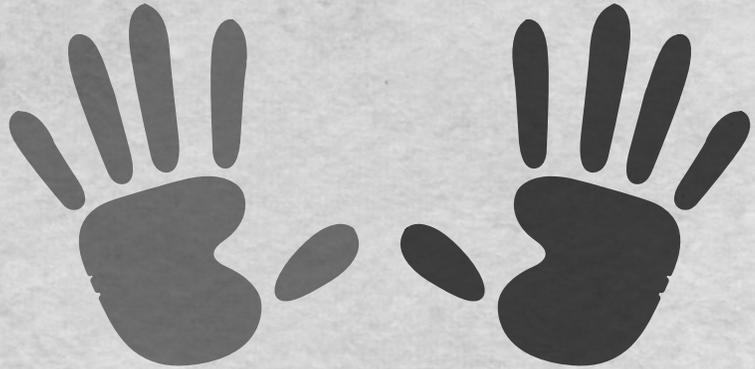
cráticas com a carteira de trabalho, e sem salário, a equipe escolar se uniu e realizou em dois momentos a coleta monetária repassada para as funcionárias que estavam nessa situação. Uma grande rede de solidariedade também se fez envolvendo a própria questão da COVID 19, uma vez que tivemos perdas de familiares de funcionários, pais, mães e funcionários com o vírus e em todo processo de recuperação foram apoiados pelo grupo. Na prática da vida das professoras e famílias, além do encontro se dar apenas de maneira on-line, havia a necessidade de conciliar as atividades diárias de casa, família e trabalho. Assim, todas as famílias foram contatadas, cada qual ao seu tempo e de acordo com sua possibilidade. Muitos retornos escritos, participação nos encontros, vídeos e fotos e áudios das atividades foram enviados. O Projeto Minha Casa Toda é Um Quintal, está presente hoje em 100 por cento das famílias do CEI por trazer a vida como princípio e entender como diz o poeta que o “Meu quintal é maior que o mundo”.

RFP: -Você gostaria de fazer mais alguma colocação a respeito dos impactos que a gestão democrática defendida pela escola causam na comunidade local, nas crianças e em seus responsáveis?

Gestoras do CEI Aloysio de Menezes Greenhalgh: -A gestão democrática possibilita de maneira orgânica um PPP representativo da necessidade e do

desejo da comunidade. A constante escuta, ação e reflexão trazem a possibilidade de projetos que também contemplam a autonomia e escolha por parte dos bebês e crianças, tornando o aprendizado significativo.

RFP: -Estamos muito gratas pela entrevista que vocês nos concederam! O projeto que vocês desenvolvem é inspirador e temos certeza de que trará inspiração para a comunidade que nos lê. Parabéns!





A PANDEMIA E OS RUMOS DA EDUCAÇÃO SOB O OLHAR HISTÓRICO

ENTREVISTA ESPECIAL COM **RONI CLEBER DIAS MENEZES**, DOCENTE DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO. GRADUADO EM HISTÓRIA. MESTRE, DOUTOR E PÓS-DOUTOR EM EDUCAÇÃO.

RFP: -Olá professor Roni! Seja bem-vindo à nossa revista! Para começar, conte-nos um pouco sobre você.

Roni Cleber Dias Menezes: - Meu nome é Roni Cleber Dias de Menezes. Tenho Graduação em História, Mestrado, Doutorado e Pós-Doutorado em Educação. Atuo há 17 anos no campo de estudos educacionais.

RFP: -Quais suas vivências cotidianas e percepções sobre o impacto que a Covid-19 causa na sociedade, atualmente? Ocorre situações específicas neste período de pandemia que podem ser melhor analisadas, do ponto de vista do seu campo de estudos? Se sim o, que mais te chama a atenção?

Roni Menezes: -Penso que a Covid-19, como muitos especialistas têm assinalado – mas não exclusivamente estes – têm levado as pessoas a revalorizar a importância de três elementos fulcrais para a história da humanidade desde, pelo menos, a transição da Era Moderna para a Contemporânea, os quais tem sido alvo de ataques mais virulentos no Brasil nos tempos recentes, ataques esses de mais variada natureza e com os mais distintos interesses. Alude ao Estado, à ciência e à escola. Obviamente que tanto a contribuição de cada um deles para a estruturação da vida moderna dos últimos 250 anos quanto às críticas e reações de que tem sido alvo se distribuem de modo desigual na “régua” do tempo, mas encontramos no Brasil, especialmente dado ao fortalecimento de um certo irracionalismo, aliado a um novo

formato do individualismo desde a década de 1990, um terreno fértil para o vicejo de esquemas mentais –que não se restringem ao plano abstrato, da ideia, mas que encontram veículo em ações concretas, seja pelo recobrado argumento da ineficácia do Estado em determinados setores da vida social, seja pela nova camuflagem que recusa a escola como agência autorizada para realizar a transmissão de saberes e práticas e a introdução dos educandos (mormente a infância) no mundo da cultura letrada – esquemas os quais progressivamente tem contribuído para o desprestígio daqueles três elementos entre sujeitos não apenas das camadas médias ou mais favorecidas. Talvez o reflexo mais recente, no modo como se apresenta e não como ineditismo, responda pela atenuação da potência explicativa – quando não recusa ou mesmo negação – dos postulados de base científica. O reconhecimento, pelo menos advindo dos indivíduos de maior razoabilidade e das instituições mais acreditadas, de que o conhecimento advindo da ciência e de que as ações de organização, controle e apoio social empreendidas pelo Estado são os melhores conselheiros e expedientes para o enfrentamento da Covid-19, associados ainda à percepção dos benefícios trazidos pela vivência educativa propiciada pela escola na sua faceta presencial, é um sinal alvissareiro contra os fanatismos de matiz esotérica e as bandeiras de autorregulação social.

RFP: -Quais mudanças, perdas ou permanências você prevê para o seu campo de estudos, após este período de isolamento?

Roni Menezes: -De um lado é indispensável corroborar as análises que, a par das eventuais soluções que se ocupem de apontar, tem se dedicado a lançar luzes sobre o impacto profundo que a alteração forçada dos regimes de estudos, isto é, das mudanças tanto dos modos em que se opera o ensino *stricto sensu* quanto da organização do entorno da vida doméstica e laboral em que se processam tais estudos trouxe a indivíduos, estabelecimentos educacionais, sistemas de ensino, enfim, a toda sociedade, dada a centralidade – ainda – da escola. Para o campo da história *tout court*, um exame breve e superficial mostra que algumas de suas áreas tem encontrado um incremento na divulgação de trabalhos e pesquisas, acarretando, inclusive uma maior exposição de professores e investigadores em canais de comunicação. Ressalta, sobretudo, a área de história da ciência, militada não apenas por historiadores de formação, mas de ofício também, que tem realizado um trabalho notável de perspectivar historicamente as reverberações para as sociedades humanas da propagação de doenças e epidemias. Poderia me estender ainda mais no registro dos objetos alvo dos investigadores da história da ciência, todavia, fixando-me no domínio a que me cinjo, o da história da educação, gostaria de registrar a potencialidade, com muito ainda a ser explorado, do estudo das interrelações possíveis entre os processos educativos, e escolares nomeadamente, com epide-

mias e insurgências de enfermidades em larga escala e de seus efeitos o discurso pedagógico, sobre a relação entre os sujeitos da escola e acerca da organização das malhas e posteriormente sistemas de ensino.

RFP: -Quais recomendações, baseadas na sua experiência, você daria a outras pessoas, com relação a este período?

Roni Menezes: -Não me ocorre nada absolutamente singular, que escape ao juízo geral que se tem formulado no terreno da comunidade científica, o que de resto não depõe negativamente ao meu posicionamento. Como bem sabido, há muitos fatores – de jaez material, psíquico, cultural, advindos da necessidade de prestar apoio e chamar a si o encargo de indivíduos que dependam total ou parcialmente de seu concurso etc. – que se interpõem em nossa capacidade de lidar com as restrições impostas pelo isolamento social. É de suma importância ter bem presente, e essa lembrança se aplica perfeitamente aos docentes, que outras necessidades que não correlatas à lide acadêmica se afirmam prioritariamente na vida de nossos/as estudantes. Manifestamente avesso a uma postura pedante, excessivamente prescritiva, intuo que a situação requer de estudantes e docentes um posicionamento empático, em que se possa minorar o máximo possível as consequências prejudiciais do isolamento social para a formação discente, respeitando princípios de qualidade de ensino.

RFP: -Quais recomendações você daria às/aos (futuros) professoras/es de escola pública ou pesquisadores, diante deste contexto?

Roni Menezes: -A advertência de que transformações no interior dos repertórios pedagógicos e da organização das unidades escolares e sistemas de ensino, de modo mais ou menos célere, é inexorável. O que não resulta admitir que iremos necessariamente para um rumo A ou B, de que a educação à distância é o “futuro da educação”, entre outras máximas que povoam o discurso publicitário das empresas do ramo educacional. De que se é fato que grandes mudanças no terreno econômico, político, das técnicas e tecnologia e provocados por hecatombes como a atual pandemia impactam severamente a esfera da educação, a história das instituições escolares, da profissão docente, do pensamento pedagógico possuem também uma dinâmica própria, cuja lógica remete à composição e desenvolvimento de seus próprios campos. Ou seja, a recomendação é de que se familiarizem o máximo que puderem com a história da profissão e do campo que abraçaram, a fim de que a reflexividade inerente a esse percurso logre produzir uma intervenção amparada em elementos mais sólidos e que possam com maior probabilidade de êxito se opor às correntes mistificações e lugares-comuns acerca da educação.

RFP: -Você possui alguma pesquisa recente que dialoga direta ou indiretamente com este momento?

Roni Menezes: -Não necessariamente pela dedicação ao estudo do passado educacional, mas os objetos que atualmente me ocupam possuem relação com dinâmicas e sujeitos que não se encontram representados ao atual momento.

RFP: -Se você estiver envolvida(o) em alguma experiência de Educação à Distância, gostaria de relatar como está sendo a experiência?

Roni Menezes: -Aqui me parece ser necessário estabelecer uma diferenciação: educação à distância envolve uma estrutura e organização específicas, com ferramentas adaptadas, existência de percursos didáticos pensados para a modalidade, apoio de equipe de supervisão e tutoria, entre outros. Se levarmos em consideração a necessidade que muitos docentes, de todos os níveis de ensino, tiveram de migrar seus cursos, disciplinas e “matérias” para o formato não presencial o que resulta daí é um ensino praticado remotamente apenas. O último formato tenho experimentado agora, por conta da obrigatoriedade do isolamento social, e tem sido uma experiência que demandou muita reflexão, especialmente pela minha condição de coordenação do curso de Licenciatura em Pedagogia da Feusp, e o consequente engajamento nos trabalhos as-

sociados aos temas da graduação. No que toca à experiência propriamente dita ainda é cedo para emitir um juízo, mas tenho procurado seguir as linhas gerais que mencionei em resposta anterior, sobre as recomendações a outras pessoas.

RFP: -Professor Roni, muito obrigada pela participação em nossa entrevista. As diferenciações que você trás, assim como ocorre em outras entrevistas, é muito importante para nós e para nosso público.

